

ROSANGELA FÁTIMA DE SOUZA AZUAGA

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE FUTSAL EM PAIS E FILHOS DE
UMA ESCOLA DE INICIAÇÃO ESPORTIVA**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
MESTRADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE, MS
2012

ROSANGELA FÁTIMA DE SOUZA AZUAGA

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE FUTSAL EM PAIS E FILHOS DE
UMA ESCOLA DE INICIAÇÃO ESPORTIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração: Psicologia da Saúde, sob a orientação do Prof. Dr. Marcio Luís Costa.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
MESTRADO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA DA SAÚDE
CAMPO GRANDE, MS
2012

RESUMO

Esta dissertação identifica e discute as Representações Sociais de futsal para pais e filhos em uma escola de iniciação esportiva em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O objetivo do estudo foi compreender como esses praticantes da atividade física de futsal, bem como seus familiares, constroem suas compreensões de senso comum sobre o futsal, e por ancoragem e objetivação as convertem em Representação Social. Os sujeitos da pesquisa foram crianças que frequentam essa escola nas categorias Fraldinha (7 a 8 anos), Pré-mirim (9 a 10 anos) e Mirim (11 a 12 anos), além de seus pais. O objeto da investigação consistiu em levantar e analisar os significados atribuídos por esses sujeitos ao futsal, abrangendo seus aspectos de atividade esportiva, de atividade lúdica, de socialização, de integração familiar, de possível elo para a profissionalização e de prática educativa. O referencial teórico adotado foi o da Teoria das Representações Sociais, que, por focalizar o universo consensual, explicita a consciência coletiva sobre determinado fenômeno. Como instrumentos de pesquisa utilizaram-se o roteiro de entrevista e observações de campo. Por meio da análise temática, foi possível vislumbrar que as Representações Sociais de futsal, nessa população, abrangem não apenas sua natureza de prática esportiva, mas também seu papel estrutural, lúdico, profissional, social, familiar e educativo para pais e filhos.

Palavras-chave: Representação social; Futsal; Psicologia do esporte.

ABSTRACT

This paper identifies and discusses the social representations of indoor soccer for parents and children in a youth indoor soccer school in Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brazil. The goal of this study is to understand how the practitioners of physical activity of indoor soccer, as well as their family, build their commonsense understandings about indoor soccer, and how they are converted by anchoring and objectification in Social Representation. The study subjects were children attending this school in the age categories 7-8 years, 9-10 years, and 11-12 years, and their parents. The object of this research is the meanings attributed by the study subjects to indoor soccer, covering the aspects of sports activity, recreational activity, socialization, and family integration. Furthermore it investigates the possible link to the professional and educational practice. The adopted theoretical framework is that of the social representation theory, which, by focusing on the consensual universe, explains the collective consciousness about a particular phenomenon. The research tools are semi-structured interviews (using questionnaires for both children and parents), and field observations. Through thematic analysis, it is possible to discern that social representations of indoor soccer in this population include not only the nature of sport, but also include the structural role, play, professional aspects, social aspects, family aspects and educational aspects for parents and children.

Keywords: Social representation; Indoor soccer, Sports psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO.....	8
2.1.1 Teoria da assimilação de Jean Piaget.....	8
2.1.2 Teoria genética de Piaget.....	9
2.1.3 Psicologia do desenvolvimento evolutivo da criança.....	10
2.1.4 Ciclo vital da vida humana.....	14
2.1.5 Desenvolvimento infantil e a família.....	16
2.2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	19
2.3 PSICOLOGIA DO ESPORTE.....	28
2.3.1 Esporte.....	33
2.3.2 Educação e esporte.....	34
2.3.3 Futebol.....	36
2.4 FUTSAL.....	38
2.4.1 Pedagogia do futsal.....	40
2.4.2 Desenvolvimento cognitivo e motor das crianças e dos adolescentes.....	42
2.4.3 Pais e filhos.....	45
3 OBJETIVOS.....	50
3.1 GERAL.....	50
3.2 ESPECÍFICOS.....	50
4 MÉTODO.....	51
4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	51
4.2 LÓCUS DE PESQUISA.....	52
4.2.1 Histórico.....	53
4.2.2 Filosofia da escola pesquisada.....	54
4.3 PARTICIPANTES.....	56
4.4 INSTRUMENTOS.....	56
4.5 PROCEDIMENTOS.....	56
4.6 PLANO DE ANÁLISE DE PESQUISA.....	57
4.7 ASPECTOS LEGAIS E ÉTICOS.....	57
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	59
5.1 O FUTSAL COMO ATIVIDADE LÚDICA.....	59
5.2 O FUTSAL COMO MEIO DE SOCIALIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO FAMILIAR.....	64
5.3 O FUTSAL COMO POSSIBILIDADE DE PROFISSIONALIZAÇÃO.....	68
5.4 O FUTSAL COMO PRÁTICA EDUCATIVA.....	72
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICES.....	87

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi construída a partir da vivência da pesquisadora em eventos esportivos de grande porte, incluindo a Copa do Mundo na Alemanha em 2006 (como observadora) e o Pan Rio em 2007 (como voluntária). Atualmente trabalha como psicóloga do esporte na EP, Escola de Iniciação Esportiva de Futsal, que opera há mais de 28 anos em Campo Grande, MS, com as categorias Mamadeira (5 a 6 anos), Fraldinha (7 a 8 anos), Pré-mirim (9 a 10 anos) e Mirim (11 a 12 anos). A pesquisadora atua diretamente com a comissão técnica e com os pais e responsáveis, acompanhando treinos e campeonatos.

Definiu-se como local de pesquisa a referida Escola, que tem como desígnio contribuir para a prevenção, qualidade de vida e construção do saber da criança inserida nessa realidade. Esses aspectos transcendem o movimento do corpo, configurando o âmbito da educação psicomotora, ou seja, a construção da liberdade pelo conhecimento lúdico do esporte – propósito que o estabelecimento promove com o lema “Aqui, campeões aprendem brincando”.

Neste estudo, considera-se que a criança e o pré-adolescente fazem parte de um grupo em transição de desenvolvimento. Embora todo sujeito vivencie esse processo, é influenciado nessa fase por referências e pelo convívio social. Isso aponta a importância de se compreender a dinâmica desse desenvolvimento, nesse caso, de modo especial, as influências das representações oriundas do meio social e que concorrem nesse processo.

Esta pesquisa se propõe determinar as Representações Sociais (RS) preponderantes em pais e filhos que participam cada um a sua maneira, desse processo de desenvolvimento. Para tanto, será necessário elucidar como a criança inicia suas atividades esportivas – neste caso, por meio do futsal –, visto que muitas crianças estão sendo profissionalizadas cada vez mais cedo no âmbito esportivo, bem como buscar compreender como são construídos os saberes desse grupo, como está sendo feita a escolha dessa atividade física e de que maneira pais e filhos participam desse processo como um todo.

No mundo subjetivo e grupal, as relações entre pessoas e grupos podem ser explicadas em função de interações, de estruturas, de trocas, de hierarquia e outros. O resultado dessa interação é a concordância que impera entre os indivíduos. As

representações que são formadas por essas inter-relações impregnam-se do conteúdo dessa articulação, atribuindo às atividades um sentido e uma regra.

A participação de pais e filhos no universo das práticas esportivas e o modo como percebem esse universo podem ser desvendados a partir das reproduções compartilhadas e elaboradas por essa relação, possibilitando revelar a representação vivenciada pelos participantes da pesquisa.

Para mostrar, no seu conjunto, o caminho trilhado nesta pesquisa, o presente relatório, na forma de dissertação, foi organizado de tal modo que o Capítulo 2 focaliza a fundamentação teórica, constituída por teorias da psicologia do desenvolvimento, das representações sociais, da psicologia do esporte e do futsal. O Capítulo 3 apresenta os objetivos gerais e específicos. O Capítulo 4, por sua vez, destaca a metodologia utilizada. O Capítulo 5 traz a análise e discussão das falas dos participantes, sendo sucedido pela apresentação das considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo são focalizadas a psicologia do desenvolvimento, a teoria das representações sociais, da psicologia do esporte e do futsal.

2.1 PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

2.1.1 Teoria da assimilação de Jean Piaget

Jean Piaget, psicólogo, filósofo e educador, nasceu em Neuchatel, Suíça, a 9 de agosto de 1896. Em 1919 ingressou na Sorbonne, onde estudou psicopatologia e psicologia. Simultaneamente, estagiou no Hospital Psiquiátrico de Saint' Anne e iniciou os seus estudos de Lógica, e, em 1923, assume a direção do instituto Jean-Jacques Rousseau a convite de Eduard Claparede em Genebra, iniciando, então, um projeto de estudo sistemático sobre inteligência. Em 1929, recebe convite para ser diretor do Centro Internacional de Educação, órgão este que, logo após, passou a ser filiado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (CONTRIM; PARISI, 1985).

Para Piaget, a aquisição de conhecimentos ou hábitos não depende só do agir para que a aprendizagem se dê por meio da inteligência. Há necessidade ainda de compreender o significado deles. Conforme o autor, a escola organizada não é o suficiente para que os alunos se eduquem moral, social e civicamente. É fundamental que recebam ensinamentos a respeito da educação moral, social e cívica. Com Piaget, prioriza-se no processo de aprendizagem a inteligência, que as teorias mecanicistas ignoravam, entendendo a educação como mera aquisição automática de reflexos e hábitos, onde a espontaneidade, a participação livre e a criatividade não existiam. No aspecto educacional, Piaget desenvolve a teoria da assimilação, que idealiza a aprendizagem como uma integração de reações espontâneas na atividade instintiva e uma assimilação inteligente da realidade. Por meio de um processo empírico exaustivo, Piaget procurou demonstrar, ao contrário dos mecanicistas, que a educação é um processo lúcido, inteligente e criador, pois não poderia haver aprendizagem verdadeira sem atividade intelectual, mesmo

quando realizada por “ensaio e erro” ou imitação. A aprendizagem implica sempre discriminação e compreensão daquilo que se aprende. Os conhecimentos, os hábitos, as habilidades e as atitudes são aprendidos unicamente, quando obtidos com consciência e não simplesmente fixados, isto é, são obtidos com intenção e intelecção e não por simples memorização (CONTRIM; PARISI, 1985).

Na sequência, para que possamos entender o processo evolutivo, abordaremos a psicologia genética de Piaget.

2.1.2 Psicologia genética de Piaget

Ressaltando as duas ideias básicas que fundamentam a teoria genética, Contrim e Parisi (1985) comentam o texto onde Piaget argumenta que o artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos do Homem assegura a todas as pessoas o direito à educação. Para melhor compreensão das ideias básicas da teoria de Piaget, que foi escrita em uma linguagem erudita e abstrata, foi feita esta síntese. São dois os fatores que o ser humano depende para o seu desenvolvimento: a) a hereditariedade, que determina grande parte das características dos aspectos físicos; e b) os conhecimentos adquiridos, por meio das experiências, dos relacionamentos e da comunicação social. O segundo conjunto de fatores é determinante no processo educativo conforme destaca Piaget.

Com isso, é possível sustentar que a estrutura de raciocínio não é inata, é preciso desenvolvê-la por meio da educação. O direito à educação é aquele que todos os cidadãos devem ter acesso para aprender a construir o seu raciocínio. Assim como aprendemos a raciocinar, assimilamos as concepções morais por meio da educação. As estruturas mentais mais essenciais são resultados do processo educativo. O direito à educação não se reduz ao aprendizado da leitura, escrita e aritmética. Esse direito necessita garantir algo muito mais sério e amplo, capaz de assegurar às crianças as condições básicas para libertarem suas funções criadoras, ao invés de sufocá-las (CONTRIM; PARISI, 1985).

A educação não deve apenas favorecer aos indivíduos a oportunidade de adquirir os conhecimentos, mas o direito de desenvolvê-los dentro do processo de evolução social conforme postula Piaget em sua teoria do desenvolvimento evolutivo da criança.

2.1.3 Psicologia do desenvolvimento evolutivo da criança

Piaget considera quatro períodos no processo evolutivo na espécie humana que são caracterizados por aquilo que o indivíduo consegue fazer melhor no decorrer das diversas fases do processo de desenvolvimento. É importante considerar aqui as quatro fases que se dão sucessivamente na maioria das crianças, porém não podemos deixar de considerar os aspectos biopsicossociais nos quais o sujeito está inserido, como variável importante no processo de individuação onde uns evoluem mais rapidamente e outros, não. Portanto, podemos afirmar que não se trata de uma regra e sim características subjetivas aos estímulos externos submetidos (PIAGET; INHLEDER, 1980).

A teoria da assimilação de Piaget divide o processo de desenvolvimento humano em períodos e estádios, conforme são apresentados a seguir.

- 1º período sensório-motor (0 a 2 anos) “a passagem do caos ao cosmo”

Nesta fase, anterior à linguagem, por causa da falta de função simbólica, ou seja, de pensamento, afetividade, referência e representação, o bebê não consegue trazer à lembrança pessoas ou objetos que estão ausentes. Nos períodos seguintes, cada um deles é ponto de partida para a próxima etapa de desenvolvimento, os quais Piaget e Inhelder (1980) denominam de conjunto de subestruturas cognitivas.

A inteligência sensório-motora, essencialmente prática, tendente a resultados favoráveis e não ao enunciado de verdades, constrói um sistema complexo de esquemas de assimilação e de organização do real de acordo com um conjunto de estruturas espaços-temporais e causais, estudados e denominados por Piaget e Inhelder (1980), compreendendo o número de seis estádios (evolução dinâmica do movimento e das sensações), conforme seguem:

- a) Estádio I - reflexos:

- assimilação reprodutiva ou funcional - comportamento do outro por meio da observação;
- assimilação generalizadora - repetição do comportamento observado no entorno e internalização deste;
- assimilação recognitiva - reorganiza e amplia conhecimentos que servirão de repertório para o desenvolvimento da capacidade mental;

- b) Estádio II - primeiros hábitos, exemplos: rotina; horário de comer, higiene, objetos pessoais. O esquema é a estrutura ou organização das ações, as quais se transferem ou generalizam no momento da repetição da ação, em circunstâncias semelhantes ou análogas. Exemplos: modalidades esportivas com indicação para o período sensório-motor, natação, massagem, jogos lúdicos, atividades sensoriais e motores, bola de feltro, móbile e outros;
- d) Estádio III - hábito em estado nascente, sem finalidade prévia estremada dos meios empregados, exemplo: repetição dos esquemas oferecidos pelo meio e assimilados pela criança;
- e) Estádios IV e V – no IV impõe-se ao sujeito uma finalidade prévia, independentemente dos meios que vai empregar, e no V, acrescenta-se a procura de meios novos por diferenciação dos esquemas conhecidos, conduta de suporte (esta se preparando para atuar com maior habilidade motora e sensorial);
- f) Estádio VI - fim do período sensório-motor. A criança torna-se capaz de encontrar novos meios por combinações interiorizadas, exemplos: capacidades introjetadas de movimentos mais amplos e percepções sensoriais, representa-se no grupo social por meio da integração com o meio (movimentos simbólicos e pré-intencionais), estimulando suas crenças e seus valores, por exemplo: pais torcedores ou aqueles que são ou foram jogadores sempre uniformizam as crianças no berço.

▪ 2º período pré-operatório (2 a 7 anos): a construção do real

Corresponde ao período pré-escolar (desenvolvimento cognitivo e da linguagem), quando a criança começa a pensar simbolicamente, mas cujo pensamento é egocêntrico, pois ela não consegue se colocar no lugar do outro. Tem dificuldade para sentir empatia, é intuitiva e pré-lógica, apresenta dificuldade em compreender relações de causa-efeito. Todavia, com relação ao comportamento emocional e social, ela começa a expressar afetos complexos e sua capacidade de cooperar e compartilhar principia. A perda de quem a criança depende e a perda da aprovação e da aceitação causam ansiedade. Aos quatro anos começa a se preocupar com o outro. Ao final desse estágio, as emoções da criança estão mais

estáveis, com empatia e amor mais bem-desenvolvidos, mas continua frágil, perdendo o controle em situações de conflito, como competição ou ciúme.

No estágio seguinte, a criança já constrói ações intencionais, planejam as grandes categorias da ação que são os esquemas do objeto permanente, do espaço, do tempo e da causalidade, subestruturas das futuras noções correspondentes.

É o período da descentração geral, ou seja, a criança é um objeto entre os outros em um universo formado de objetos permanentes, estruturado de maneira espaço-temporal e sede de uma causalidade ao mesmo tempo especializada e objetivada nas coisas. Por exemplo: internalização do meio social, assimilação do outro, aprende a dividir, cooperar, trocar (fase principal da socialização).

Também é o momento de dominar as coordenadas de espaço e tempo: grupo dos deslocamentos, primeiramente material (bola) e depois no plano da representação do conjunto. Exemplo: As crianças conseguem, nesse momento, movimentos em grupo direcionados para o mesmo objetivo com a finalidade de alcançarem coordenação dos movimentos em direção à bola e se organizando naturalmente para assimilação das regras do jogo coletivo.

Nesse mesmo período emerge a causalidade mágico-fenomenista, que depois se objetiva e especializa (no início do estágio sensório-motor), e a percepção final dos movimentos se dá por meio do pensamento mágico-fenomenista. Exemplo: vê um objeto redondo movimentando repentinamente e este desaparece e volta a aparecer, efeito túnel quando o objeto que passou um tempo escondido em baixo ou em cima de algum espaço não visto pela criança retorna, ela não toma conhecimento do por que do desaparecimento do objeto e sim que ele reapareceu do “nada”. O esquema do pensamento sensório-motor manifesta-se em três grandes formas sucessivas: formas iniciais, que são constituídas por estruturas de ritmos; esquemas múltiplos, que são regulações diversas que diferenciam os ritmos iniciais e, por fim, o princípio de reversibilidade.

Na finalização do processo da construção do pensamento que vem se preparando desde o sensório-motor, pré-operacional para atuar futuramente sozinho pela compreensão da finalidade de cada ação, movimento e sensações sinestésicas (internas e externas), ainda há necessidade da manipulação do objeto no concreto para operar propriamente dito o pensamento de forma mais especializada na

crescente evolução da aquisição de novos conhecimentos, dando início, então, ao período de operações concretas.

- 3º período: operações concretas (7 a 11 ou 12 anos)

Neste estágio, a criança identifica o certo e errado (consciência) e realiza operações concretas (7 a 11 anos). É o período em que ela substitui o pensamento egocêntrico pelo operatório, utiliza o processo de pensamento lógico e com isso organiza e remodela o que ocorre na realidade. Também executa tarefas motoras e atividades complexas e realiza operações formais.

- 4º período: operações formais (11 ou 12 anos em diante)

Dos 11 anos até o final da adolescência, a criança consegue lidar com suas possibilidades em relação ao futuro, o pensamento é abstrato, raciocina dedutivamente e já define conceitos. Para Piaget e Inhelder (1980), cada estágio é um requisito necessário ao subsequente. Cada criança tem seu próprio ritmo para ultrapassar os estágios, e isso depende de sua capacidade inata e de estímulos externos. Para Piaget e Inhelder (1980, p. 111), é a

Idade dos grandes ideais ou início das teorias, além das simples adaptações presentes ao real. Mas se muito se descreveu esse desenvolvimento afetivo e social da adolescência, nem sempre se compreendeu que a sua condição prévia e necessária é uma transformação do pensamento, que possibilita o manejo das hipóteses e o raciocínio sobre proposições destacadas da constatação concreta e atual.

Todos esses períodos fazem parte do ciclo vital do ser humano. Como principal contribuição para a compreensão do desenvolver infantil até a idade adulta, tem-se o estudo epistemológico do desenvolvimento, que busca entender e compreender a evolução máxima das potencialidades das crianças e dos adolescentes.

2.1.4 Ciclo vital da vida humana

O estudo sistemático do ciclo vital iniciou-se no século XX, em razão de estar a psiquiatria já preocupada com o desenvolvimento da personalidade. Anteriormente, as análises se focavam no papel dos eventos psicológicos internos para evidenciar a influência do desenvolvimento infantil sobre a personalidade adulta. Após esse período, ampliaram-se conceitos, tais como a influência dos processos interpessoais e a natureza das mudanças durante a vida. Hoje, graças aos achados da ciência neural, tem-se ressaltado o substrato biológico do comportamento. O mapa do ciclo vital ou curso vital é de suma importância para entender o comportamento humano e também para prever as dificuldades que podem surgir durante seu desenvolvimento (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997).

Em essência, a teoria do ciclo da vida postula de que ela se desenvolve em estágios progressivos bem-definidos, o que sustenta o princípio epigenético, pois, segundo Kaplan, Sadock e Grebb (1997, p. 31):

[...] cada estágio sucede ao estágio anterior, e cada um deve ser satisfatoriamente superado para que o desenvolvimento ocorra livre de problemas. Se um estágio não é resolvido, todos os estágios subsequentes refletem este fracasso, na forma de um desajuste, cognitivo, social ou emocional.

Conforme esses autores, na segunda premissa da teoria do ciclo vital, cada fase é caracterizada por um “ponto crítico”, o qual o indivíduo deve administrar assertivamente para que possa se adaptar às crises que advierem:

Ela é um vento biopsicossocial, no sentido de que consiste da interação de fatores biológicos, psicológicos e sociais. Cada estágio tem um ou mais eventos ou pontos críticos que o diferenciam dos estágios que procederam ou sucederão. (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997, p. 31).

A teoria do ciclo vital tem contribuições de importantes autores. Kaplan, Sadock e Grebb (1997) apresentam alguns deles:

- a) Sigmund Freud – Seu tema principal é o esquema evolutivo, cuja teoria focaliza a libido no desenvolvimento infantil, quando ocorrem transformações progressivas da energia sexual, as quais ele classifica em: fase oral (do nascimento a 1 ano de idade), fase anal (de 1 a 3 anos de

idade); fase fálica (dos 3 aos 5 anos) e fase de latência (5 ou 6 anos até a puberdade). Conforme sua teoria, o essencial é vivenciar essas fases da infância de forma bem-resolvida, para que se alcance desenvolvimento normal da fase adulta.

- b) Carl Gustav Jung – Considera que os fatores externos são importantes para o crescimento e adaptação pessoal, por ser o processo de individuação, crescimento e expansão da personalidade, realizado por meio da percepção e aprendizagem subjetiva. Para ele, a libido não se limita à sexualidade ou à agressão, mas envolve também o surgimento de uma possível energia psíquica, além de busca religiosa ou espiritual, no propósito de se compreender um significado mais profundo sobre a vida.
- c) Harry Stack Sullivan – Também para esse autor, o desenvolvimento humano é estruturado por eventos externos, principalmente pela interação social, isto é, pela necessidade de convivência com determinadas pessoas, o que influenciará a personalidade, consequência dessa interação. Sullivan pontuou os seguintes estágios do desenvolvimento normal:
 - Primeira infância, do nascimento até o início da linguagem (1 e meio a 2 anos).
 - Segunda infância, do surgimento da linguagem até a necessidade de companheiros (2 a 5 anos).
 - Era juvenil, da necessidade de companheiros e início da educação formal até a pré-adolescência (5 a 9 anos).
 - Pré-adolescência, do início da aptidão a ter relacionamentos íntimos com seus pares do sexo oposto ou do mesmo sexo, até a maturidade genital (9 a 12 anos).
 - Adolescência, da erupção do verdadeiro interesse genital à padronização do comportamento sexual.
 - Maturidade, do estabelecimento de um repertório completamente humano ou maduro de relacionamentos interpessoais, ao desenvolvimento do amor próprio e da aptidão para relacionamentos íntimos e cooperativos e atitudes de amor. (SULLIVAN apud KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997, p. 32).
- d) Erik Erikson – Aceitou a teoria de Freud sobre a sexualidade infantil, mas considerou que todos os estágios da vida possuem potenciais evolutivos; priorizou o aparecimento gradual da ideia do eu, isto é, identidade. Em seus estudos pondera que cada estágio do desenvolvimento humano está interligado a uma atividade social e chamou esses estágios de

“psicossociais”, configurando oito estágios que se sucedem ao longo do ciclo vital: confiança x desconfiança; autonomia x vergonha e dúvida; iniciativa x culpa; produtividade x inferioridade; identidade do ego x confusão de papéis; generatividade x estagnação; e integridade do ego x desespero.

Para Erikson (1980), os cinco primeiros estágios, confiança, autonomia, iniciativa, produtividade e identidade, correspondem aos estágios psicossociais da infância, que estão correlacionados aos estágios psicosexuais de Freud. Ele acrescentou mais três estágios, que se estendem até a velhice: intimidade, generatividade e integridade. Esses oito estágios são diretamente afetados pela interação entre biologia, cultura e sociedade, e cada um deles é um aprendizado, com aspectos positivos e negativos e com crises emocionais específicas. De acordo com o modelo epigenético, se não ocorrer resolução eficaz em cada um deles, o próximo estágio poderá acarretar fracasso, isto é, desajuste físico, cognitivo, social ou emocional. Todavia, se forem resolvidos, o indivíduo alcança o extremo positivo do estágio.

Logo, as teorias do desenvolvimento prestam contribuições profícuas ao planejamento de toda e qualquer ação educativa do homem, como o anteriormente exposto, muitos aspectos da vida da criança e do adolescente não são inatos e, para isso, é necessária uma condição formadora apoiada pelo próprio desenvolvimento natural.

A seguir abordaremos alguns aspectos mais conhecidos das relações do desenvolvimento do indivíduo com o grupo familiar.

2.1.5 Desenvolvimento infantil e a família

A família vem sofrendo contínuas mudanças ao longo do tempo, transformações motivadas por condições históricas, que contribuem para a compreensão profunda dos fenômenos estudados.

Para Kaplan, Sadock e Grebb (1997), alguns fatores familiares que podem influenciar no desenvolvimento infantil são estabilidade familiar, morte dos pais, separação, profissão e estilos de pais.

Quanto à estabilidade familiar, esses autores relatam que na cultura ocidental se espera que pais e filhos, que moram em uma mesma casa, vivam harmoniosamente, pois se supõe que a criança, dessa forma, tenha desenvolvimento mais rápido. Já a criança com pais divorciados, descasados ou solteiros pode apresentar, por exemplo, os seguintes problemas: baixa autoestima; risco aumentado de abuso; incidência aumentada de divórcio e de transtornos mentais, particularmente transtornos depressivos e transtorno da personalidade antissocial na idade adulta. Consideram os autores que algumas crianças são mais afetadas por essa situação, sendo as do sexo masculino as mais vulneráveis e influenciáveis (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997).

Em relação à morte dos pais, quando esta ocorre na infância ou na adolescência, aumenta a probabilidade de a criança apresentar posteriormente problemas emocionais adversos, como depressão e divórcio. Todavia, isto contrasta com a situação em que a separação resulta de acordo amigável.

Quanto às mães trabalharem fora, não há indícios científicos de que o comportamento da criança seja menos saudável do que aquele cujas mães não trabalham fora do lar. Alguns estudos relatam que a criança que permanece em creche antes dos cinco anos de idade é mais insegura e seu treino esfincteriano é menos eficaz que o daquela criada em casa; porém, os autores ressaltam que se deve considerar a qualidade tanto do ambiente familiar quanto da creche. Consideram, por exemplo, que “a criança de um lar desprivilegiado pode ficar melhor em uma creche do que a criança vinda de um lar abastado” (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997, p. 60).

De acordo com estudos experimentais, o estilo de pais mais eficazes é aquele que é coerente, recompensa a criança quando esta tem comportamento assertivo, pune-a por comportamento indesejável e está associado a uma educação afetuosa (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997). Os autores referem-se em sua obra a quatro estilos de pais: autoritário (rígido e inflexível), que pode levar a criança à depressão; permissivo (ausência de limites), podendo levar a um fraco controle dos impulsos; indiferente (negligente, ausente), levando a um comportamento agressivo; e recíproco (democrático nas tomadas de decisões), com um comportamento orientado de modo racional, resultando em um senso de autoconfiança.

Como visto, os fatores familiares são determinantes no ciclo vital do ser humano para o desenvolvimento biopsicossocial da criança.

Situações ideais colaboram para que os processos de desenvolvimento, pelos quais a criança passa, sejam sincronizados. Quando isto não acontece, pode ocorrer desequilíbrio ou estresse. Para Bonfim (1992), é preciso conhecer a dimensão histórica e o meio sociocultural em que o indivíduo vive, para se perceberem as relações e influências presentes nessa inter-relação. Assim, é necessário observar o campo de ação para perceber as relações determinadas pela psicologia.

Algumas discussões na área da RS ressaltam que a teoria contribui com a psicologia social, especificamente a psicologia social do mundo adulto, mas quanto ao desenvolvimento da criança, como ator social, só se destaca quando ela transgrede regras, ou seja, quando tem comportamentos marginalizados. Todavia, há várias razões para mudar o foco dessas preocupações, pois, no processo de incorporação das estruturas do pensamento, a criança participa proativamente na comunidade na qual está inserida. Esse processo certifica em sua investigação fonte produtiva e construtiva de discussões para a teoria da representação social, e para as teorias do desenvolvimento, é um desafio a ser enfrentado, pois a criança sofre influência da “sociedade pensante” na qual se desenvolve.

Para Duveen e Lloyd (2011, p. 210),

se o problema para os desenvolvimentistas é, então, compreender como a criança se desenvolve enquanto ator social, os psicólogos sociais muitas vezes também esquecem, e em detrimento próprio, que todo ator social tem uma história de desenvolvimento, cuja influência não pode ser ignorada.

Desta forma, “É preciso reconhecer o sujeito psicológico e o sujeito epistêmico, [...] o sujeito psicossocial para quem o conhecimento não é produto de um universal abstrato, mas é expressão de uma identidade social” (DUVEEN; LLOYD, 2011, p. 218). O caráter lógico do conhecimento, segundo o autor, não é negado, todavia, ele reafirma que a lógica tem que ser legitimada no mundo em que se vive.

Até mesmo antes de estabelecida a psicologia social, as questões sobre o que é inato e o que é adquirido no homem permeavam a filosofia, mais especificamente como questões (pré-científicas) sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade, buscando avaliar como as disposições psicológicas individuais produzem as instituições sociais ou como as condições sociais influem no comportamento dos indivíduos.

2.2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Para Casal (2007), a psicologia é uma ciência e embasa os seus conhecimentos em fatos, teorias, métodos e experiências das ações concretas do homem. A área vem se desenvolvendo paulatinamente por meio de análise e experimentos físicos e biológicos cujos caracteres mais importantes foram se formando por meio de processo de testagem em laboratório.

Schultz e Schultz (2005) relatam que Wilhelm Wundt é considerado o fundador da psicologia experimental como disciplina acadêmica formal, empenhado que estava em fundar uma nova ciência. No entanto, esses historiadores ressaltam a contribuição de Fechner e outros consideram que a psicologia teria se iniciado com este, embora com diferente objetivo: o de compreender a relação entre o universo mental e material, buscando descrever com base científica um conceito unificado de mente e corpo.

Conjuntamente com o desenvolvimento da psicologia como ciência, foram se configurando suas aplicações, sobretudo nos Estados Unidos, com utilização, por exemplo, na seleção de recursos humanos, na publicidade, no trabalho, no esporte, na educação e na clínica – leque esse que ilustra o fato de a psicologia não ter cessado de se diversificar desde seus primórdios, contextualizando-se também no trabalho social e na área de saúde, priorizando inicialmente o individual e, posteriormente, o coletivo, o que contribui para afirmá-la como profissão no âmbito da saúde (ROSE JÚNIOR, 2000).

Lima (2003) ressalta que as pessoas não se tornam profissionais da psicologia a partir da construção de um referencial teórico, mas sim com a aplicação do conhecimento a uma tarefa, que, por sua vez, enriquece, confirma ou ratifica o conhecimento. Assim, em um movimento dialético, teoria e prática são momentos de um mesmo processo. Por meio da discussão, do entendimento e do trabalho é que essas questões constroem a possibilidade de mudança. A psicologia busca conhecer aspectos que contribuem para o desenvolvimento do ser humano. Apoiase, em seus estudos, na análise das habilidades desenvolvidas pelo indivíduo em seu campo emocional, social, cognitivo e psicomotor. A partir da formação do indivíduo e de sua interação com o mundo, a psicologia foi gradativamente construindo-se e delineando-se, com progressiva estruturação de suas áreas.

Faz-se necessário constantemente repensar a psicologia tendo-se em conta a dimensão de sua responsabilidade social, a fim de buscar em seu cotidiano a consciência de seu lugar e sua importância na sociedade. Assim, para compreender algumas dessas questões sociais, surgiu no século XX a psicologia social como área de aplicação da psicologia para estabelecer uma ponte entre esta e as ciências sociais (sociologia, antropologia, etnologia). Sua formação acompanhou os movimentos ideológicos e conflitos do século, a ascensão do nazifascismo, as grandes guerras, a luta entre o socialismo e o capitalismo e outros eventos e fenômenos desse período. Seu objeto de estudo é o comportamento dos indivíduos quando estão em interação, o que ainda hoje é controverso e aparentemente redundante, pois, como se diz desde há muito, o homem é um animal social (BOCK, 2001).

Durkheim (1995, p. 440) compartilha desse pensamento quando afirma que “um homem que não pensa com conceitos não seria um homem, pois ele não seria um ser social. Restrito apenas a percepções individuais, ele não seria diferente de um animal”. Embora Moscovici considere que estas sejam “expressões fortes”, ressalta que são esclarecedoras, pois se situam na interface entre a psicologia individual e a psicologia social.

Em 1961, Moscovici ampliou a aplicação das Representações Sociais trazendo esse conceito também à psicologia, focalizando as complexidades individuais e coletivas, ou psicológicas e sociais (SÊGA, 2000). Assim, a expressão “representações sociais” saiu do campo estritamente sociológico, movendo-se para o da psicologia social, ciência do comportamento que trata do simbólico dentro de um grupo social. A partir de 1950, a Teoria das Representações Sociais se fortaleceu, abrangendo novos conteúdos.

Segundo Moscovici (2009, p. 161):

[...] a psicologia social é uma ciência do comportamento somente se isso for entendido como significando que seu interesse é em um modo muito específico deste comportamento – o modo simbólico. É isso que distingue nitidamente seu campo de interesse do da psicologia geral.

Para o autor, a psicologia social deu origem às representações sociais, ou seja, extraiu do cotidiano, do senso comum, um sentido de mundo, com suas ordens (ideias) e percepções (crenças) adotadas de forma significativa pelos indivíduos que

delas participam, como famílias, movimentos sociais, igrejas e outros, por meio de coação coletiva. Weber (1972) ressalta que isso é válido tanto para a sociedade como para o indivíduo, pois as pessoas norteiam suas ações entre si e estas causam poderosas influências nos conceitos delas, sendo decisivas no andamento das ações dos indivíduos concretos.

Para Moscovici (1978), as representações sociais constituem uma resposta do grupo às intervenções externas que põem em perigo sua identidade coletiva, ou seja, dizem respeito ao modo como o grupo se vê e quer ser visto pelos outros. Embora a Teoria das Representações Sociais tenha diversos antecedentes, foi Serge Moscovici que enriqueceu a discussão sobre o tema.

A formação de um indivíduo se desenvolve na interação com a família, a escola, os grupos e outras instâncias, ou seja, nas representações sociais. Segundo Moscovici (2003, p. 297), para Vygotsky “o pensamento e a linguagem da criança estão subordinados à linguagem e ao pensamento da sociedade. A criança adquire grande parte de suas ideias e vocabulários através das instituições socializadoras da sociedade”. Isso significa que ela por si só não tem domínio da realidade,

[...] pois lhe falta o acesso à experiência que necessitaria adquirir, porque vive em um mundo restrito pelo dos adultos. Para a criança, haveria um processo libertador quando, de acordo com a linguagem, começasse a interiorizar essas representações. (MOSCOVICI, 2003, p. 297).

Portanto, as representações sociais “devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos”, com o objetivo, porém, de “abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções que reproduzam o mundo de forma significativa” (MOSCOVICI, 2003, p. 46).

Jovchelovitch (2011, p. 64) também postula que

o ato da representação supera as divisões rígidas entre o externo e o interno, ao mesmo tempo em que envolve um elemento ativo de construção mental e reconstrução; o sujeito é autor da construção mental e ele pode transformar na medida em que se desenvolve.

De acordo com Moscovici (2003), as representações sociais possuem duas faces: a icônica e a simbólica. Para ele, “representação = imagem/significação”, pois a imagem remete a uma ideia e esta a uma imagem.

Dessa maneira, em nossa sociedade, um “neurótico” é uma ideia associada com a psicanálise, com Freud, com o Complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, nós vemos o neurótico como um indivíduo egocêntrico, patológico, cujos conflitos parentais não foram ainda resolvidos. De outro lado, porém, a palavra evoca uma ciência, até mesmo o nome de um herói clássico e um conceito, que, por outras, evoca um tipo definido, caracterizado por certos traços e uma biografia facilmente imaginável. (MOSCOVICI, 2003, p. 46, grifo do autor).

Nas representações sociais estão embutidas a linguagem de observação (fatos) e a linguagem da lógica (símbolos abstratos), pois, para Moscovici (2003, p. 46) “este é, talvez, um dos mais marcantes fenômenos de nosso tempo – a união da linguagem e da representação”, ocasionando uma relação de causa e efeito, de “fins e meio”. Nesse ponto é que a Teoria das Representações Sociais difere da Teoria de Atribuição, e sua dualidade faz com que as representações sociais difiram também da ciência (MOSCOVICI, 2003).

Ao se repetir um fenômeno, estabelece-se uma correlação entre o indivíduo e o outro, sugerindo uma explicação com significado que aponta a existência de uma regra ou lei ainda não descoberta. Assim, a transição da correlação para a explicação não está condicionada pela percepção da correlação ou pela constância dos acontecimentos, mas, sim, conforme Moscovici (2009, p. 80-81):

[...] por nossa percepção de uma discrepância entre essa correlação e outras, entre o fenômeno que nós percebemos e o que nós temos que prever, entre um caso específico e um protótipo, entre a exceção e a regra; na verdade, para usar os termos que eu empreguei anteriormente, entre o familiar e o não-familiar.

Para Moscovici (2009), as representações na teoria de Durkheim dão suporte a inúmeras palavras ou ideias, e o que mais impacta o observador contemporâneo é sua plasticidade, por causa de seu caráter móvel e circulante. A dinâmica que opera nesse conjunto de relações e de comportamentos aparece e desaparece com as representações. Moscovici (2009, p. 199) relata que “as ciências são os meios pelos quais nós compreendemos o universo reificado, enquanto as representações sociais tratam com o universo consensual”. As representações, de certo modo, recuperam a consciência coletiva e lhe dão forma, explicando os objetos e fatos de tal modo que eles se tornam familiares a qualquer um, coincidindo com os interesses imediatos.

Na mesma linha de pensamento, James (1980, p. 295) fala da

[...] realidade prática, realidade para os mesmos; e para se conseguir isso, um objeto deve não apenas aparecer, mas ele deve parecer tanto *interessante* como *importante*. O mundo cujos objetos não sejam nem interessantes nem importantes, nós o tratamos apenas negativamente, nós o rotulamos como irreal.

Moscovici (2009) aborda a relação entre a maneira como a pessoa constrói algo para si mesma e o modo como isso é descrito aos outros. Nesse contexto, é possível que as representações sociais se baseiem no dito “Não existe fumaça sem fogo”. Quando o indivíduo ouve ou vê algo, instintivamente supõe que isso não seja casual, mas que deva ter uma causa e um efeito. Quando se vê fumaça, sabe-se que o fogo foi aceso em algum lugar e, para descobrir a origem dela, vai-se em busca desse fogo. O dito, pois, não é uma mera imagem, mas expressa um processo do pensamento, um imperativo: a necessidade de decodificar todos os signos que existem no ambiente social e que não podem ser separados até que seu sentido – o “fogo escondido” – tenha sido localizado. O pensamento social faz, pois, uso extensivo das suspeições, que colocam o ser humano na trilha da causalidade (MOSCOVICI, 2009).

Para Moscovici (2003, p. 95):

O senso comum está continuamente sendo criado e recriado na sociedade, especialmente onde o conhecimento científico e tecnológico está popularizado. Seu conteúdo, as imagens simbólicas derivadas de ciência em que ele está baseado e que, enraizadas no olho da mente, conformam a linguagem e o comportamento usual, estão constantemente sendo retocadas. No processo, a estocagem de representações sociais, sem a qual a sociedade não pode se comunicar ou se relacionar e definir a realidade, é realimentada.

Ainda para Moscovici (2003, p. 95), essas representações, na medida em que o indivíduo as recebe por meio de sua meditação, tornam-se uma regra – “analogias, descrições implícitas e explicações dos fenômenos, personalidades, a economia etc.” – que, com as categorias necessárias, torna compreensível o comportamento das pessoas próximas do indivíduo.

Aquilo que, a longo prazo, adquire a validade de algo que nossos sentidos ou nossa compreensão percebem diretamente passa a ser sempre um produto secundário e transformado de pesquisa científica. Em outras palavras, o senso comum não circula mais de baixo para cima, mais de cima para baixo; ele não é mais o ponto de partida, mas o ponto de chegada. A continuidade, que os filósofos

estipulam entre o sentido comum e ciência, ainda não é o que costumava ser. (MOSCOVICI, 2003, p. 95).

O autor sugere que pessoas e grupos não sejam meros receptores passivos, mas que pensem “por si mesmos”, para que sempre possam produzir e comunicar suas representações e soluções às questões colocadas por eles mesmos.

Nesse momento, cabem os pressupostos filosóficos do existencialismo de Sartre (1905-1980) e de Simone de Beauvoir (1908-1986) (apud ANDRADE, s.d., p. 151): “Existir é fazer-se carência de ser, é lançar-se no mundo [...]”. A questão fundamental é que o mundo atua sobre o que as pessoas são, na mesma proporção em que atuam conscientes ou inconscientemente, por intermédio de suas escolhas, sobre o que elas vão se tornando. Se fugir da responsabilidade (família), o indivíduo estará fadado a viver de forma inautêntica, na contramão da liberdade.

Exemplifica o autor relatando que em qualquer lugar ou momento as pessoas sempre estão “filosofando” e nesse momento planejam suas escolhas, após análise e comentários espontâneos não oficiais, causando um impacto decisivo em sua vida e na de seus filhos. Portanto, “os acontecimentos, as ciências e as ideologias apenas lhes fornecem o ‘alimento para o pensamento’” (MOSCOVICI, 2009, p. 45).

Nesse sentido, o autor questiona: “De que modo o pensamento pode ser considerado como ambiente (atmosfera social e cultural)?”. E também: “Como as representações intervêm na nossa atividade cognitiva ou, ainda, até que ponto o pensamento é independente das representações?” (MOSCOVICI, 2009, p. 34).

Afirma que duas funções devem ser consideradas: a primeira, a convencional, quando as pessoas, os objetos ou os acontecimentos são referência, e a segunda, a prescritiva, quando essas representações são partilhadas por várias pessoas – ou seja, elas “penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisos, elas são re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas” (MOSCOVICI, 2009, p. 37).

Em suma, de acordo com Moscovici (2009, p. 37), as representações nos são “impostas, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações”. O pensamento, como ambiente, consiste apenas em ideias, as quais nós a transformamos em materiais quando inserimos símbolos convencionais “na realidade” por meio da prescrição, pela tradição, pelas memórias, pelos costumes e

pelos conteúdos culturais. “Nesse sentido as representações sociais não somente interferem na nossa forma de pensar, mas no nosso próprio ambiente (social e cultural)” (PRADO; AZEVEDO, 2011, p. 5096).

Moscovici (2009) também relata que há dois universos no mundo atual: o consensual e o reificado. No universo consensual, cada pessoa do grupo tem voz ativa, sem existência de exclusividade, o que caracteriza cumplicidade na sociedade, elaborando suas leis. No universo reificado, a pessoa não possui voz ativa, mas faz parte de um “sistema de entidades”.

Segundo Prado e Azevedo (2011, p. 5097), Moscovici considera “possível perceber que enquanto no universo consensual o ser humano é a medida de todas as coisas, no reificado todas as coisas são a medida do ser humano”. Isso significa, para os autores, que “existe uma arte no universo consensual”, ou seja, quando as pessoas compartilham imagens e ideias por meio da linguagem, promovem interação entre os indivíduos. “Nesse sentido, as representações sociais são um meio para entendermos o universo consensual (tal universo é um produto das representações sociais), dando voz a ela e explicando acontecimentos” (PRADO; AZEVEDO, 2011, p. 5097).

Para Moscovici (2003), na medida em que as teorias, as informações e os acontecimentos se multiplicam, torna-se necessário trazê-los a um nível mais imediato e acessível, ou seja, transferi-los a um mundo consensual, coletivo. Complementa, porém:

Não é fácil transformar palavras não-familiares em familiares, ideias ou seres em palavras usuais, próximas e atuais. É necessário, para dar-lhes uma feição familiar, pôr em funcionamento dois mecanismos de um processo de pensamento baseado na memória e em conclusões passadas. (MOSCOVICI, 2003, p. 60).

O primeiro desses dois mecanismos “tenta *ancorar* ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar” (MOSCOVICI, 2003, p. 60-61, grifo do autor), relacionando-os a uma escala de valores conhecida. O propósito do segundo mecanismo é “objetivar” esses valores, “isto é, transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que [até então] está na mente em algo que exista no mundo físico” (MOSCOVICI, 2009, p. 61). Em conjunto,

esses mecanismos transformam o não-familiar em familiar, primeiramente transferindo-o a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo; e, depois, reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar e, conseqüentemente, controlar. [...] as representações [sociais] são criadas por esses dois mecanismos [...]. (MOSCOVICI, 2009, p. 61).

Para Moscovici (2009, p. 63), “categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele”. Portanto, segundo o autor, a ancoragem das representações possui dois aspectos importantes na vida do indivíduo: classificar e dar nomes às pessoas ou coisas na “matriz de identidade de nossa cultura”.

O processo de objetivação, por sua vez, envolve “descobrir a qualidade icônica de uma ideia ou ser impreciso”, transformar “um conceito em uma imagem” (MOSCOVICI, 2003, p. 71-72). Isso significa que “as imagens devem ter uma realidade e também tornarem-se elementos dessa realidade e não [apenas] elementos do pensamento” (PRADO; AZEVEDO, 2011, p. 5099).

A ancoragem, segundo Prado e Azevedo (2011, p. 5100), consiste em “comparar e interpretar, dando nome e classificando pessoas ou coisas” e a objetivação é apropriar-se de “conceitos e imagens extraídas da memória” – ou seja, ambos os processos dão origem às representações sociais, instrumentalizadas pela linguagem, possibilitando assim transformar o “não familiar” em “familiar”, isto é, lidar com conforto e domínio com a realidade coletiva e cultural. Nesse sentido, cognição e linguagem caminham juntas. “Nossa memória vive permeada pelo que gerações passadas nos comunicaram. Somos, por meio dela, capazes de reconstruir muitos passos importantes para compreendermos parte do que somos e do que pensamos” (PRADO; AZEVEDO, 2011, p. 5100).

Uma representação social “transforma palavras em carne, ideias em poderes naturais, noções ou linguagem humanas em linguagem de coisas” (MOSCOVICI, 2003, p. 77-78). A distinção entre imagem e realidade é esquecida; a “imagem do conceito deixa de ser um signo e torna-se a réplica da realidade [...]. A noção [...] perde seu caráter abstrato, arbitrário, e adquire uma existência quase física, independente” (MOSCOVICI, 2009, p. 74), com “forma e energia próprias” (MOSCOVICI, 2003, p. 60). “Ela passa a possuir a autoridade de um fenômeno natural para os que a usam” (MOSCOVICI, 2009, p. 74).

Elucidar esse conjunto de mecanismos que opera no indivíduo e na coletividade permite-nos apreender o modo como estes conferem realidade ao abstrato e como essa realidade afeta sua atuação no mundo. Quanto a isso, Moscovici (2003, p. 77-78, grifo do autor) resume:

Os nomes, pois, que inventamos e criamos para dar forma abstrata a substâncias ou fenômenos complexos *tornam-se* a substância ou o fenômeno e é isso que nós nunca paramos de fazer. Toda verdade autoevidente, toda taxonomia, toda referência dentro do mundo, representa um conjunto cristalizado de significâncias e tacitamente aceita nomes; seu silêncio é precisamente o que garante sua importante função representativa: expressar primeiro a imagem e depois o conceito, como realidade. [...].

Complementa o autor que “nossas representações, pois, tornam o não-familiar em algo familiar, o que é uma maneira [...] de dizer que elas dependem da memória” (MOSCOVICI, 2003, p. 78) e explicita:

É dessa soma de experiências e memórias comuns que nós extraímos as imagens, linguagem e gestos necessários para superar o não-familiar [...]. Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. (MOSCOVICI, 2003, p. 78)

Elucida, ainda, que a ancoragem mantém a memória em movimento, dirigindo-a “para dentro”, classificando objetos, pessoas e acontecimentos de acordo com um tipo e rotulando-os com um nome. A objetivação, por sua vez, é “mais ou menos direcionada para fora (para outros)”, tirando “daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior” (MOSCOVICI, 2003, p. 78).

Essa concepção conduz a um ponto extremamente interessante, do qual é possível visualizar o sujeito na confluência com o social. Assim, tomemos de empréstimo as palavras de Enriquez (1990, p. 24), quando afirma que “[...] o mais íntimo do ser humano nos leva ao mais essencial do social, que os problemas fundamentais da sociedade se inscrevem no corpo e no psiquismo”. Complementa que a soma dos fenômenos de poder e de vínculo social é primordial para o indivíduo.

Acrescenta-se que os estudos culturais têm como característica reconhecer a capacidade dos sujeitos sociais de manifestar diferentes práticas simbólicas, e que estas estão situadas em determinado contexto histórico. Apresentam como proposta

o estudo da cultura a partir de uma abordagem interdisciplinar, condição fundamental para a existência e prática da psicologia do esporte (RUBIO, 2003a).

2.3 PSICOLOGIA DO ESPORTE

De acordo com a Sociedade Internacional do Esporte (ISSP) (CRP-SP, 2000), psicologia do esporte se refere a aspectos psicológicos do esporte, recreação física, educação física, exercício, saúde e atividades físicas correlatas. No entanto, descrever a natureza da psicologia do esporte não parece ser tarefa simples, dadas às diferentes perspectivas existentes sobre o campo.

É possível afirmar que toda manifestação esportiva é socialmente estruturada, na medida em que o esporte revela em sua organização, no processo de ensino-aprendizagem e em sua prática os valores subjacentes da sociedade na qual ele se manifesta. Questões como o desenvolvimento da identidade do atleta, formas de manejo e controle de concentração e ansiedade, aspectos de liderança em equipes, estudadas e tratadas de maneira pontual e pragmática pela psicologia do esporte voltada ao rendimento, foram deslocadas de um contexto social maior, que são o lugar e o momento em que o atleta está vivenciando (RUBIO, 2000).

Feltz (1987, p. 218) cita cinco conceitos sobre a psicologia do esporte encontrados em livros da área:

É a ciência da psicologia aplicada ao esporte e às situações esportivas (SINGER, 1978).

É o efeito do esporte no comportamento humano (ALDERMAN 1980).

É o campo de estudo no qual os princípios da psicologia são aplicados no ambiente esportivo (GILL, 1986).

É o ramo das ciências do esporte e do exercício que busca fornecer respostas para questões sobre o comportamento humano no esporte (CRATTY, 1989).

Bernardes (1998) considera que o referencial da psicologia social esteja baseado em formas psicológicas que reduzem as explicações do coletivo e do social a leis individuais. Para Bock (2001), no entanto, a possibilidade de se discutir a

psicologia sócio-histórica do esporte tem o objetivo de situar o atleta e as equipes esportivas na realidade social e cultural vivida.

Para Lane (1984), toda psicologia é social, sem que isso signifique reduzir as áreas da psicologia a psicologia social. Nesse sentido é possível afirmar que a psicologia do esporte, que trata do fenômeno esportivo em toda a sua complexidade, visando à compreensão da dinâmica das relações envolvidas entre atletas, técnicos, dirigentes, meios de comunicação e patrocinadores, não é apenas uma psicologia de rendimento de atletas e equipes, mas uma psicologia social do esporte.

De acordo com Thomas (1983, p. 18), “no esporte o homem tem a vivência de si próprio e de seu meio ambiente e age de uma forma e com uma intensidade como não se pode observar em nenhuma outra área”.

Assim, se a psicologia do esporte for considerada coparticipante das demais áreas das ciências humanas e do esporte na compreensão e no estudo do fenômeno esportivo como uma manifestação cultural, e não apenas nos aspectos relacionados ao desempenho do atleta e de equipes esportivas, será possível considerá-la como do campo dos estudos culturais. Isso porque este é um campo no qual as diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea (BECKER JUNIOR, 2000).

Em um breve retrospecto histórico, é oportuno citar que a relação entre esporte e psicologia tornou-se mais estreita a partir do século XIX, quando pesquisadores começaram a observar o que os aspectos psicofisiológicos causavam sobre as atividades físicas e esportivas. A partir daí, ocorreu uma rápida evolução, e novos pesquisadores, instituições e laboratórios proporcionaram o suporte necessário à inclusão definitiva, no cenário esportivo, da psicologia do esporte (ROSE JUNIOR, 2000).

Rubio (2003a) lista as primeiras publicações nessa área:

- a) em 1920, são publicados os primeiros artigos acadêmicos sobre psicologia do esporte;
- b) em 1926, Coleman Griffith publica *Psicologia de técnicos* e, em 1928, *Psicologia de atletas*. Esse autor inicia o primeiro curso na área psicologia de esporte ao inaugurar o Laboratório de Psicologia Aplicada ao Esporte da Universidade de Illinois, em 1925.

O autor esclarece que o mundo ocidental pouco assimilou das obras mencionadas, mas que os soviéticos foram os grandes pesquisadores na área. Talvez esse seja o motivo de poucos estudos haverem analisado seu nascimento e desenvolvimento no mundo e no Brasil. Dentre os fatores que não contribuíram para o progresso dessa área destacam-se as diferenças políticas, econômicas, científicas e educacionais entre os países. Com a criação da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte em 1965, em Roma, essa área tornou-se explícita à juventude e ao mundo.

Apesar da solidificação da área, fez considerável diferença o fato de ela haver se iniciado em laboratórios de fisiologia e de educação física, pois isso constituiu um fator que distanciou a psicologia do esporte de sua ciência-mãe, acarretando pouco desenvolvimento em relação a outras especialidades psicológicas ou atléticas. Outro fator foi a não exploração da interdisciplinaridade, como convém a uma especialidade de elementos da psicologia e da ciência do esporte, e a falta de igual compromisso com a interdisciplinaridade (RUBIO, 2003a).

No Brasil, assim como em outras partes no mundo, a psicologia do esporte surge também no esporte competitivo e no âmbito do rendimento. A preocupação com resultados mais surpreendentes leva atletas e professores de educação física à busca de conhecimentos psicológicos que possam auxiliar na conquista da *performance* desejada (RUBIO, 2003a).

Para Feijó (2000), o estudo psicológico do fenômeno esporte pode admitir pelo menos duas grandes dimensões:

- a) quando se enfoca a psicologia “do” esporte, a preocupação que se tem é a de propor uma “interpretação psicológica” do fenômeno esportivo;
- b) ao se mudar a ênfase para “no” esporte, o enfoque passa a estar no estudo dos tipos de “intervenção psicológica” que o esporte deve requerer.

Segundo Feijó (2000), após meio século, a área começou a se firmar efetivamente em 1990, com o aumento significativo de trabalhos acadêmicos, de cursos de especialização, de extensão e do interesse por parte dos psicólogos e técnicos.

Nos últimos anos, tem-se observado a presença de psicólogos nos times de futebol, como ocorreu com Suzi Fleury na seleção brasileira (RUBIO, 2000). Para essa autora, a psicologia do esporte, como disciplina científica, não surgiu das

necessidades da psicologia de se ocupar com os esportes, mas sim da prática esportiva em contar com o auxílio dos conhecimentos da psicologia.

Feijó (2000) considera serem três os requisitos na prática intensa do esporte que merecem atenção especial do psicólogo do esporte: a concentração, uma vez que sem esse enfoque contínuo da atenção o jogo perde qualidade na prática dos fundamentos; o relaxamento, que é o gerenciamento do estresse sem perda da motivação; e a repetição, que consiste no treinamento da automatização sem a concorrência da robotização.

Seguindo uma tendência mundial, a psicologia do esporte aborda duas áreas de estudo: o esporte e o exercício (este último englobando tudo o que diz respeito à atividade física e que não seja esportivo na acepção do termo). No caso do esporte, a psicologia investiga aspectos que tenham relação com a prática esportiva estruturada, visando ao rendimento esportivo individual e coletivo, cujo objetivo é a obtenção do melhor desempenho para se chegar à vitória (BECKER JUNIOR, 2000).

É importante ressaltar que nem toda psicologia aplicada ao esporte é psicologia do esporte. Esta tem como meio e fim o estudo do ser humano envolvido na prática de atividade física e esportiva competitiva e não competitiva. Isso tem dificultado o planejamento de atuação do psicólogo com os atletas e equipes esportivas, uma vez que esse trabalho psicológico específico requer tempo e disponibilidade para sua realização, posto que toda intervenção em psicologia, em qualquer área de aplicação, é realizada em médio e longo prazo (RUBIO, 2000).

Ainda assim, é cada vez maior o número de psicólogos que têm escolhido o esporte como campo profissional, incentivados pela regulamentação dessa especialidade profissional pelo Conselho Federal de Psicologia e pela procura crescente de atletas e clubes pela psicologia, uma vez que as exigências impostas pelo esporte de alto rendimento aumentam incessantemente. Outro indicador do aumento de interesse pela área é a organização de cursos de pós-graduação, visto que a maioria dos cursos de graduação em psicologia não conta em seus currículos com a disciplina “psicologia do esporte”.

Essa busca tem proporcionado também a formação de um amplo grupo de profissionais envolvidos com a psicologia do esporte originário das várias correntes teóricas, o que tem contribuído para que as possibilidades de pesquisa e intervenção sejam ampliadas para além das práticas profissionais. Até o início dos anos de 1990, os temas recorrentes de pesquisa eram aspectos do psicodiagnóstico

esportivo e a construção de perfis a partir dos dados obtidos por esse procedimento. Hoje, grande parte dos estudos preocupa-se em descrever e analisar quando e como utilizar determinadas técnicas, ampliando os temas da psicologia do esporte aplicada.

Outro grande ganho para a área tem sido o fortalecimento da psicologia social do esporte. Os limites do diagnóstico e intervenção com atletas e equipes esportivas foram extrapolados para agregar a esse universo os estudos sobre a influência dos pais na prática e no desempenho dos filhos atletas, do comportamento das torcidas e do público diante do espetáculo esportivo, da violência relacionada com o esporte e do efeito da ação da mídia na produção do fenômeno esportivo contemporâneo, entre outros temas.

Se no século XX emergiu a psicologia do esporte, no início do século XXI, ela já se firma com especialidade no Brasil, como área de conhecimento e como campo profissional.

O debate sobre a função e o papel da psicologia do esporte passa necessariamente pela discussão do que é o fenômeno esportivo e de como tem sido construído e explorado o imaginário esportivo na atualidade.

É também pela perspectiva da psicologia social que a psicologia do esporte tem atuado com os chamados projetos sociais (MARQUES; KURODA, 2000), cujo objetivo primeiro é promover o desenvolvimento da prática da cidadania ou oferecer alternativas de socialização, principalmente para crianças e jovens, tendo o esporte como facilitador. É o esporte como meio e não como o fim.

As práticas esportivas contam com manifestações distintas, embora interatuantes, podendo ser assim divididas: esporte de rendimento, que objetiva índices e resultados em uma estrutura formal e institucionalizada; esporte-participação, visando ao bem-estar para todas as pessoas, praticado voluntariamente e com conexões com os movimentos de educação permanente e com a saúde; e esporte educacional, com objetivos claros de formação, baseado em princípios socioeducativos, tendo como finalidade a preparação de seus praticantes para a cidadania e para o lazer.

DaMatta (1994) afirma que a função do esporte no mundo moderno tem ligação íntima com dois aspectos fundamentais da vida burguesa: a disciplina – porque ensina e reafirma nas massas os limites sociais como regras e deveres – e o

fair-play, pois o esporte trivializa a vitória e o fracasso, socializa o insucesso e o êxito e banaliza a derrota.

2.3.1 Esporte

A origem do esporte se deu no período pré-histórico, quando o ser humano ainda era apenas caçador. Sua organização começou na Grécia e era um dos eventos mais importantes da Antiguidade, tendo sido reinventado no século XIX (RUBIO, 2003a).

Para Lefèvre (2003), a maratona é a modalidade que dá início a essa história de base do esporte em meados do ano de 490 a. C.:

O império persa se preparava para invadir a cidade de Atenas, na Grécia, pelas planícies de Maratona, na tentativa de ampliar seu território. Os generais do exército de Atenas mandaram Pheidíppides, um corredor profissional, à cidade de Esparta, também na Grécia, para pedir ajuda. Depois de percorrer cerca de 225 quilômetros, Pheidíppides chegou à cidade, mas seu esforço foi em vão: os moradores de Esparta não podiam sair naquela noite por causa de regras religiosas. O corredor voltou então para Atenas, percorrendo mais 225 quilômetros e acompanhou o exército grego até as planícies de Maratona para a batalha. (LEFÈVRE, 2003, p. 163-164).

Continuando, Lefèvre (2003, p. 164) relata que:

Os persas foram derrotados, mas planejaram atacar Atenas pela região sul, antes que os gregos conseguissem chegar lá. Pheidíppides teve então que correr até Atenas, que ficava a cerca de 40 quilômetros de maratona para dar a notícia de vitória na batalha e avisar sobre o ataque. Como estava cansado por causa da corrida até Esparta, morreu assim que chegou à cidade, mas conseguiu dar as boas notícias e avisar seus companheiros.

Essa passagem é de grande importância, tanto como feito histórico nos primórdios da civilização como também para situar o esporte, que chegou ao século XIX com as transformações políticas e sociais que tiveram início no século anterior – Iluminismo, Revolução Industrial e Revolução Francesa –, demonstrando, desde então, como diria DaMatta (1982), uma tendência a servir como bom veículo para uma série de dramatizações da sociedade.

De acordo com Rubio (2000, p. 22):

O esporte contemporâneo é considerado um dos maiores fenômenos sociais do século XX [...] e tem agregado em torno de si um número cada vez maior de áreas de pesquisa, constituindo as chamadas ciências do esporte, compostas por disciplinas como antropologia, filosofia, psicologia e sociologia do esporte, no que se refere à área sociocultural, incluindo também a medicina, fisiologia e biomecânica do esporte, [...] demonstrando uma tendência – e uma necessidade à interdisciplinaridade.

No esporte contemporâneo, como representação marcante da sociedade capitalista pós-modernidade, destaca-se a busca de recorde e de rendimento como princípio norteador. Ele tem se desenvolvido na sociedade urbana e industrial e vem se adaptando à vida política, econômica e social:

De grande importância para a sociedade contemporânea, ele é capaz de anunciar e denunciar inúmeras manifestações latentes nos diversos grupos sociais. Em sua dinâmica encontram-se elementos que envolvem o atleta, protagonista do espetáculo; o espectador e a torcida, razão da realização do espetáculo; e os patrocinadores e as empresas envolvidos com a manutenção de equipes e atletas, responsáveis diretos pela transformação do esporte em um dos principais motores da economia do planeta e pela superação do amadorismo, um dos elementos fundantes do Olimpismo moderno (RUBIO, 2003b, p. 15).

2.3.2 Educação e esporte

A história do esporte acompanha a história da humanidade como um elemento intrínseco à condição humana, ou seja, não só na formação de sua constituição física ou na atividade competitiva. No fim do século XVIII, o esporte era praticado somente pelos aristocratas. Essa história sofreu grande mudança com a ascensão da burguesia e a proliferação do esporte em outras camadas sociais (LEFÈVRE, 2003).

Nesse processo, o esporte tornou-se um modelo norteador da educação inglesa, direcionada à formação física e moral dos indivíduos que viriam a explorar e colonizar o mundo da “livre troca”. Esses homens, que levaram a bandeira do liberalismo, tinham de ser solidários na ação e de ter iniciativa dentro de um padrão de regras que regia o mercado. Assim, esporte passou a ser uma metáfora do jogo capitalista, baseando-se na tradição helênica da “igualdade e oportunidade” (BRANDÃO; MACHADO, 2007).

Com isso, na indústria têxtil, nas ferrovias, nas empresas de energia elétrica e em tudo o que a Inglaterra exportava, o esporte estava presente, com sua organização e regras.

Neste mesmo período, que compreende os séculos XIX e XX, o esporte também pode ser considerado como um elemento que contribui para as mudanças das relações e distribuição dos papéis sociais dos valores e das normas de comportamento e conduta. (BRANDÃO; MACHADO, 2007, p. 118).

Nessa época foram lançadas as bases do movimento que criou os Jogos Olímpicos da era moderna. Pautado no modelo grego, o esporte ressurgiu com a finalidade de universalizar a instituição esportiva.

À frente dessa tarefa, o Barão Coubertin, aristocrata francês, viu no esporte um facilitador para se alcançar equilíbrio entre as qualidades físicas e intelectuais: *mens sana in corpore sano* (mente sã em corpo são) – e assegurar a paz universal (LEFÈVRE, 2003).

Para o Barão Coubertin, os aspectos pedagógicos do esporte grego helênico e o modelo educativo das escolas públicas britânicas eram exemplos a serem seguidos. A atividade passou a ser encarada como fenômeno social “a partir da sua organização em eventos internacionais, como as olimpíadas e como tal, também em consequência do seu uso político-ideológico por diversos meios de comunicação, indústrias e governos” (BRANDÃO; MACHADO, 2007, p. 118).

[...] os jogos olímpicos eram para seu reinventor a institucionalização de uma concepção de práticas de atividades físicas que transformava o esporte em um empreendimento educativo, moral e social, destinado a produzir reflexos no plano dos indivíduos, das sociedades e das nações que refletiam a formação humanista e eclética de Coubertin. (LEFÈVRE, 2003, p. 115).

Entende-se, portanto, que o esporte pode manifestar-se na escola, ou em qualquer ambiente da sociedade, pois promove saúde, educação e formação humana, além de transmitir conhecimentos sistematizados e regras pré-definidas.

Santana (2010), que coordenou um projeto de esporte educacional por 11 anos, relata que esse tipo de projeto engloba não só o ensino do esporte como também a prática da educação, ou seja, educa “atitude e sentimento das pessoas”:

O efeito social desse tipo de projeto não é algo fácil de provar. Por quê? Porque uma nova visão sobre si, sobre como se vive, sobre

como se deve agir e se relacionar não é fácil de pôr no papel. Não se trata, por exemplo, de dados mensuráveis, como o peso e a altura, o tempo de um deslocamento ou o retrospecto nas competições. (SANTANA, 2010, p. 1).

Nesse universo é que o futebol tem se mostrado o esporte mais popular e universal, com uma longa história, desde suas origens documentadas entre diferentes povos na Antiguidade até sua regulamentação no século XIX na Inglaterra (RUBIO, 2003a).

2.3.3 Futebol

Na busca da história desse esporte no mundo emerge uma diversidade de origens. Desde os tempos pré-históricos, passando pela China e Japão (antes da era cristã), pelo México da civilização asteca e pela Europa medieval até a modernidade, o futebol veio a constituir o maior esporte do planeta, com vários países filiados à Fédération Internationale de Football Association (FIFA) (BRANDÃO; MACHADO, 2007).

A força do futebol como fenômeno desportivo se consolidou mais precisamente no século XX. Ao longo dos anos, transformou-se em agente de entusiasmo desportivo popular sem paralelo. Semanalmente, milhões de espectadores comparecem aos estádios de dezenas de países, em todos os continentes, para ver jogos em que se disputam campeonatos nacionais e internacionais, taças, torneios ou simples amistosos (RUBIO, 2000).

O profissionalismo determinou uma atividade futebolística incessante que, em vez de provocar saturação, tem causado novas adesões, a fundação de clubes e o aprimoramento técnico e financeiro desse esporte.

O futebol ultrapassa, assim, as fronteiras do simples esporte. Tende a transformar-se cada vez mais em espetáculo público, um negócio como tantos, em que os lucros variam diretamente da razão do capital empregado na formação de conjuntos poderosos. (BARSA, 1994, p. 71)

Duas variáveis movimentam o mundo em vários setores da vida e refletem-se diretamente no universo futebol:

A primeira delas é a rápida evolução da Tecnologia da Comunicação, propiciando imagens e informações transmitidas em tempo real. Isso significa que o indivíduo pode assistir, em seu lar, aos mais diferentes eventos, ao vivo, ao mesmo tempo em que as empresas encontram nesse mercado uma oportunidade fantástica de investimentos.

O segundo é o crescimento da área do entretenimento e lazer, no mundo. (RUBIO, 2000, p. 57)

Portanto, a revolução na comunicação e a demanda crescente no lazer e entretenimento configuram um cenário de grandes oportunidades comerciais que movimentam o universo do futebol com empresas que, percebendo a importância desse setor, passam a nele investirem. Isso é perfeitamente compatível com outras áreas da atividade econômica, tornando-se uma realidade também no futebol brasileiro (RUBIO, 2000).

Para Luccas (2000), pesquisar o universo do futebol permite apreender os diversos significados que a prática do futebol foi construindo ao longo de sua história.

Esmiuçar os detalhes que compõem sua estrutura é como invadir um território cheio de armadilhas.

Segundo Rubio (2003a, p. 28):

Penetrar no imaginário esportivo do fim do século XX é, de certa forma, busca compreender por onde passa o parâmetro de projeção e de criação de identidade de uma parcela de adolescentes e jovens adultos na sociedade contemporânea. [...] Isso porque os feitos esportivos não estão apenas relacionados à apresentação de comportamentos, mas também ao preenchimento de um vácuo de efeitos de destaque.

Para tanto é fundamental conhecer um pouco mais sobre o fenômeno esportivo atual e como o atleta se transformou no personagem que ele é hoje.

DaMatta (1994) relata que o significado que o futebol assumiu no transcurso da história é de uma prática guerreira, como um jogo que objetiva expressar um conflito entre duas forças. Nesse cenário, a violência das torcidas ganhou novos sentidos. Não só se mostrou eficaz para a coesão de um grupo e das subjetividades de seus membros, como também um elemento constitutivo do próprio futebol e da trama social no qual ele se inscreve.

O futebol sempre acompanhou de perto o desenvolvimento da cultura, da política e da organização social. Nunca foi, como querem crer os puristas e

saudosistas de um tempo que nunca existiu, uma simples prática esportiva, competitiva, romântica e inocente. Permeado por interesses diversos ao longo de sua história, representa ainda hoje os jogos da trama social. Milhares de pessoas procuram por meio dele sua inclusão social (RUBIO, 2000).

O futebol de salão nasceu do próprio futebol de campo, cujas regras também foram adaptadas de outros esportes. É pertinente aqui ressaltar que o futsal também é usado como base de aprimoramento da técnica para jogadores que desejam torna-se profissionais de futebol (SOUZA, 2003).

2.4 FUTSAL

Há duas versões para a origem do futsal: a primeira é que começou a ser praticado em torno de 1940, com o nome de futebol de salão, por membros da Associação Cristã de Moços de São Paulo (ACM-SP) que experimentavam dificuldades em encontrar campos de futebol livres para jogarem as famosas “peladas”. Por isso começaram a jogar em quadras de basquete e hóquei (FUTSAL DO BRASIL, 2009).

Inicialmente, cada equipe jogava com cinco, seis ou sete jogadores, porém mais tarde definiu-se que cada equipe se comporia de cinco membros. As bolas eram de serragem, crina vegetal ou cortiça granulada, mas como ainda saltassem, escapando da quadra de jogo com frequência, seu tamanho foi diminuído e seu peso aumentado. Isso levou a modalidade a ser referida como “esporte da bola pesada” (FUTSAL DO BRASIL, 2009).

A segunda versão é a de que o futsal teve início em 1934 na Associação Cristã de Moços de Montevidéu, Uruguai, por iniciativa do professor Juan Carlos Ceriani, que o batizou de *indoor foot-ball* (FUTSAL DO BRASIL, 2009).

No início dos anos de 1950, a primeira entidade oficial do esporte foi a Liga de Futebol de Salão da Associação Cristã de Moços, tendo como fundador Habib Maphuz, que também elaborou normas para diversas modalidades esportivas praticadas na ACM-SP (FUTSAL DO BRASIL, 2009).

Em 28 de julho de 1954 foi criada a Federação Metropolitana de Futebol de Salão, depois transformada em Federação de Futebol de Salão do Estado do Rio de Janeiro, como a primeira federação estadual do Brasil, tendo como presidente

Ammy de Moraes. Também em 1954, foi fundada a Federação Mineira de Futebol de Salão e, em 1955, a Federação Paulista de Futebol de Salão, esta tendo como primeiro presidente Habib Maphuz. Seguiu-se o deslançar de novas federações estaduais por todo o Brasil: em 1956, no Ceará, Paraná, Rio Grande do Sul e Bahia, ano em que foram publicadas em São Paulo as primeiras regras dessa modalidade esportiva, elaboradas por Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes; em 1957, em Santa Catarina e Rio Grande do Norte, também com a criação do Conselho Técnico de Assessores de Futebol de Salão pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que tinha como presidente Sylvio Pacheco, além da tentativa, em Minas Gerais, da fundação da Confederação Brasileira de Futebol de Salão; em 1959, em Sergipe; na década de 1960, em Pernambuco, Distrito Federal e Paraíba; na década de 1970, no Acre, Mato Grosso do Sul, Goiás, Piauí, Mato Grosso e Maranhão. Em 1979, com a reunião da Assembleia Geral, foi fundada a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS). Em 1980, tiveram início as federações estaduais do Amazonas, Rondônia, Pará, Alagoas, Espírito Santo e Amapá; e na década de 1990, as de Roraima e Tocantins (FUTSAL DO BRASIL, 2009).

O futsal desenvolveu-se em vários países: em 1969 foi fundada a Confederação Sul-Americana de Futebol de Salão (CSAFS), em Assunção, Paraguai, e em 1971, a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), em São Paulo (FUTSAL DO BRASIL, 2009).

A CBFS, em 1981, inaugurou a sede própria no centro de Fortaleza. Em 2007, foi inaugurado o Centro de Treinamentos Aécio de Borba Vasconcelos. Em 2009, a CBFS inaugurou quatro subsedes, nas cidades de São Paulo, Goiânia, Aracaju e Porto Alegre, com 27 federações estaduais filiadas, totalizando cerca de quatro mil clubes e 310 mil atletas inscritos, promovendo competições nacionais de seleções e de clubes nas categorias Sub-15, Sub-17, Sub-20 e Adulto, no masculino e feminino (FUTSAL DO BRASIL, 2009).

A partir de então, começaram as competições internacionais e a participação da FIFA:

- a) 1975: 1º Pan-Americano de Futebol de Salão no México, organizado pela FIFUSA;
- b) 1982: 1º Campeonato Mundial de Futebol de Salão, em São Paulo, organizado pela FIFUSA, ano em que houve interesse da FIFA em administrar essa modalidade;

- c) 1985: 2º Campeonato Mundial de Futebol de Salão, na Espanha, organizado pela FIFUSA;
- d) 1988: 3º Campeonato Mundial de Futebol de Salão, na Austrália;
- e) 1989: 1ª Copa do Mundo de Futsal da FIFA e negociações firmadas entre FIFUSA e FIFA para a fusão delas. Em consequência dessa fusão, constituiu-se a Comissão de Futsal com previsão estatutária;
- f) 1990: O Brasil, oficial e legalmente, se desliga da FIFUSA e passa a seguir as regras da FIFA. Nesse ano, o futebol de salão passa a ser denominado oficialmente como futsal;
- g) 1992: As Copas do Mundo de Futsal da FIFA passam a ser realizadas de quatro em quatro anos, como as de futebol.

A paixão pelo futebol de campo impregnou também o futsal, e um dos motivos dessa mudança foi que este não requer espaço muito grande para ser praticado. Outro fator que colaborou para sua divulgação foi não impor biótipo específico, ou seja, o jogador pode ser alto, baixo, obeso, magro, jovem ou mais idoso.

Grandes jogadores de futebol iniciaram sua vida desportiva no futsal, como Pelé, Zico, Sócrates, Casagrande, Edinho, Rivelino, Paulo Cesar, Reinaldo, Edmundo, Ronaldo Gaúcho e Ronaldo Fenômeno. Hoje, é um esporte prestigiado em todo o território brasileiro: “Foi o Brasil que popularizou e exportou o futebol de salão para o resto do mundo, sendo por isso considerado um esporte genuinamente brasileiro” (SOUZA, 2003, p. 17)

2.4.1 Pedagogia do futsal

Para Souza (2003, p. 24), “a educação psicomotora é um conjunto de ações pedagógicas e psicológicas, distribuídas ordenadamente, utilizando os meios da educação física, com objetivo de equilibrar e melhorar o comportamento motor da criança em relação ao seu universo”.

Santana (2010) relata que são vários os benefícios conquistados pela pedagogia do esporte educacional, como oportunidades para que a criança retraída verbalize, a egocêntrica coopere, a violenta acolha, a fragilizada se fortaleça, a anônima seja reconhecida, a heterônoma desenvolva autonomia, a mal-educada desenvolva polidez e a precipitada reflita.

O futsal também possibilita que a ação educativa e de aprendizagem leve a criança a exercer bom domínio sobre seus comandos motores, que futuramente serão utilizados para estruturar movimentos mais complexos e permitir-lhe maturação biológica e psicológica (SOUZA, 2003).

A iniciação ao futsal requer um período de adaptação de uma semana para que a criança se sinta acolhida pelo professor e colegas, além de se ambientar com a quadra, a bola e as regras. Devem-se evitar grandes exigências nesse período (SOUZA, 2003).

É importante que se leve em conta o perfil etário das crianças para estabelecer uma linha de ensino bem-elaborada, a fim de que o aprendizado seja gradual, seguro e duradouro. A seguir são apresentadas as características da faixa etária de 4 a 12 anos, conforme Souza (2003):

- a) 4 anos: Nessa faixa, a criança repete o que ouve e vê. O corpo é o instrumento de comunicação. A musculatura das pernas é mais independente. A criança gosta de correr, saltar e subir. Executa movimentos repetitivos e graduais e amplos e tem pouca concentração;
- b) 5 anos: Os pais são referências. A criança tem maior capacidade de concentração e abertura para receber instruções. Procura ser aceita em seu ambiente social. Apresenta melhor percepção de espaço e tempo;
- c) 6 anos: Mostra-se insegura em ambientes desconhecidos. Tem maior facilidade de realizar atividades com um companheiro do que com dois ou mais. O aprendizado é fortalecido por causa de sua automotivação. Desenvolve a capacidade de concentração;
- d) 7 anos: Compara e ordena experiências vividas. Participa mais ativamente de atividades prazerosas e gosta de imitar e reproduzir ações;
- e) 8 anos: Maior interação em grupo. Executa movimentos mais acelerados com exercícios de força, agilidade, velocidade e destreza. Nessa fase, ao ser pressionada, pode apresentar instabilidade emocional;
- f) 9 anos: É persistente na execução de ações motoras complexas. Torna-se mais crítica em relação ao meio, mais comprometida com o grupo e mais interessada pela modalidade praticada;

- g) 10 anos: Traços individuais bem-definidos. Está mais aberta às informações de seu ambiente. Torna-se mais interativa nos jogos em grupo. Sente-se mais motivada em atividades que envolvem competição;
- h) 11 e 12 anos: Período de transição. Apresenta amadurecimento biopsicofísico e social. Participa mais ativamente das atividades, sendo crítica e tendo percepção aguçada.

É importante que os pedagogos tenham conhecimento e vivência sobre o esporte quando trabalham com grupos. Sob o enfoque pedagógico, a ideia de que o esporte é um jogo revela-se essencial. Os fundamentos técnicos do futsal devem ser apresentados de forma pré-desportiva e recreativa, de modo que aumentem a motivação das crianças, ao mesmo tempo em que abrem canais para o aprendizado (SOUZA, 2003).

Os procedimentos básicos que atuam como agentes facilitadores da aprendizagem e os de iniciação no futsal são apresentados nos Quadros 1 e 2, respectivamente.

2.4.2 Desenvolvimento cognitivo e motor das crianças e dos adolescentes

No futsal, equilíbrio, ritmo, coordenação em geral e espaço de tempo são fundamentais para que o indivíduo seja capaz de dominar técnicas corporais básicas e para que possa iniciar-se nos fundamentos técnicos. Alguns aspectos devem ser observados no aprendizado da modalidade, como conhecimento do perfil da criança, desenvolvimento dos componentes motores, procedimentos básicos de ensino e linguagem didático-esportiva (Quadros 1 e 2).

Para que as técnicas do futsal sejam praticadas no início do aprendizado com mais dinamismo, precisão, eficácia e economia de função, é necessário que as atividades sejam planejadas e adequadas às crianças e aos adolescentes, pois nessa fase seus gestos motores são ainda desordenados e imprecisos (SOUZA, 2003).

As atividades desportivas e corporais, embutidas nas práticas regulares de educação física e na iniciação desportiva, aguçam de forma direta o domínio cognitivo e psicomotor da criança, pois criança é “movimento”. Sendo assim, nada mais adequado do que se utilizar o movimento como meio de permitir à criança expressar-se livremente, pondo em prática toda sua criatividade. (SOUZA, 2003, p. 26)

Quadro 1 – Procedimentos básicos de aprendizagem esportiva na faixa etária de 6 a 12 anos

Básicos
Iniciar o ensino com atividades simples, compatíveis com suas possibilidades de realização.
Elaborar atividades de acordo com o interesse das crianças, observando e não permitindo as manifestações de cansaço, impaciência e desinteresse.
Observar e diagnosticar comportamentos que evidenciem interferências negativas do emocional nas ações motoras, como nervosismo, falta de concentração ou cansaço.
Desenvolver ações de ensino utilizando atividades naturais aplicadas de forma prazerosa.
Utilizar linguagem objetiva e de fácil compreensão.
Evitar preocupação com <i>performance</i> , favorecendo o aprendizado total.
Facilitar a adaptação da criança ao material didático e ao ambiente de ensino.
Proporcionar atividades partindo das mais simples e rumando às mais complexas.
Diferenciar o ensino de acordo com a condição motora da criança.
Despertar na criança o interesse pela prática desportiva.
Utilizar competições como incentivo, possibilitando a participação de todas as crianças no contexto.
Diversificar atividades, caso a criança demonstre impaciência ou desinteresse.
Avaliar respostas individuais ao aprendizado, corrigindo erros que venham a ocorrer durante o processo.
Atuar como elemento motivador no processo de ensino.
Propor atividades lúdicas, combinando-as com as formais.
Valorizar a experimentação dos gestos motores específicos do desporto.
Desenvolver a disposição favorável ao aprendizado.
Elaborar planejamento prévio das atividades e a serem ministradas.
Transmitir o gosto de aprender e de se aperfeiçoar.

Fonte: Adaptado de: SOUZA¹, J.C. *Conceitos, princípios e requisitos na orientação técnica e tática: futsal*. Campo Grande: UCDB, 2003. p. 33-34.

¹ J.C. Souza, conhecido no meio esportivo de Campo Grande, MS, como Pelezinho.

Quadro 2 – Procedimentos de iniciação no futsal na faixa etária de 6 a 12 anos

Iniciação
Avaliar a condição física corporal que, nesta fase, é o referencial da percepção, o meio pelo qual a criança absorve o mundo e manifesta sentimentos, sensações e até mesmo opiniões.
Desenvolver os aspectos do esquema corporal, equilíbrio, lateralidade, organização do corpo no espaço e no tempo e coordenação motora grossa e fina, não esquecendo as características da idade: correr, saltar, lançar, transportar, trepar, rastejar e rolar.
Oportunizar uma variedade de experiências motoras, bem como um contato com vários tipos de objetos em diferentes espaços, proporcionando, assim, a conscientização do próprio esquema corporal.
Realizar, no período escolar, um trabalho integrado com as demais disciplinas escolares, fazendo-se, assim, o uso da interdisciplinaridade.
Brincar é tão importante para a criança quanto respirar, comer e dormir. Toda atividade lúdica, em forma de recreação, é mais atrativa para as crianças.
Desenvolver atividades que propiciem socialização, integração e autoestima.
Estimular as crianças à criação e organização das atividades, sem no entanto perder o controle da turma, podendo-se usar as seguintes perguntas: “Quem consegue? Quem é capaz de ...? Quem sabe outra maneira de ...?”.
Manter a motivação da turma e seu interesse pelas atividades, percebendo a hora de trocá-las.
Propiciar segurança e desinibição aos alunos para participarem de todas as atividades, oferecendo um ambiente livre de tensões, propiciando assim o aprendizado.
Incentivar principalmente os alunos que têm dificuldades, elogiando-os a cada conquista e deixando também para aqueles que possuem mais facilidade o compromisso de auxiliar com a transmissão de sua experiência.
Respeitar a individualidade de cada criança, com atenção à progressão dos exercícios, partindo sempre do mais fácil em direção ao mais difícil e do simples ao complexo.
Avaliar o desenvolvimento psicomotor das crianças que aparentemente são mais desenvolvidas fisicamente, mas que na realidade possuem a mesma capacidade mental de outras de sua idade. Deve-se estar atento à maturidade motora e mental (emocional) das crianças.
Dar importância a fatores externos que possam interferir no andamento do trabalho proposto pelo professor. O melhor exemplo é a pressão que os pais exercem sobre seus filhos ao tentarem satisfazer seus próprios desejos de infância ou de projetar em seu filho um futuro promissor dentro do esporte. Deve-se conversar com os pais e mostrar o que esse tipo de ação pode acarretar na criança.

Fonte: Adaptado de: SOUZA, J.C. *Conceitos, princípios e requisitos na orientação técnica e tática: futsal*. Campo Grande: UCDB, 2003. p. 33-34.

Assim, a educação psicomotora deve ser adequada à maturação biológica da criança e do adolescente, sem exigir ações motoras inadequadas, mas proporcionando experiências intermediárias.

O Quadro 3 lista as características e conteúdos de aprendizagem do futsal, de acordo com a faixa etária, permitindo observar a importância de desenvolver e fortalecer a capacidade de execução dos movimentos da criança, de modo geral, para posteriormente adentrar as técnicas individuais específicas do futsal, como passes, chutes, dribles e condução, já que na iniciação a coordenação motora é ainda insegura, descoordenada e imprecisa. Com a repetição de movimentos planejados e orientados, as crianças gradativamente adquirem segurança, o que facilita a execução em termos de precisão, eficácia e economia de função (SOUZA, 2003).

Destas observações, identificar, listar, classificar e definir tais elementos e ações motoras, deve-se estabelecer uma linguagem didático-esportiva, tornando-se condição básica para se desenvolver o aprendizado dentro de uma boa sequência pedagógica de ensino. (SOUZA, 2003, p. 31).

Matsudo e Matsudo (2000) acrescentam a existência de uma relação entre prática de atividade física e conduta saudável, já que advêm dessa prática os principais benefícios à saúde (antropométricos, neuromusculares, metabólicos, psicológicos).

2.4.3 Pais e filhos

É relevante abordar este assunto, já que são inúmeras as influências do ambiente familiar, tendo-se em vista a função da família não somente como instituição de ordem biológica, mas também como organismo cultural e social.

É possível notar que os conceitos de família estão entre os que mais se alteraram no decorrer dos tempos, apresentando hoje enorme complexidade.

Quadro 3- Fases de desenvolvimento e aprendizagem motora da criança e fundamentos do futsal

Fase de desenvolvimento	Categoria	Aprendizagem motora	Fundamento
Pré-escolar (automotivação)	Mamadeira (5 a 6 anos)	Ações motoras imperfeitas	Adaptação ao ambiente e ao esporte
1. ^a idade escolar (maior independência)	Fraldinha (7 a 8 anos)	Coordenação grossa	Graduação da adaptação da técnica
2. ^a idade escolar (capacidade de entendimento)	Pré-mirim (9 a 10 anos)	Coordenação fina	Técnico geral (básicos)
3. ^a idade escolar ou pré-puberdade (fase da concentração)	Mirim (11 a 12 anos)	Estabilização dos movimentos Pré-puberdade	Técnico geral e específico
Puberdade (autoimagem)	Infantil (13 a 14 anos)	Retrocesso temporário Puberdade	Técnico geral e específico Técnico-tático (manobras básicas)
Adolescência (raciocínio lógico; crises de ansiedade; imaturidade; descontrole emotivo)	Infanto-juvenil (15 a 16 anos)	Retomada do processo de estabilização motora Aumento das capacidades físicas	Treino técnico geral e específico Treino técnico-tático
Início da fase adulta	Juvenil (17 a 18 anos)	Aumento das capacidades físicas	Treino técnico geral e específico Treino técnico-tático Treino físico-técnico
Adulta	Adulto (acima de 18 anos)	Manutenção Aprimoramento	Treino técnico geral e específico Treino técnico-tático Treino físico-técnico

Fonte: Adaptado de: SOUZA, J.C. *Conceitos, princípios e requisitos na orientação técnica e tática: futsal*. Campo Grande: UCDB, 2003. p. 24-26.

Conceituar família é, portanto, tarefa árdua, considerando-se que os parâmetros sociais sofrem alterações de acordo com o momento histórico vivenciado, com profundas mudanças conceituais e estruturais. Com o passar dos anos, grandes mudanças ocasionaram transformações nos papéis e nas relações de família, alterando inclusive sua estrutura no que diz respeito à composição familiar. A família, no entanto, tem conseguido sobreviver, a despeito das intensas crises sociais (SIMIONATO; OLIVEIRA, 2003).

Embora o século XX tenha imprimido grandes transformações à estrutura familiar, constata-se ainda marcas deixadas pelas origens desta, por exemplo, a família romana, com autoridade do chefe da família e submissão da esposa e dos filhos ao pai, conferindo ao homem o papel de chefe; a família medieval, com o caráter sacramental do casamento; e a cultura portuguesa, com a solidariedade, o sentimento de sensível ligação afetiva, a abnegação e o desprendimento (SIMIONATO; OLIVEIRA, 2003).

Lane (1984, p. 10) define a família como sendo fundamental para a criança. É nela que esta “forma sua personalidade, toma consciência do mundo em que vive, estabelecendo relações afetivas e sociais necessárias para ter um desenvolvimento sadio e completo”.

Encontrar uma família nos moldes tradicionais (união abençoada pelos laços sagrados do matrimônio entre um homem e uma mulher) é cada vez mais raro, visto que a estrutura familiar está a cada dia condicionada a novos aspectos sociais e a novos tipos de aceitação, e as mudanças decorrem principalmente das representações e subjetividade, possivelmente pelo fato de hoje existirem relações consequentes de um novo papel de família, subsidiadas pelas novas relações que se estabelecem entre pai, mãe e filhos (CASTRO LIMA, 2005).

O divórcio tem sido um dos principais agentes de mudanças na família tradicional, e uma de suas decorrências mais comuns são as crianças que dividem seu tempo entre a casa materna e a paterna. O crescimento no número de pais solteiros também constitui mudança marcante. Nos Estados Unidos, o número destes cresceu 25% nos primeiros cinco anos deste milênio. No Brasil, o crescimento foi ainda mais significativo, pois em uma década o número de homens que cuidam dos filhos em casa subiu aproximadamente 75% e o de mães solteiras cresceu quase 60% (CASTRO LIMA, 2005).

Diante das mudanças desse tipo, a própria classificação das famílias se torna objeto de reconsideração por alguns pesquisadores. Mota, Rocha e Mota (2011), por exemplo, identificam duas novas categorias a esse repertório de classificações. Uma é a que denominam como família alternativa, que abrange famílias homossexuais e famílias comunitárias. Nelas, o papel dos pais e da escola é descentralizado (tal como nas famílias tradicionais), sendo todos os adultos responsáveis pela educação e criação das crianças e dos adolescentes. Outra é a chamada família moderna, modelo familiar em que o pai perde o patriarcado e a mãe deixa de se dedicar única

e exclusivamente ao lar e aos filhos, passando mesmo a competir com o homem. Todos os integrantes da família passam a ter influência dentro do lar, expondo opiniões e participando efetivamente, idealmente com base no respeito, no amor, na afetividade, no carinho e na atenção.

De modo geral, constata-se que os pais atualmente sobrecarregam cada vez mais seus filhos com atividades e exigem destes, capacidades extras para acompanhar o movimento do mundo moderno. Silva (2010) cita como resultado natural disso o aumento nas expectativas dos pais em relação aos filhos – expectativas estas que, por vezes, se tornam sobrecarga para estes últimos, ao mesmo tempo em que fazem transparecer hesitações e dúvidas dos pais quanto ao que fazer diante das mudanças nas relações com os filhos e das atuais demandas sociais para o sucesso.

De fato, os pais, por ansiedade, deixam de considerar os filhos como seres diferenciados, que precisam ser orientados em suas escolhas e contar com apoio em cada etapa de seu desenvolvimento. Silva (2010) complementa, no entanto, que, mais que orientar e talvez ajudar, é necessário haver diálogo para transmitir aos filhos a experiência que possa servir como subsídio para a vida. Aponta que muitos pais, não conseguindo controlar o mundo a seu redor – o que inclui não conseguir controlar os filhos como em outras épocas –, agem como se os filhos devessem estar prontos para uma espécie de luta desenfreada que obriga estes a se esforçarem além de seus limites – atitude que acaba por levar tanto filhos quanto pais a sofrimento.

Quanto a esse aspecto, cabe aqui citar com fidelidade as palavras do escritor Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo) lembradas por Nascimento (apud SILVA, 2010, p. 16):

Privar a criança do mergulho no mistério, do ócio acelerador, do tempo em que ela nem sonha em crescer – seja pela penúria material, seja pelo peso esmagador da realidade e dos compromissos, seja pelo trabalho precoce, seja pelo excesso de exposição à TV, roubar-lhe os sonhos – é, afinal, amputá-la da infância. É mutilar o ser, abortando a criança para apressar, de modo cruel, a irrupção irreversível do adulto. Ao sorriso sucede o travo amargo de quem já não logra mirar a vida como maravilha – dentro e fora de si. A insegurança aflora, denunciando carências e tornando-as vulneráveis ao sonho químico das drogas, já que o melhor da infância foi sonogado: sentir-se um ser amado.

Trindade (apud SILVA, 2010) ressalva ser natural que os pais tendam a ter expectativas de que seus filhos tenham maior êxito na vida do que eles próprios – daí investirem para que os filhos contem com condições mais favoráveis. Há, porém, pais que acreditam que seu filho é uma extensão de si mesmos, projetando nele seus desejos e planos, em lugar de permitir que o filho se torne sujeito de suas próprias escolhas.

Silva (2010) relata que esse comportamento de “alta *performance*” dos pais em relação aos filhos é, por um lado, positivo, quando o objetivo é prepará-los para a vida, ensinando-os a serem independentes e competitivos. Por outro lado, quando o preparo ultrapassa o limite dos filhos, “fica claro que não se confia neles para cuidar de si mesmos” (SILVA, 2010, p. 12)

Controlar a expectativa parental não é fácil, pois, como lembra Trindade (apud SILVA, 2010, p. 12), esse processo tem início já antes da gestação, no imaginário dos pais. O nascimento de um filho, antes do evento biológico, ocorre primeiro do ponto de vista psicológico e emocional. Quando um casal decide ter um filho, este já existe no imaginário de cada um dos pais. Até mesmo o nome, as roupas e o quarto já fazem parte de uma construção de quem, como e o que os pais desejam que a criança seja. Tais expectativas irreais podem comprometer o desenvolvimento e a qualidade de vida dos filhos, pois se as expectativas forem excessivas, a criança pode sofrer frustrações de grande monta. Por outro lado, se as expectativas forem muito baixas, a criança pode não se sentir estimulada, desinteressando-se em explorar sua real potencialidade.

Não existe receita para saber se os pais estão indo além dos limites da criança. “O importante é ter bom-senso e estar sempre atento para eventuais manifestações de estresse que uma criança sobrecarregada pode apresentar (depressão, cansaço, agitação, irritabilidade)”, postula Trindade (apud SILVA, 2010, p. 12). Ela também aconselha os pais a terem sempre em mente que o filho não é sua extensão, mas um sujeito que, paulatinamente, apresentará traços mais acentuados da própria personalidade, com seus próprios anseios e desejos. A autora reitera ser essencial deixar espaço para que o filho cresça e se torne sujeito de sua própria vida e escolhas, mesmo que isso signifique se defrontar com o risco de escolhas menos acertadas, mas alerta para o fato de que ser livre para escolher também implica arcar com as consequências que advenham de escolhas inadequadas.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Identificar as Representações Sociais de futsal em pais e filhos em uma escola de iniciação esportiva localizada na área central de Campo Grande, MS.

3.2 ESPECÍFICOS

- Analisar as falas dos participantes da pesquisa em busca das compreensões de futsal que se reiterem.
- Mostrar que as compreensões de futsal que se reiteram vinculam as falas dos participantes por um sentido comum.
- Mostrar que o sentido comum vinculante opera nas falas como uma representação social de futsal nesse grupo.

4 MÉTODO

4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ABORDAGEM METODOLÓGICA

Ferreira (1999) conceitua o termo “método”, do grego *méthodos*, como o caminho para se chegar a um fim; procedimento pelo qual se atinge um objetivo; programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros evitáveis, em vista de um resultado determinado; processo ou técnica de ensino; modo de proceder; maneira de agir. De acordo com Lalande (apud TURATO, 2003, p. 152), método é definido como o “caminho pelo qual se chegou a determinado resultado, mesmo quando esse caminho não foi previamente fixado de uma maneira premeditada e refletida”. Para Jolivet (apud TURATO, 2003, p. 152) consiste em um “conjunto ordenado de procedimentos que servem para descobrir o que se ignora ou para provar o que já se conhece”.

Turato (2003, p. 153) acrescenta:

[...] conjunto de regras que elegemos num determinado contexto para se obter dados que nos auxiliem nas explicações ou compreensões dos constituintes do mundo, [...] referindo-se ao próprio caminho a se viabilizar através de tantas técnicas existentes.

O método proporciona economia de tempo e de recursos e fornece segurança na ação, para se chegar ao resultado pretendido (SANTOS, I., 2000). Em concepção mais ampla, o termo vem sendo entendido “como um meio geral de conduzir-nos cientificamente a objetivos propostos segundo a natureza destes” (TURATO, 2003, p. 305).

Em uma série de definições possíveis do termo, podemos verificar algumas semelhanças, como também outras concepções influenciadas por rupturas conceituais embasadas em escolas filosóficas contrastantes. Podemos concluir, de maneira generalizada, que o método tem por finalidade buscar explicações sobre a natureza ou compreensões sobre o homem (TURATO, 2003).

As chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, a análise de microprocessos por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em

profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador (MARTINS, 2004).

De acordo com Turato (2003, p. 26-27):

[...] os métodos qualitativos se confundem com a clínica. Com os métodos qualitativos retomamos essa máxima: será ao lado do paciente, do ser humano paciente ou não, que se darão trocas, conscientes e inconscientes, que permitirão o conhecimento do outro, de ambos, numa investigação permanente, investigação em ação, um descobrimento que leva a atos, e esses atos proporcionam mudanças que levam a novas ações, e assim por diante [...]. [...] o pesquisador qualitativo se defronta com aspectos fluidos, não mensuráveis, que podem e devem ser examinados de ângulos os mais diversos. Examinar sob pontos de vista diversos implica criatividade na capacidade de observação e análise. A consequência acaba por ser o apelo à interdisciplinaridade.

O aspecto qualitativo tem o intuito de enfatizar a diferença, o individual, permitindo que a contextualização dos particulares leve a teorias que, embora gerais, sejam adaptáveis a cada situação única. O caminho é por isso mais importante que o resultado, pois estuda o humano em seu contexto – daí a importância do *setting* (TURATO, 2003). Segundo Lincoln (apud TURATO, 2003), a metodologia qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalística, ou seja, os pesquisadores qualitativistas estudam as coisas em seu *setting* natural, na tentativa de dar sentido ou interpretar fenômenos em termos das significações que as pessoas trazem para estes.

A pesquisa qualitativa em ciências humanas aborda fenômenos que possuem um caráter mais individual e pessoal, no qual o importante é a compreensão particular daquilo que se estuda, visando a trazer maior profundidade ao entendimento do sentido do fenômeno estudado (CALIL; ARRUDA, 2004).

4.2 LÓCUS DE PESQUISA

A Escola de Iniciação Esportiva, denominada neste trabalho com o nome fictício de EP, localizada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, iniciou suas atividades em 5 de agosto de 1986. Atua há mais de 26 anos com iniciação esportiva nas seguintes categorias de base do futsal: Mamadeira (5 a 6 anos),

Fraldinha (7 a 8 anos), Pré-mirim (9 a 10 anos), Mirim (11 a 12 anos) e Infantil (13 a 14 anos).

4.2.1 Histórico²

Esta escola foi inspirada na experiência do diretor-proprietário, graduado em educação física, especialista em futebol e futsal e ex-jogador de futebol profissional, com iniciação precoce em time de base, e o apelido dele deu origem ao nome da escola (EP).

Na época, Pelé, o rei do futebol, destacava-se no futebol de campo e todos os jogadores que jogavam bem e faziam gols como ele eram chamados de Pelé. Com o diretor-proprietário da EP não foi diferente. Com pouca idade, mas com as mesmas características raciais e habilidades natas, fazendo muitos gols, como as do referido ídolo, ele jogava na mesma posição, a de atacante. Comum naquela época, como qualquer garoto, começou a jogar em campinhos de terra, nos bairros. Assim, recebeu o apelido que adotou como segundo nome e, como o ídolo, foi exemplo no campo e hoje fora dele.

Mais tarde, aos nove anos quando participava de partidas organizadas em campo já gramado, localizado em área central de Campo Grande, MS, foi convidado a participar de um time idealizado e patrocinado por um empresário local, coincidindo com a fundação do time de base categoria dente de leite, em 1971. Isto influenciou e se tornou referência, não só por ganhar campeonatos, mas também pela filosofia do empresário, que se diferenciava, já naquele tempo, com uma postura inovadora e educativa. Isto porque, para se tornar um jogador desse time, era preciso seguir algumas regras, além do compromisso de jogar, cumprir horários de treinos, tinha que estudar e tirar boas notas. Essa convivência com esse dirigente, que valorizava o saber e as práticas esportivas, fez com que o diretor-proprietário da EP se espelhasse nesse modelo de educação, ou seja, por meio do esporte, para também contribuir na formação de jovens atletas. Em função disso, ele considerava o empresário como seu segundo pai.

²As informações deste subitem foram obtidas com o diretor-proprietário da EP, em um diálogo informal no dia 23 de março de 2011 e aqui usado como parte do diário de campo da pesquisadora.

Essa vivência possibilitou buscar entender cientificamente o comportamento e os sentimentos dos jovens, que cada vez mais precoces são pressionados a se profissionalizar por terem habilidades. Entretanto, nem sempre eles têm condições biológicas, físicas e psicológicas para jogar, e, conforme exemplificou o diretor-proprietário da EP, ele sofreu consequência do treinamento precoce. Com isso, sinalizou a importância do trabalho de base, respeitando a individualidade biológica, aplicando processo gradativo na aquisição dos fundamentos técnicos por meio do lúdico do futsal.

A EP vincula a sua pedagogia à formação do cidadão. De acordo com o idealizador da Escola, a maioria dos ex-alunos, e com filhos na mesma escola, lembra-se desse período com nostalgia e reafirma a importância na formação deles de “aprender brincando”. Mesmo não sendo o objetivo da EP, alguns ex-alunos seguiram carreiras em times de renome nacional e internacional.

4.2.2 Filosofia da escola pesquisada

A filosofia adotada pela escola ressalta a necessidade da orientação por meio do esporte, da disciplina e da referência positiva, visando à formação integral do cidadão. Seu lema, “Aqui, campeões aprendem brincando”, traduz o resgate do jogo em sua forma lúdica, possibilitando o despertar de talentos brincando.

A escola pesquisada, ao ser idealizada pelo diretor-proprietário, tinha por desejo de realização um trabalho pedagógico que envolvesse o processo de aprendizagem da criança e dos familiares por meio de um pensamento direcionado para a “educação como prática da liberdade”, inspirado na obra de mesmo título de Freire (1987). Refere-se ao método filosófico como um contemplar, no sentido de teoria, como observar, contemplar e ver. Este tem profundo sentido pedagógico ao fazer desse contemplar a cultura, o sujeito da educação, o fenômeno educativo e, principalmente, o homem e a sociedade, um passo fundamental do fazer pedagógico. Isso é um princípio de inserção do homem na realidade como um ser que existe nela e existindo promove a sua própria concepção da sua vida social e política. De teoria que implica uma inserção na realidade, um contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo pleno e praticamente. Nesse sentido é que teorizar é contemplar.

Com efeito, ao enfatizar o caráter contemplativo da teoria, Freire (1987) deixa claro que a teoria sempre é a reflexão que se faz do concreto, isto é, deve-se partir sempre de experiência do homem com a realidade na qual está inserido. Cumprindo também a função de analisar e refletir essa realidade no sentido de se aprimorar de um caráter crítico sobre ela. Esse caráter de transformação tem uma razão de ser por promover, antes de tudo, vivência pessoal e íntima em uma realidade contrastante e opressora, influenciando fortemente todas suas ideias. Portanto, a função da prática é de agir sobre o mundo para transformá-lo.

Nesse sentido, a escola pesquisada promove um ambiente facilitador da liberdade dos movimentos e das vivências psicomotoras de acordo com o perfil de cada aluno e cultura familiar. A qualificação do corpo docente e discente é embasada na abordagem filosófica de Paulo Freire e na teoria evolutiva do desenvolvimento da criança/ciclo de vida, tendo como pressuposto teórico os estudos e planejamento metodológico das atividades desportivas do psicólogo suíço Jean Piaget. Esses antecedentes teóricos que inspiraram o fundador da EP certamente terão uma influência na compreensão do senso comum sobre o futsal como atividade esportiva naqueles que, de alguma forma, participam das atividades da escola.

Para cumprir seus objetivos, a EP conta com uma infraestrutura com as seguintes características:

- a) espaço físico: ginásio com quadra de 28 m x 17 m;
- b) número de alunos: aproximadamente 200;
- c) horário de funcionamento: de segunda-feira a sexta-feira, das 8 h às 11 h e das 13h30 às 19 h;
- d) funcionários: diretor-presidente, secretária administrativa, psicóloga, professores e estagiário acadêmico;
- e) atividades: iniciação e treinamentos;
- f) programas de atividades: voltados à obtenção dos fundamentos básicos, disciplina, cooperativismo e formação integral;
- g) campeonatos: participação em campeonatos promovidos pela Federação de Futsal de Mato Grosso do Sul e entidades esportivas e promoção de competições em vários segmentos;
- h) classes econômicas atendidas: média e alta;
- i) metodologia: aulas práticas e teóricas.

4.3 PARTICIPANTES

Foram incluídas na pesquisa 15 crianças, além de seus pais ou responsáveis. Esse grupo compôs-se de cinco crianças selecionadas por conveniência para cada uma das seguintes categorias: Fraldinha (7 a 9 anos), Pré-mirim (9 a 10 anos) e Mirim (11 a 12 anos). Priorizaram-se aquelas cujos pais estavam presentes.

Na identificação das análises das falas, foram usadas as seguintes siglas:

- a) pais = P;
- b) filhos = F.

4.4 INSTRUMENTOS

Utilizaram-se como instrumentos para a construção dos dados a entrevista aberta (Apêndices A e B) e a observação dos participantes. Estes foram esclarecidos sobre o objeto da pesquisa e sobre os aspectos éticos pertinentes a sua participação (Apêndice C).

4.5 PROCEDIMENTOS

Solicitou-se o consentimento do presidente da entidade (Apêndice D) para utilização do local da pesquisa e para permissão de contato com os pais ou responsáveis para a aplicação do questionário e a realização das entrevistas.

Durante esse processo, estes foram informados sobre o objetivo da pesquisa e seu conteúdo, a fim de assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice E). Foram também orientados sobre a entrevista, o sigilo das informações prestadas e o compromisso ético e legal do estudo.

Após, foi agendado um horário para a entrevista, solicitando-se também consentimento para a participação do filho na pesquisa (Apêndice E). A criança foi contatada após a autorização expressa dos pais ou responsáveis e solicitada a responder questões pertinentes à pesquisa. As crianças que aceitaram foram entrevistadas. Em alguns casos, essa entrevista foi realizada com a presença dos pais.

As entrevistas foram realizadas na própria escola, de julho a agosto de 2011.

Nem todas as respostas dos pais e filhos foram analisadas, pois como o objetivo desta pesquisa foi evidenciar as representações sociais de futsal, a análise abrangeu apenas respostas repetitivas que os vinculassem à referida representação.

4.6 PLANO DE ANÁLISE DE PESQUISA

Para posterior análise das falas, os dados foram assim organizados: transcrição integral das falas dos entrevistados; agrupamento das falas de acordo com as perguntas feitas e categorização; elaboração de uma planilha para melhor classificar as falas; identificação das falas que mais se repetiam nos discursos; e análise dos conteúdos que convergiam para uma representação.

Na análise, foram identificadas as falas que apontavam para uma mesma compreensão do futsal, separadas em grupos: o grupo 1 compreendeu o futsal como atividade lúdica; o 2, como meio de socialização e integração familiar; o 3, como possibilidade de profissionalização; e o grupo 4, como prática educativa.

Esses grupos serão analisados e discutidos separadamente.

4.7 ASPECTOS LEGAIS E ÉTICOS

Todos os procedimentos adotados durante a realização da pesquisa atenderam à Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1997), que incorpora sob a ótica do indivíduo e da coletividade os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros, visando a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado, observando-se as seguintes exigências:

- a) Contar com o consentimento livre e esclarecido do entrevistado, assegurando-lhe anonimato, sigilo das informações prestadas (o pesquisado será informado sobre a apresentação dos resultados da pesquisa em eventos científicos, mas sempre se tendo o cuidado com o sigilo de sua identidade) e o direito de desistir de participar em qualquer

momento ou fase da pesquisa, sem penalização nem prejuízo a sua participação na escola.

- b) Prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo de pessoas e/ou comunidades e resguardando o sigilo e o anonimato. A instituição e os participantes deste estudo foram informados sobre os objetivos da pesquisa, a possibilidade de divulgação dos resultados em encontros científicos e a garantia de proteção de sua imagem por meio do anonimato.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo, procede-se à análise e à discussão do conteúdo das falas obtidas por meio das entrevistas.

A finalidade da análise é buscar o discurso sobre o futsal que se repete em cada uma das falas e correlacioná-las entre si e com os indivíduos da pesquisa, de modo a se alcançar uma compreensão do sentido comum em relação ao tema futsal. Essa compreensão do sentido comum, que atua como uma espécie de norma oculta nas falas, aproxima-se do que se considera como representação social. A repetição do fenômeno permite estabelecer uma correlação entre o indivíduo e o outro, sugerindo uma explicação com significado da existência de uma regra e/ou lei ainda não descoberta (MOSCOVICI, 2003). Esse tipo de fenômeno que se busca analisar no desenvolvimento desta pesquisa, em um contexto que o futsal se coloca como instrumento de representação social.

Para a utilização do modelo de estratégia argumentativa, dividimos as transcrições dos argumentos das falas segundo as respostas que se reiteram.

Da análise das falas emergem diferentes compreensões do futsal compartilhadas pelos entrevistados. Essas compreensões caracterizam diferentes representações sociais desse esporte na população de estudo, quais sejam: o futsal como atividade lúdica, meio de socialização e integração familiar, possibilidade de profissionalização e prática educativa.

5.1 O FUTSAL COMO ATIVIDADE LÚDICA

Aqui serão analisadas as falas dos entrevistados que compreendem o futsal como atividade lúdica.

A palavra “lúdico”, derivada do latim *ludus*, refere-se ao caráter de jogos, incluindo as ideias de brincar, brinquedo e brincadeira. Nesse universo, é importante considerar que a atividade lúdica tem papel fundamental na formação da criança, podendo ser utilizada como um rico recurso para as práticas pedagógicas (KISHIMOTO, 2002).

A atividade lúdica, por ser tão importante na formação do indivíduo, foi reconhecida durante a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), em 1959,

sendo incluída na Declaração Universal dos Direitos Humanos (UNITED NATIONS, 2012), cujo artigo 7.º destaca: "toda criança terá o direito de brincar e divertir-se, cabendo à sociedade e às autoridades públicas garantir a ela o exercício pleno desse direito".

Em 1988, a Constituição brasileira (BRASIL, 1988) assegurou às crianças do país o direito à educação e ao lazer, o que levou à aprovação, em 1991, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1991), que estabelece em seu artigo 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização e à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1991, p. 11).

Essa preocupação com a criança também suscitou manifestação pública no esporte. Em Genebra, treinadores esportivos, preocupados com a saúde biopsicossocial das crianças envolvidas no esporte, algumas das quais com a obrigação de obter resultados em competição, elaboraram a Carta dos Direitos da Criança no Esporte (CDCE), com a qual se comprometeram a respeitar o ritmo de cada uma e a proteger crianças e jovens sob sua responsabilidade (CDCE, 1995).

Dentre os dez artigos desse documento, destaca-se o décimo, que frisa: "Toda criança tem: [...] o direito de ser ou não campeão" (CDCE, 1995).

Percebe-se na elaboração desses documentos uma preocupação com a necessidade de conscientizar os adultos sobre os plenos direitos das crianças, de modo, realmente, lhes assegurar o devido respeito.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, buscaram-se nas falas dos entrevistados indícios de que estes atribuem ao futsal o aspecto lúdico.

Dizem os participantes:

É uma coisa boa. (F)

Ah... o esporte é tudo. (Você brinca, você se diverte?) É. (F)
É bom. (F)

Lazer. (F)

Outros participantes reforçam a visão de que essa prática constitui um ato lúdico ao sumariá-la nestas palavras:

Uma brincadeira. (F)

O esporte é uma coisa onde todo mundo se diverte, e todo mundo gosta disso e faz o que gosta. (F)

Nessas falas, os entrevistados conceituam o futsal de forma coerente, expressando a relação percebida por eles entre o esporte, o lúdico, o prazer. Percebem o esporte como estímulo natural à alegria e à diversão por meio da sua prática, concepções estas intrínsecas ao conceito de lúdico. Por meio dessa prática esportiva, a brincadeira permite o conhecimento e o domínio do corpo pelos movimentos, que o praticante se desenvolva e interaja com criatividade, autonomia, segurança e desafio constante, o que torna o futsal uma atividade lúdica, coletiva, que facilita as interações sociais entre os pares, propiciando a construção e introjeção das habilidades sociopsicomotoras, contribuindo para a objetivação do que se subentende como manifestação de uma representação social, considerando aqui as diferenças biopsicossociais de cada entrevistado.

As falas dos seguintes participantes também se referem ao futsal como atividade lúdica:

A diversão, a diversão com seus amigos, um passatempo. (F)

Esporte é você se divertir, fazer o que você gosta com os amigos, essas coisas. (F)

Pra mim o esporte é uma prática de lazer, faz bem a saúde também né. (F)

É um lazer que você pratica e é uma coisa que não é cansativa, que você tem prazer em fazer. (F)

Essas falas corroboram com a opinião das precedentes, que associam o futsal à diversão e ao passatempo.

As falas dos pais a seguir reiteram os mesmos aspectos anteriormente citados e os complementam:

Ah, o esporte pra mim, além da saúde, é diversão, é relacionamento, é uma formação de equipe, na minha vida, né? (P)

O esporte é... eu acho que é acima de tudo o.... ambiente que eles convivem no esporte, um ambiente saudável, isso proporciona também boas amizades de uma forma saudável, divertida.(P)

Eu acho que o esporte é, além de ser uma atividade saudável né, é uma forma da criança, do próprio adulto interagir com outros seres humanos, saber conviver em grupo, saber dividir, saber perder, aprender a prender, então são lições que o esporte dão que serve pra vida inteira. (P)

Nessas falas, os entrevistados atribuem ao futsal uma prática que beneficia a saúde e, além do caráter de diversão, propicia relacionamento interpessoal e promove convivência social, valoriza o esporte coletivo.

Correlacionando as falas dos filhos com as dos pais, evidencia-se a compreensão de que a motivação para a prática esportiva é lúdica, ou seja, seu caráter é de lazer, constituindo uma forma de fazer amigos, brincar e divertir-se. Observa-se o importante papel que a prática esportiva desempenha no cotidiano, promovendo relações interpessoais, sociais, qualidade de vida.

Outro pai assim se expõe em diálogo com a pesquisadora:

- Esporte é lazer, é extravasar o excesso de atividade, energia.
- Então é uma coisa lúdica? Uma brincadeira?
- Uma brincadeira.
- Socialização?
- Socialização. (P)

Nessa fala, o entrevistado reitera o futsal como lazer, disestressor, revitalizante, diversão, socialização. Aspectos que se inserem no conceito de lúdico.

As falas desses participantes revelam haverem estes associados o fenômeno da prática do futsal como atividade lúdica a um repertório verbal de que já dispunham, no qual “jogar bola” é uma forma de diversão algo já familiar. Este é o processo de ancoragem tal como exposto por Moscovici (2003), cujos participantes revelam haver estabelecido elos entre as imagens expressas em suas falas e o mundo exterior – por exemplo, nas imagens frequentemente divulgadas pela mídia, como também nas falas cotidianas que associam a prática esportiva às atividades lúdicas e de lazer. Dessa forma, aquilo que é novo e não familiar torna-se familiar pela compreensão do esporte como atividade lúdica. Por outro lado, ocorre o processo de objetivação (MOSCOVICI, 2003), facilitando que o fenômeno do futsal como atividade lúdica adquira realidade no mundo concreto que vivenciam – por

exemplo, o modo como se divertem na quadra jogando futebol, generalizando essa aprendizagem de como essa diversão aprendida pode se estender também a outros ambientes fora da quadra. Os sujeitos, nesse caso, evidenciam compartilhar uma compreensão de que a prática do futsal é uma atividade lúdica. Essa compreensão de senso comum, ancorada e objetivada, se configura em representação social.

Para os entrevistados, a ludicidade está inserida de modo significativo nessa dinâmica esportiva, construindo regras individuais e coletivas que os vinculam ao senso comum na compreensão da representação do futsal. A concepção sobre o futsal, para esses participantes, vai além da atividade física – é uma atividade lúdica.

O comportamento lúdico distingue-se pelo prazer e pela alegria, ao qual se podem aliar muitas atividades, entre elas, o teatro, a literatura, o desenho, o jogo e o brincar. Os participantes desta pesquisa ressaltam a importância do lúdico para a interação interpessoal e socialização. Isto faz dele uma representação social do futsal ao terem estabelecido elos entre as imagens mentais construídas pelo brincar e relacionadas ao mundo exterior, reorganizando muitos aspectos do cotidiano. Ao se efetivar essa compreensão, objetiva-se esse processo (MOSCOVICI, 2003) –, fazendo com que o fenômeno, como resultado do binômio diversão x compreensão verbal, do fenômeno brincar, seja realidade no mundo concreto que vivenciam, conferindo-se assim um caráter de representação social. Os sujeitos, nesse caso, evidenciam compartilhar uma compreensão de que a prática do futsal é uma atividade lúdica. Essa compreensão de senso comum, ancorada e objetivada, configura, portanto, uma Representação Social do futsal no universo dos entrevistados.

Essa Representação Social de futsal como atividade lúdica termina tendo amplas repercussões positivas no processo de formação dos participantes da pesquisa já que a ludicidade, sendo uma necessidade humana, não se limita, porém, à mera diversão como fim em si, de acordo com alguns estudiosos, tais como Santos, S. (1997, p. 12), segundo o qual:

O desenvolvimento dos aspectos lúdicos facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para a saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

Como veremos na próxima seção, outros entrevistados percebem o futsal como meio de socialização e integração familiar.

5.2 O FUTSAL COMO MEIO DE SOCIALIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO FAMILIAR

No que tange à socialização e à integração familiar dos sujeitos entrevistados, o futsal representa a atividade que se torna um aliado na formação e no desenvolvimento biopsicossocial de seus filhos. Os entrevistados acompanham e interagem com a equipe técnica e comunidades, fazem-se presentes nas atividades esportivas e valorizam a participação dos filhos no futsal. Os pais manifestam verbalmente a importância do esporte no desenvolvimento dos filhos, beneficiam-se do lúdico com estes, revivendo a criança que internamente se oculta.

Nesse sentido, há de se considerar que a formação de um indivíduo se desenvolve na interação com a família, a escola, os grupos sociais e outros, isto é, nas representações socioculturais e esportivas. As representações sociais são históricas e têm influência no desenvolvimento do indivíduo desde seu nascimento.

Zamboni (2007, p. 277) explica que “quando afirmamos que o ser humano é histórico, temos como pressuposto que ele se constitui e constitui o tempo que vive, independentemente de características biológicas, ou estruturas mentais”. Assim, “a realidade não é dada por ela mesma, mas é resultado de processos humanos que podem ser extintos, transformados ou reafirmados; portanto não é natural” (ZAMBONI, 2007, p. 277), ou seja, ninguém nasce pronto, cada um constrói diferencialmente sua linha do tempo.

O tempo atual, segundo a autora, nos abre um leque de possibilidades “para viver a vida” e, ao mesmo tempo, “constituir outras formas de vida. A imbricação entre construir e ser construído, enquanto ser humano nos remete ao outro conceito que fundamenta a nossa proposta de compreensão de juventude: o conceito de relação” (ZAMBONI, 2007, p. 277). Essa relação, para a autora:

[...] é o que funda o humano, pois é a necessidade que temos do outro, “a orientação intrínseca” a ele [...]. É a compreensão de que não podemos ser quem somos sem a existência do outro, “somos ao mesmo tempo singular e múltiplo” [...]. Com esta definição, podemos dizer que aquilo que entendemos que somos só é possível de construir a partir das relações que estabelecemos. (ZAMBONI, 2007, p. 275).

O ser humano existe na medida em que estabelece relações com o outro, das quais ele resulta, o que é, segundo Zamboni (2007, p. 277), “relacional e dialógico, pois nos coloca em contato com outro jeito de ser humano”.

As relações humanas, no decorrer da vida, imbricam-se entre si, de modo que as imagens e os conceitos que, por exemplo, a história que a mãe possui:

[...] são derivadas dos seus próprios dias de escola, de programas de rádio, de conversas com outras mães e com o pai e de experiências pessoais e elas determinam seu relacionamento com a criança, o significado que ela dará para os seus choros, seu comportamento e como ela organizará a atmosfera na qual ela crescerá. (MOSCOVICI, 2003, p. 108).

Zamboni (2007, p. 277) corrobora esse pensamento quando relata que “Paulo Freire [...] diz que o diálogo é a capacidade de entrar em contato com o outro e produzir alguma coisa que não seja nem eu, nem o outro, mas que ao mesmo tempo passa a nos construir aos dois, isto é, a relação”.

Assim, analisaremos as falas dos entrevistados em que o futsal é percebido como meio de socialização e integração familiar.

Oh, eu faço muitos amigos no futebol, mas a importância é que isso me dá saúde, muita saúde. (F)

Que você tem sua saúde mantida, que previne pra você várias doenças. (Que mais?) E também porque é legal, você consegue amigos, coisas boas. (F)

Eles sempre estão me apoiando e me levando em jogos e tudo, independente se podem ou não, dão um jeito de me levar. (Mas, foi você que escolheu?) Sim. (F)

Nessas falas, os entrevistados atribuem ao futsal a propriedade de favorecer encontros sociais, relacionamentos interpessoais, qualidade de vida, prazer, participação familiar.

Um dos pais entrevistados informa:

Além do benefício saudável para a criança – não só para a criança, para nós pais também –, ele nos traz uma união, uma união entre pessoas, povos. Na verdade seria assim: é um momento de lazer onde você pode desestressar o seu dia a dia e ao mesmo tempo fazer novas amizades. (P)

Nessa fala, o participante menciona qualidade de vida, interação interpessoal, lazer, reenergização do estresse cotidiano, socialização, atribui ao futsal a prevenção da saúde e longevidade. Esse discurso do cotidiano na compreensão do senso comum enfatiza o futsal como uma oportunidade de socialização e interação dialógica entre as nações. Os entrevistados ancoram no futsal, objetivam a prevenção da saúde em prol da qualidade de vida.

Outro pai participante relata:

Eu acho que o esporte é – além de ser uma atividade saudável, né? – é uma forma da criança, do próprio adulto interagir com outros seres humanos, saber conviver em grupo, saber dividir, saber perder, aprender a aprender. Então são lições que o esporte dão que serve pra vida inteira. (P)

Esse entrevistado reitera as afirmações do anterior e acrescenta valores de ordem ética e moral, tais como: saber ganhar, perder, dividir, aprender a aprender. São lições que vinculam os envolvidos à compreensão de um sentido comum e os correlacionam entre si.

Mais um pai participante assim se expressa:

O esporte é... eu acho que é acima de tudo o... ambiente que eles convivem no esporte, um ambiente saudável. Isso proporciona também boas amizades de uma forma saudável, divertida. (P)

Nessa fala, o pesquisado vincula o futsal à possibilidade da construção de boas amizades na convivência em ambiente saudável, divertido.

Uma das mães participantes acrescenta:

O esporte é acho que... O objetivo do esporte é formar cidadãos, né? O esporte traz a socialização, traz a saúde, a consciência, o convívio, o respeito com os colegas, com o ser humano, né? Então o esporte acho que é essencial na vida de qualquer ser humano. (P)

Essa entrevistada corrobora as falas anteriores, confere ao futsal a proposta da escola pesquisada, de formar cidadãos, o esporte como essencial aos seres humanos, conscientiza sobre o aspecto do convívio social, respeito ao outro. Ao reiterar as falas anteriormente analisadas, a entrevistada revela dispor da mesma compreensão do sentido comum do futsal como meio de socialização e integração familiar.

Ao analisarmos essas falas encontramos como elementos de ligação a compreensão do senso comum dos participantes da pesquisa, que vivenciam na prática do futsal o encontro sociofamiliar que possibilita uma comunicação verbal, dialógica, prevenção da saúde física e mental, implementação dos valores éticos e morais, denotando um momento histórico da construção social, integrativo familiar por meio desse cotidiano que o jogo permite.

O entendimento desse grupo possibilita visualizar o sujeito na confluência com o social. Assim, tomam-se de empréstimo as palavras de Enriquez (1990, p. 24) ao afirmar que “o mais íntimo do ser humano nos leva ao mais essencial do social, que os problemas fundamentais da sociedade se inscrevem no corpo e no psiquismo”. Complementando, o autor ressalta que a soma dos fenômenos de poder e de vínculo social é primordial para o indivíduo.

Essa transformação vivenciada a partir da relação construída por esses pesquisados reafirma novas formas de gerenciar as questões emersas nesse grupo contextual, relativas à vinculação do indivíduo a um contexto social.

Considera-se que o senso comum no discurso cotidiano, por meio da linguagem, é um fenômeno natural e social, pois as pessoas, de acordo com Guareschi (2007, p. 32), “procuram pela verdade através da confiança, do crédito baseado na crença, no conhecimento comum e através do poder da racionalidade dialógica”.

A crença, portanto, não provém de “raciocínios, ou de processo de informação, mas baseia-se no passado, na cultura, na tradição e na linguagem” (GUARESCHI, 2007, p. 32).

As falas dos participantes revelam haverem estes associados o fenômeno da prática do futsal como socialização e integração familiar a um repertório verbal e de imagens de que já dispunham. Este é o processo de ancoragem, exposto por Moscovici (2003), pelo qual os participantes estabeleceram elos entre as imagens obtidas nas falas (cidadania, princípios éticos e morais regras de convivência, saúde física e mental, recreação, lazer) e o mundo exterior (escola, clubes, família, comunidade) – por exemplo, nas imagens midiáticas e as expressões ou linguagens cotidianas que associam a prática esportiva a uma atividade de grupo e de encontro entre as pessoas. O processo de objetivação, por sua vez, faz com que o fenômeno do futsal como atividade de socialização e integração adquira realidade no mundo concreto que vivenciam – por exemplo, na forte vinculação que se observa entre os

integrantes de uma mesma equipe, dentro e fora da quadra, e na forma como pais e filhos dialogam ao redor daquilo que acontece nesse recinto. Os sujeitos, nesse caso, evidenciam compartilhar uma compreensão de que a prática do futsal é uma atividade de socialização e integração familiar. Essa compreensão de senso comum, ancorada e objetivada, configura uma representação social do futsal como meio de socialização e integração familiar no universo dos entrevistados.

Outro aspecto que emergiu da análise das falas é a possibilidade do esporte como profissão.

5.3 O FUTSAL COMO POSSIBILIDADE DE PROFISSIONALIZAÇÃO

Até recentemente, a prática da educação, por meio do esporte, era um processo de aprendizagem normalmente iniciado pela criança com sua chegada às escolas regulares, nas aulas de educação física, ou com sua introdução nas escolas de iniciação esportiva, de futebol, vôlei, futsal e demais projetos esportivos, incluindo os de competição.

Tem-se como conceito construído que o universo dos esportes tem possibilitado a profissionalização de indivíduos, sobretudo quando há manifestação de habilidade nata para determinado esporte, tal qual o futsal, que concretamente já possibilitou destaque a alguns ídolos que se profissionalizaram nessa área.

Nesse sentido, portanto, o conhecimento construído socialmente e compartilhado entre os sujeitos caracteriza uma forma de representação social, em razão de um objetivo prático que contribui para a construção de uma realidade pertencente ao grupo social que a criou.

As falas a seguir analisadas atribuem ao futsal a possibilidade de profissionalização.

Um dos participantes relata:

Porque futsal é minha paixão, é uma coisa que eu gosto muito de fazer e eu faço bem. (F)

Esse participante, em sua fala, expressa no discurso emoções, sinalizadas nas expressões “minha paixão”, “gosto muito”, “faço bem”. Esse interesse pelo futsal associado a emoções prazerosas que o estimulam e reforçam a compreensão da

experiência desse esporte como agradável. Uma paixão tão intensa tem tudo para se converter em uma paixão para toda a vida, algo muito próximo a uma profissão.

Outro participante revela:

Penso em ser um jogador de futebol. (F)

Nessa fala, o pesquisado expressa verbalmente o pensamento de vir a ser um jogador de futebol. O futsal, nesse momento, sinaliza a possibilidade de o atleta se dedicar ao futebol como uma escolha profissional.

Outro entrevistado verbaliza:

- Ah, porque futsal é um... Queria ser um jogador, meu sonho é ser um jogador.
- Jogador de futebol?
- É. (F)

O pesquisado, nessa fala, expressa o desejo de ser jogador e deixa implícito, inclusive, de o futebol ser uma das possibilidades de profissão. Comunica o seu sonho de ser um atleta profissional, como outros entrevistados na prática do futsal. A reinteração do discurso dos participantes na compreensão do sentido comum acaba por vinculá-los entre si. Essa compreensão, que atua como uma espécie de código camuflado nas falas, aproxima-se do que se designa representação social.

Outro entrevistado informa que deseja ser profissional do futebol e, como segunda opção, ser médico:

- Você quer ser um jogador de futebol?
- Eu quero ser um jogador de futebol profissional.
- E se você não for jogador, você vai querer ser o quê?
- Médico. (F)

O participante deseja ser jogador de futebol, o que nos permite deduzir que o futsal, nesse momento, tornou-se um meio para chegar à profissionalização no futebol. Percebe-se que, para os pesquisados, o futsal classifica-se como primeira opção natural de possível profissionalização. Ressalta-se que alguns pesquisados pensam em outras profissões como possibilidades além do futebol (dentista, músico, fisioterapeuta). A compreensão do sentido comum nos remete ao interesse pelas áreas da saúde e da diversão. Ambas as áreas compreendem o humano coletivo e representam a influência profissional dos pais como referência nas escolhas dos

filhos, uma vez que estes têm, em sua maioria, pais profissionais das áreas referidas. Isto denota a inter-relação com as mesmas áreas de atuação e/ou interesse dos pais, o que ancora a escolha profissional dos filhos como uma representação social.

Nas falas analisadas, os filhos pesquisados revelam não ignorar o futebol como projeção profissional, pois este está associado à fama, ao *status*, ao poder socioeconômico, oportunizando ascensão social.

Os pais participantes da pesquisa, embora vislumbrem a possibilidade de os filhos concretizarem o futebol como escolha profissional, fazem-na com certa cautela, e consideram essa possibilidade uma eventual consequência.

Estou, estou de acordo. (Por quê?) Ah, porque é um esporte que, hoje em dia, é um esporte muito bem remunerado né e a criança gostando ela, ela procura sempre querer sempre jogar em um time bom e chegar na seleção. (P)

A gente desde pequeno, eu tenho dois filhos né, desde pequeno os dois sempre nasceram com uma vontade de jogar futebol, sempre gostaram de bola, e a gente só deu um passo e ajudou, colocando em escolas, escolinhas, dando incentivo que eles sempre quiseram jogar futebol, assim, então a gente só ajudou a dar um passo na escolha deles. (P)

Tem um lado que eu acho bacana, que é uma prática, é um esporte brasileiro né, mas ao mesmo tempo tem uma parte que preocupa, que eu acho que às vezes foge totalmente da realidade, mulherada, muito dinheiro, sem estrutura nenhuma psicológica. Então assim, tem um lado que eu também não vejo essa necessidade, não consigo entender o porquê ganhar tanto, eu acho que é um esporte legal, eu sou a favor que têm outras áreas que precisam mais, como saúde, então eu assim, eu acho meio fora da realidade total um jogador de futebol ganhar o que ganha, não é por aí, não desmerecendo. (Não precisa estudar né?) Isso, quando às vezes eu vou exigir estudo, escola, aí ele fala assim: “Mas o Pelé não estudou!” Ele fala isso pra mim. Então, têm os dois lados. (P)

Eu quero que ele consiga se evoluir como ser humano, como amigo, como colega, se for do merecimento dele, se Deus tiver algo traçado pra ele no decorrer da juventude, da fase adulta no futebol, nós iremos dar todo apoio como nós estamos dando hoje. (P)

É, eu sempre coloquei na mentalidade deles que em primeiro lugar vem a saúde né, as consequências de uma vida esportiva se tornar ou não um atleta, isso é uma consequência, então primeiro é essa questão de auto conhecimento né e a saúde de modo geral pra poder ter isso pro resto da vida, então funciona como seria uma válvula de escape, hoje o mundo tá muito, é tudo informatizado, é tudo muito mais fácil né, então as pessoas e os relacionamentos, as

peessoas não se comunicam, então o fato... eu sempre coloquei isso pros meus filhos, mas nunca obriguei eles a fazerem nada, a gente vê, por ser professora de educação física é, às vezes, algumas pessoas acham assim, seus filhos fazem esporte porque você obrigou, não, eu sempre deixo eles muito à vontade e essa fase mirim dos 12, 13 anos, entrando nessa pré-adolescência, a tendência deles é querer experimentar várias modalidades até se encontrarem em alguma né e a gente não pode obrigar, tem que deixar, porque primeiro pequenininho a gente né coloca atividades mais, natação, o próprio futebol né e agora eles começam a ter mais escolhas também. (P)

Sim. (Por quê?) É... o futebol profissional é... eu acredito assim, que a criança, primeiro, ela tem que ter essa formação na escolinha, ela tem que ter a realidade do estudo, não pode começar uma escolinha e já querer ser, porque hoje a mídia nos traz muito isso de ser atleta, por que é uma ilusão, porque atleta ganha bem, porque, então assim eu acho que tem que ser uma atividade feita com prazer, um hobby, saúde né, hoje as crianças estão num nível de gordura muito alto, colesterol, e aí assim, a formação eu acho que para ser atleta profissional, logicamente poucos se destacam, mas quando a gente entra na escolinha e o técnico percebe que há uma chance, que há, então vamos explorar isso de uma forma prazerosa, bem dosada, sem saturar essa criança, então, o futebol profissional é uma construção né, até chegar lá. (P)

Os pais priorizam a educação dos filhos no que tange à formação intelectual por meio da educação formal (escolas oficiais) e dos movimentos (escolas de iniciação esportivas). Creem os pais que necessitam planejar, garantir às crianças educação integral biopsicossocial de qualidade que assegure o desenvolvimento evolutivo dos filhos, objetivando a concretização da educação global estendida e projetada para todos os ciclos das suas vidas. Tal esforço é no sentido de buscar a promoção de uma estrutura sólida para as crianças usufruírem as oportunidades, caso ocorram, de agregar o cognitivo ao repertório profissional arquitetado por meio de um processo histórico familiar e uma filosofia de vida para o humano, construindo uma educação holística voltada para o cidadão.

Priorizar a educação para os pais em questão é um mecanismo de prevenir a fragilidade emocional, pois percebem na falta da estrutura formativa que alguns jogadores não conseguem administrar os conflitos e tensões gerados pelos desafios que o *glamour* inerente ao sucesso da profissão favorece.

As falas revelam que esses participantes associam o fenômeno da prática do futsal à possibilidade de profissionalização. Desvelam-se, por um processo de ancoragem (MOSCOVICI, 2003), na fala dos entrevistados, um repertório verbal e

outro imaginário de que já dispunham – por exemplo, as imagens dos futebolistas profissionalmente bem-sucedidos, abundantes na mídia mundial, na qual os participantes estabelecem elos entre as imagens obtidas nas falas e o mundo exterior que os rodeia. Por sua vez, o processo de objetivação permite que o fenômeno do futsal como possibilidade de profissionalização adquira realidade no mundo concreto que vivenciam – por exemplo, os pais, ao verbalizarem a possibilidade de os filhos se tornarem profissionais do futebol, são cúmplices e compartilham dela, já que também podem chegar a ser beneficiados social e economicamente por uma possível profissionalização do filho. Para tanto, priorizam a agenda dos filhos, disponibilizando tempo, para participarem das atividades internas e externas propostas pela escola de iniciação esportiva, associando o movimento como alavanca para a formação biopsicossocial. Essa compreensão de senso comum, ancorada e objetivada, configura uma Representação Social do futsal como possibilidade de profissionalização no universo dos entrevistados.

Como veremos a seguir, o futsal configura ainda como prática educativa.

5.4 O FUTSAL COMO PRÁTICA EDUCATIVA

A literatura aponta para a educação pelo esporte como relevante no desenvolvimento do ser humano. Por meio da educação do corpo, o esporte pode se manifestar em qualquer ambiente da sociedade, como esporte educacional (escola), esporte participação ou lazer (opção de cada indivíduo), esporte de rendimento (regras nacionais e internacionais), esporte social (voltado à inclusão social).

As formas pelas quais o indivíduo se insere nesses contextos refletem-se em suas relações com os outros e ainda com o grupo significativo ou não, com o mundo da cultura, da educação dos movimentos, o que compreende a pedagogia do esporte (SANTANA, 2010)

O futsal é uma das atividades físicas bastante prestigiadas na iniciação esportiva da pós-modernidade, pois a sua técnica educa aperfeiçoando os movimentos. Esse fato foi confirmado na análise das falas dos participantes desta pesquisa. No fazer do futsal, concretiza-se a sistematização do método e da didática no mundo cotidiano da prática educativa, revelado nas falas a seguir analisadas.

Assim se declaram alguns participantes:

É você saber jogar futebol e ter responsabilidades e saber fazer suas escolhas (F)

(Você quer ser um jogador de futebol?) Sim. (E se você não for?) Ah, eu vou estudar muito pra ser um advogado. (F)

Que praticar esporte faz bem e que você, muitas vezes, você sai do mundo das drogas, o mundo ruim, você começa a praticar esporte, você muda sua vida. (Você gostaria de ser um jogador de futebol?) Sim. (E se você não for, o que você gostaria de ser?) Estudar, estudar pra ser alguém na vida. (F)

– Que a gente aprende muito, a gente aprende a não chorar, a gente aprende a... a gente aprende... Ah, me perdi todo.

– Não, não tem importância. Aprende a não chorar quer dizer o quê?

– A gente aprende a não chorar. A gente aprende a ser guerreiro. (F)

Esses entrevistados revelam, nessas falas, a percepção da contribuição do futsal para a educação do emocional, ao verbalizar aprendizagens significativas, tais como: conhecimento (“aprende muito”), controle das emoções (“aprende a não chorar”), organização e estruturação da personalidade (“aprende a ser guerreiro”). A partir da compreensão dessas vivências é que o conhecimento é construído, organizado e comunicado por meio da socialização do comportamento considerado desejável.

Alguns pais participantes assim se expressam:

Eu acho que sim, pra ele sim. Porque como todo mundo sabe, o futebol é... faz parte da cultura do brasileiro, isso tá no dia a dia, desde que nasce, a criança já nasce com a família tentando influenciar no time, e enfim, então, já faz parte da cultura e eu acho que isso de certa forma influencia os jovens e além do que esse negócio assim que também acaba influenciando essa parte de financeira que eles vem de pagar milhões e milhares, só que lá em casa o primeiro lugar é o estudo, depois... (É o jogador de hoje, tem que estudar.) (P)

Eu acho que é isso, tanto é que existem alguns jogadores de futebol que são inteligentes, inteligentíssimos, são pessoas que estudaram, que você vê que o nível é outro e essas pessoas dificilmente assim, o que eles ganham valorizam e conseguem manter isso daí pra família, e alguns, infelizmente, que por falta até de estrutura familiar, muitas vezes, ganham muito rápido e também, às vezes, perdem muito rápido e às vezes têm muitos aí que acabaram morrendo na miséria né, como todo mundo sabe. (P)

Ah, é pra tudo. É aprender a conviver em grupo, coletivo, é respeitar regras, limites, desde desses pequenos detalhes de horário, uniforme, respeitar os colegas em campo, como agir, saber ganhar, saber perder. É um aprendizado geral. (P)

Nessas falas, os pais entrevistados revelam o alcance da compreensão dinâmica do futsal como um fator que favorece a convivência em grupo, por envolver uma educação disciplinar, como respeitar regras, limites, horários, vestuário, e conduzir ao favorecimento da aquisição de valores expressos em comportamentos éticos, como saber ganhar e perder. A comunicação das falas anteriores, que vinculam os participantes entre si, sugere a unicidade de comportamentos e pensamentos cognitivos aprendidos por meio de métodos e didáticas orientados para a assimilação, acomodação e reestruturação das experiências apreendidas, socializadas e expressas por meio dos conteúdos normatizados acumulados e saberes compartilhados, resultando em conhecimento aplicável em favor da convivência social.

Outros pais entrevistados dizem:

É... então, repetindo né como eu falei... formar cidadãos, eu acho que a prática esportiva em primeiro lugar, vem trazer o bem estar físico e mental, então eu acho que a tua atividade física tanto nos fatores emocionais né, tanto nos fatores psicológicos quanto nos fatores físicos, então, prazer né, o esporte acalma, o esporte traz é... a consciência tanto corporal e quanto e traz benefícios em inúmeras áreas, eu acho que é... como eu digo... assim, é muito importante que todas as pessoas tenham alguma afinidade com alguma, algum esporte, com uma modalidade, que se sinta bem, trazendo bem estar físico e mental, saúde de um modo geral.(P)

Primeiro lugar eu acho assim, é... o conceito que eu tenho, primeiro lugar a saúde, eu acho que é uma escolha dele, ele continua os estudos, se ele quiser seguir uma carreira, se ele quiser, isso aí vai muito do andar, da participação dele na escolinha, mas não é... (uma consequência) uma consequência, não é o objetivo, o foco principal, o foco principal é que ele faça um atividade com prazer, não fique só no vídeo game, tenha um convívio com os colegas né, benefício da saúde, nós na família temos antecedentes diabéticos, então assim, é importante, e o estudo junto né e levar isso com prazer. Associado até a outras atividades, como ele gosta, como a natação né, atividades que lhe causem benefícios, bem estar, saúde física e mental.(P)

Ah, o esporte é saúde, o esporte faz parte da formação de uma criança, o esporte é vida, vamos dizer assim. (P)

Igualmente, esses participantes comunicam, em suas falas, a percepção do futsal como atividade que transcende o esporte em si. Confirmando a percepção dos participantes anteriores, que o futsal agrega valores, como educação esportiva para a preservação da vida.

Outro participante informa:

Eu quero que ele consiga evoluir como ser humano, como amigo, como colega. Se for do merecimento dele, se Deus tiver algo traçado pra ele no decorrer da juventude, da fase adulta no futebol, nós iremos dar todo apoio, como nós estamos dando hoje. (P)

Essa fala atribui ao futsal a capacidade de provocar o encontro entre as pessoas, desenvolver habilidades e competência social inicialmente e, se for por “designo divino”, na fase adulta poderá profissionalizar com o apoio também familiar. Essa compreensão do sentido comum do futsal como âncora para a educação dos princípios éticos vai além da proposição de meramente adquirir conhecimento formal; ele transporta para o exercício da cidadania bem-sucedida. A prática do futsal como aprendizado é um significado que pode caracterizar um compromisso social com a cidadania, preconizado pela escola pesquisada. Assim, essa repetição nas falas entre os indivíduos vincula-os de maneira tal que permite compreender o futsal como prática educativa.

As falas dos participantes analisados, neste estudo, apresentam símbolos, sinais, da linguagem, dos gestos, das emoções, dos sentimentos, comportamentos importantes para desvendar os fenômenos aqui descobertos, por meio das manifestações dos fenômenos cognitivos, socioafetivos, culturais. O saber adquirido, que foi construído através do tempo, sistematizado, compartilhado e aplicado ao futsal, confere uma tecnologia específica para o ensino e aprendizagem desse esporte, o que constitui uma metodologia e didática próprias, conferindo ao futsal um significado pedagógico. Assim, é possível afirmar que, para esses participantes, o futsal, entre outros benefícios, constitui uma prática educativa.

As falas aqui analisadas revelam a associação do fenômeno da prática do futsal como prática educativa à imagem do repertório verbal que eles já dispunham, por exemplo, os conteúdos da linguagem da cultura familiar e da cultura escolar que desde a Idade Média concebem que o desenvolvimento da mente saudável está associado a um corpo igualmente saudável, o que pode ser verificado no adágio latino popular (*mens sana in corpori sano*). Isso constitui um processo de ancoragem, de

que fala Moscovici (2003), no qual os participantes estabeleceram elos entre as imagens de seu repertório, obtidas nas falas, e o mundo exterior no qual vivem. O processo de objetivação (MOSCOVICI, 2003) mostra como o fenômeno do futsal, como prática educativa, adquire realidade no mundo concreto no qual esses pesquisados vivenciam – por exemplo, nas falas dos pais, a manifestação contínua de que os filhos frequentem a escola de futsal, preocupados em garantir a educação integral destes, e ainda que os filhos sejam capazes de perceber o seu próprio desenvolvimento físico e técnico à medida que participam das atividades do futsal, assegurando-lhes uma educação de qualidade. Tal compreensão de senso comum, ancorada e objetivada, configura, portanto, uma Representação Social do futsal como atividade educativa no universo dos entrevistados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo realizado em uma escola de iniciação esportiva de futsal buscou identificar as representações sociais da modalidade, procurando alcançar maior compreensão sobre as formas como os participantes da pesquisa entendem essa prática esportiva.

Ao longo das análises das falas, foi possível identificar as representações sociais do futsal para os participantes. Essas falas permitiram identificar a emergência de quatro representações sociais preponderantes: atividade lúdica, socialização e integração familiar, possível profissionalização e prática educativa.

A primeira representação social do futsal para pais e filhos pesquisados na escola de iniciação esportiva é associada à **atividade lúdica** verbalizada e revelada nos discursos das crianças pesquisadas ao afirmarem que o ato de brincar, fazer amigos e divertir-se é um dos principais motivos para a prática do futsal. São percebíveis a alegria, o entusiasmo ao observá-los em quadra nos treinos e jogos. Importante salientar que o grupo das crianças aqui pesquisadas, diferentemente de outros estudos, fez a escolha da modalidade do futsal. Conclui-se que essa vivência é facilitada e torna-se realidade na orientação metodológica da EP, “educação como prática da liberdade”, elegida pelo diretor-proprietário dessa escola, que tem como lema: “Aqui campeões aprendem brincando”. Também é notório que o interesse, a presença e a participação dos pais valorizam os treinos e os campeonatos, estimulam o desenvolvimento biopsicossocial e afetivo das crianças, garantem a educação pelos movimentos de maneira agradável e direcionada por meio das atividades psicopedagógicas que asseguram o objetivo da educação extracurricular de qualidade. Essa escola de futsal, inspirada na teoria do desenvolvimento de Jean Piaget, planeja as atividades educativas respeitando o período psicomotor, favorecendo a evolução harmônica, natural, da criança com o objetivo de ampliar todas as possibilidades de aprender a aprender por meio das experiências agradáveis capazes de transportá-los ao mundo adulto de forma lúdica e significativa.

As informações que aparecem nas falas também revelaram que os momentos dedicados ao futsal permitem a filhos e pais estreitarem laços de convivência socioafetiva, vivenciar o lazer que essa dinâmica propicia. Esse aspecto ressalta a

importância das relações construídas e fundamentadas na educação pelos movimentos para a prática da liberdade que tem como alvo a construção da autoconfiança, o exercício da cidadania, amenizando os efeitos estressores que, muitas vezes, assolam a prática esportiva.

Na segunda representação social do futsal para pais e filhos pesquisados na escola de iniciação esportiva, estes a associam à **socialização e integração familiar**, ao relatarem, em suas falas, as vivências oportunizadas pelo futsal de formar com outros pais um grupo que se identifica pela dinâmica do esporte, construção e reconstrução de uma realidade compartilhada. Ao observarmos a convivência intrafamiliar, apreende-se o desejo generalizado dos pais em ocasionar aos seus filhos atividades socializadoras e saudáveis, que ensejem o sucesso subjetivo e autônomo. Essa experiência única entre pais e filhos beneficia a socialização, que fomenta a integração familiar.

A terceira representação social do futsal para pais e filhos pesquisados na escola de iniciação esportiva refere-se a uma **possível profissionalização**. Nota-se que, no universo pesquisado, os pais e os filhos, movidos pela habilidade natural observada por eles, constroem expectativas relevantes em relação à atuação futura como profissionais de futebol. Esse fenômeno associa-se ao fato de que muitos ídolos do futebol iniciaram suas carreiras profissionais no futsal, modalidade esta que, pela característica da quadra (tipo de assoalho, tamanho), facilita o aprimoramento rápido da técnica, favorecendo o ingresso no futebol. Observa-se que essa conduta, adotada por alguns pais e filhos, mesmo que orientados pela equipe técnica da escola, torna-se prática usual, que pode gerar sobrecarga de atividade esportiva, uma vez que o futebol de campo aumenta a possibilidade de serem selecionados por “olheiros” de grandes equipes nacionais e internacionais. A tarefa desses “olheiros” do futebol profissional é a de selecionar os mais habilidosos entre os desportistas como possíveis candidatos a suas equipes. No futebol de campo recomenda-se que o atleta apresente um potencial físico e psicológico necessário à dinâmica desse esporte. Importante salientar a contribuição dos estudos científicos do desenvolvimento da criança nas práticas psicopedagógicas do ensino-aprendizagem do esporte, a inestimável participação familiar assertiva e a inserção de equipe transdisciplinar no planejamento das políticas de educação desportiva no mundo pós-contemporâneo.

A quarta e última representação social do futsal para pais e filhos pesquisados na escola de iniciação esportiva, apreendida neste estudo, trata-se da **prática educativa**. Nas verbalizações dos pais entrevistados, nota-se que a educação formal é prioritária como base na estruturação sólida da formação dos filhos. Tal preocupação está referendada nos jogadores de outros países, na qual os estudos estão ligados a todas e quaisquer práticas profissionais. Na escola pesquisada, constatou-se que, conforme exemplo citado, todos os alunos frequentam o ensino regular.

Os participantes estão conscientes que a educação pelo esporte amplia a capacidade da percepção dos comportamentos, da aquisição de conhecimentos, desenvolvem condutas éticas e morais que se inserem na construção do indivíduo.

Na Representação Social do esporte torna-se possível a proeza dada a sua distinção de transformar o subjetivo em infinitos sentidos. Assim, os participantes desta pesquisa compreendem o conhecimento vivido no futsal e se fazem valer da sua prática para educar movimentos físicos e fundamentar a subjetividade: um caminho para equilibrar o corpo e a mente. Tal descoberta corrobora com o pensamento de educadores da atualidade que a educação transforma o indivíduo, favorecendo o desenvolvimento global da sua personalidade. Por meio da educação, o homem aprende a se adaptar, a responder, assertivamente, às diferentes situações ambientais, físicas, sociais e culturais em que vive.

Averigua-se nesta pesquisa, o empenho dos pais em assegurar o desenvolvimento e a formação integral da personalidade da criança, patrocinando a educação de qualidade ancorada no futsal, um aliado contra o mediatismo, o sedentarismo, o uso de drogas e o isolamento, entre outros aspectos indesejáveis da atual sociedade, que meramente inclui ao sucesso, a aquisição de patrimônios. Valorosa a observação de que na Grécia antiga, precisamente em Atenas, onde se priorizava o saber, os jovens eram capacitados para a busca pelo ser e não pelo ter.

Outra conveniência aos pais de matricularem seus filhos na escola de iniciação esportiva é a segurança, pois o ambiente escolar conta com a proteção intramuros, profissionais com formação e metodologias próprias para o futsal, classificação por categorias (faixa etárias), fatores importantes na educação psicomotora planejada, na qual o ambiente seguro oferece cuidados que objetivam a internalização das vivências psíquicas presentes no aparelho mental da criança, voltadas para construção de novos comportamentos.

A pesquisa em questão evidencia a presença constante da família, o que contribui para o desenvolvimento físico, emocional, afetivo e social das crianças pesquisadas. A participação dos pais torna o ambiente acolhedor, beneficia a autoconfiança.

Com o aproximar-se dos eventos a serem realizados no Brasil, como a Copa do Mundo de Futebol (em 2014) e as Olimpíadas (em 2016), a rede de comunicação de massa, pela qual muitos significados são formados e divulgados, promove a oportunidade aos indivíduos de construir e reconstruir infinitas representações sociais das práticas esportivas. Constituem esses eventos uma oportunidade única para implementar estudos científicos que embasem planos, programas, projetos de educação pelo esporte que garanta ampla abrangência populacional em todo o ciclo de vida dos cidadãos brasileiros. Ações essas garantidas pelo Estado e instituições privadas, promovendo a não passividade e o desenvolvimento biopsicossocial que contemplem o perfil do homem latino-americano no pós-contemporâneo. A sugestão deve-se à compreensão por meio desta pesquisa, onde se evidencia a importância da metodologia científica no planejamento da educação de pais e filhos pelo esporte, objetivando o homem holístico.

Ao encontrar as quatro representações sociais de futsal (atividade lúdica, socialização e integração familiar, possível profissionalização e prática educativa) nas falas desses participantes, é possível pensar no futsal como esporte capaz de preparar o homem para operar por meio da educação dos movimentos em suas mais amplas necessidades e interconexões.

Diante do que foi encontrado nesta pesquisa, ressalta-se o quanto a cultura do futebol está introjetada na vivência dos participantes, por meio da escola de iniciação do futsal. Embora o futebol seja importante neste momento do desenvolvimento de suas vidas, eles vão além, favorecidos pelas referências da educação universitárias dos pais, ambiente familiar, o que estimula o interesse pela formação intelectual de nível superior. Assim o esporte oportuniza o desenvolvimento mental por meio dos movimentos, e as crianças podem aprender brincando. Essa conexão do desenvolvimento pelo movimento constrói o pensamento que será organizado pelo ambiente e pela cultura. Quem sabe os profissionais do futebol, por meio da inter-relação cultural, prática comum entre os jogadores de diversas nacionalidades, contratados por times nacionais e internacionais, possam ser provocados, naturalmente por essa vivência, a terem a

necessidade da educação acadêmica, com isso emergindo uma nova representação.

O Brasil é com frequência destacado pela mídia mundial como “o país do futebol”. Podemos nos contentar somente com essa representação? Vários estudos demonstram que quanto mais o cérebro for estimulado, maior probabilidade da capacidade mental e cognitiva se desenvolverem. Isto nos leva a indagar: O que é necessário para que, além do futebol, os jogadores profissionais brasileiros tenham outras representações? Poderemos pensar, como resposta, em fatores socioeconômico, cultural, políticas públicas que privilegiem a educação integral. Portanto, a maioria dos jogadores brasileiros pode ter outras representações sociais que não sejam associadas só ao futebol, mas no que tange a sua formação intelectual (universidade, música, artes, política, entre outras).

Esta pesquisa ratifica o quanto é importante o compromisso com a formação integral das crianças para que elas possam “brincando” conquistar a liberdade por meio do conhecimento.

Diante do que foi aqui exposto, pretende-se promover aos pais e filhos participantes da pesquisa uma devolutiva dos resultados. Para tanto, será realizado um encontro informativo/formativo no qual serão estimuladas discussões dialógicas, reflexivas, para que os participantes se apropriem dos resultados e possam conhecer as representações sociais cotidianas associadas à prática do futsal.

Em vista do revelado como representação social nas falas dos participantes, compreende-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado, possibilitando à pesquisadora agregar ao seu repertório profissional novos conhecimentos, avaliar e validar os já existentes. No aspecto subjetivo, apreende a autora a experiência ímpar de ser arrebatada a dar um salto qualitativo no seu fazer diário da educação pelo esporte.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, H. J. de. **Filosofia**. São José dos Campos: Poliedro, [s.d.]. p. 151-164.
- BARSA. **Enciclopédia**. São Paulo: Barsa, 1994. p. 71. v. 8.
- BECKER JUNIOR, B. (Org.). **Psicologia aplicada à criança no esporte**. Novo Hamburgo: Feevale, 2000. 240 p.
- BERNARDES, J. S. História. In: JACQUES, M. G. C.; STREY, M. N.; BERNARDES, M. G.; GUARESCHI, P. A.; CARLOS, S. A.; FONSECA, T. M. G. (Orgs.). **Psicologia social contemporânea**: livro-texto. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOCK, A. Cultura brasileira. São Paulo: Ática, 1991. In: A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001.
- BONFIM, E.M. Psicologia social, psicologia do esporte e psicologia jurídica. In: _____. **Psicólogo brasileiro**: práticas emergentes e desafios para formação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 201-244.
- BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. **Coleção psicologia do esporte e do exercício**: teoria e aplicação. São Paulo: Atheneu, 2007. 171 p. v. 1.
- BRASIL. **Constituição (1988)**: Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- _____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96**. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 1997.
- _____. Ministério da Saúde. Ministério da Criança. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília, 1991.
- CALIL, R. C. C.; ARRUDA, S. L. S. Discussão da pesquisa qualitativa com ênfase no método clínico. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (Org.). **Método qualitativo**: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004. cap. 7, p. 173-213.
- CASAL, H.M.V. Fatos e reflexões sobre a história da psicologia do esporte. In: BRANDÃO, M.R.F.; MACHADO, A.A. **Coleção psicologia do esporte e do exercício**: teoria e aplicação. São Paulo: Atheneu, 2007. p. 1-29. v. 1.
- CASTRO LIMA, C. de. **A regra é não ter regra**. mar. 2005. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/regra-nao-ter-regra-445509.shtml>>. Acesso em: 29 jun. 2012.
- CAUDURO, M.T. Criança, esporte e sociedade: um olhar particular. In: BECKER JUNIOR, B. (Org.). **Psicologia aplicada à criança no esporte**. Novo Hamburgo: Feevale, 2000. 240 p.

CDCE-Carta dos Direitos da Criança no Esporte. In: CONGRESSO DO PANATHLON INTERNATIONAL, 10., Avignone, 19 e 20 maio 1995. Disponível em: <<http://listas.cev.org.br/cevleis/2000-03/msg00084.html>>. Acesso em: 29 jan. 2011.

COTRIM, G.; PARISI, M. **Fundamentos da educação**: história e filosofia da educação. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 1985. 336 p.

CRP-SP. Comissão de Esporte. A avaliação psicológica no esporte ou os perigos da normalização. In: RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do esporte**: interfaces, pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 155-163.

DaMATTA, R. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, Dossiê futebol, n. 22, p. 10-17, jun./ago. 1994.

_____. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

DURKHEIM, E. (1895/1982). **The rules of sociological method**. Londres: Macmillan, 1995.

DUVEEN, G.; LLOYD, B. The significance of social identities. **British Journal of Social Psychology**, v. 25, p. 219-230, 1986.

ENRIQUEZ, E. **Da horda ao estado**: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ERIKSON, E. H. **Identy and the life cycle**. New York: Norton, 1980.

FEIJÓ, O. G. Psicologia do esporte e no esporte. In: RUBIO, K. (Org.). **Encontros e desencontros**: descobrindo a psicologia do esporte. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 21-28.

FELTZ, D. C. **The culture of graduate education in sport and exercise science**: a sport psychology perspective. *Quest*, v. 39, p. 217-223, 1987.

FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário Aurélio**: século XXI. 3. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FUTSAL DO BRASIL. **O esporte da bola pesada que virou uma paixão**. 2009. Disponível em: <<http://www.futsaldobrasil.com.br/2009/cbfs/origem.php>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

GUARESCHI, P. A. Psicologia social e representações sociais: avanços e novas articulações. In: VERONESE, M.; GUARESCHI, P.A. (Orgs.). **Psicologia do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. 262 p.

JAMES, W. **The principles of psychology**. 2. ed. Nova Iorque: Dover, 1980.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 53-72.

KAPLAN, H.I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.

KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson, Learning, 2002.

LANE, S. A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. In: LANE, S.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEFÈVRE, C. E. de A. O esporte moderno e a busca do limite: maratona, ironman e corrida de aventura. In: RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do esporte aplicada**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 155-171. (Coleção Psicologia do Esporte).

LIMA, N.S. de. Psicologia do esporte: a caminhada de uma prática. In: RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do esporte: teoria e prática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 211-238 (Coleção Psicologia do Esporte).

LUCCAS, A.N. A psicologia, o esporte e a ética. In: RUBIO, K. (Org.). **Encontros e desencontros: descobrindo a psicologia do esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 61-76.

MARQUES, J.A.A.; KURODA, S.J. Iniciação esportiva: um instrumento para a socialização e a formação de crianças e jovens. In: RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 125-137.

MARTINS, H.H.T.S. **Metodologia qualitativa de pesquisa: educação e pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K.R. Evidências da importância da atividade física nas doenças cardiovasculares e na saúde. **Revista Diagnóstico e tratamento**, v. 5, n. 2, p. 10-17, 2000.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 291p

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 180 p.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOTA, T. de S.; ROCHA, R. F.; MOTA, G. B. C. Família: considerações gerais e historicidade no âmbito jurídico. **Revista Âmbito Jurídico**, 14 p. 2011. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8845>. Acesso em: 3 jul. 2012.

PIAGET, J.; INHLEDER, B. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

PRADO, A.E.F.G; AZEVEDO, H.H.O. de. A teoria das representações sociais revisitando conceitos e sugerindo caminhos. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5., Curitiba, 2011. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2011.

ROSE JUNIOR, D. de. A psicologia do esporte e no esporte: a participação do profissional do esporte e da psicologia. In: RUBIO, K. (Org.). **Encontros e desencontros: descobrindo a psicologia do esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 29-35. (Coleção Qualificação Profissional).

RUBIO, K. (Org.). **Encontros e desencontros: descobrindo a psicologia do esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. 132 p. (Coleção Qualificação Profissional).

_____. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. **Psicologia do esporte aplicada**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003a. 246 p. (Coleção Psicologia do Esporte).

_____. **Psicologia do esporte: teoria e prática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003b. 268 p. (Coleção Psicologia do Esporte).

SANTANA, W. C. de. **A arena do esporte educacional**. Londrina, PR: UEL, abr. 2010. Disponível em: < <http://www.pedagogiadofutsal.com.br/old/>>. Acesso em: 5 ago. 2010.

SANTOS, I.E. Textos selecionados de métodos e técnicas de pesquisa científica. 2. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2000.

SANTOS, S.M.P. dos. (Org.). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SCHULTZ, D.P.; SCHULTZ, S.E. **História da psicologia moderna**. 8. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SÊGA, R.A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90** - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 13, p. 128-133, jul. 2000.

SILVA, D.N. da. Programados para arrasar. **Revista Psique Ciência e Vida**. Agência Notisa de Jornalismo Científico, v. 4, n. 45, p. 8-16, 2010.

SIMIONATO, M.A.W.; OLIVEIRA, R.G. Funções e transformações da família ao longo da história. In: ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOPEDAGOGIA, 1., 2003, Maringá. Maringá, PR: ABPppr, nov. 2003. 10 p. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/abppprnorte/pdf/a07Simionato03.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

SOUZA, J. C. Conceitos, princípios e requisitos na orientação técnica e tática: futsal. Campo Grande, MS: Editora UCDB, 2003.

THOMAS, A. **Esporte**: introdução à psicologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

UNITED NATIONS. Office of the High Commissioner for Human Rights. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 2012. Disponível em: <<http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>>. Acesso: 17 jan. 2013.

WEBER, M. **Economy and society**. 2. ed. Nova Iorque: Bedminster Press, 1972.

ZAMBONI, C. Juventude: uma questão de fronteira para a psicologia social. In VERONESE, M.; GUARESCHI, P.A. (Orgs.). **Psicologia do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 275-292.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista: roteiro para crianças.

- 1) Para você, o que é esporte?
- 2) Com que idade começou a praticar esporte?
- 3) Qual é a importância da prática esportiva?
- 4) Pratica outras modalidades esportivas? Qual?
- 5) Por que escolheu futsal?
- 6) Há quanto tempo você pratica futsal?
- 7) Qual a participação de sua família na escolha deste esporte?
- 8) O futebol profissional influenciou sua escolha? Por quê?
- 9) Em sua opinião, o que é ser jogador de futebol atualmente?
- 10) O que você espera com esta prática esportiva?

APÊNDICE B – Entrevista: roteiro para pais ou responsáveis.

- 1) Para você, o que é esporte?
- 2) Qual é a importância da prática esportiva?
- 3) Já praticou alguma atividade física? Qual?
- 4) Qual é sua participação na escolha esportiva de seu filho?
- 5) Você está de acordo com que seu filho pratique futsal? Por quê?
- 6) O futebol profissional tem influência na escolha desta prática esportiva de seu filho? Por quê?
- 7) O que é ser jogador de futebol atualmente?
- 8) Qual é sua expectativa com relação à prática esportiva de seu filho?
- 9) Como costuma motivar a participação de seu filho nas práticas esportivas?

APÊNDICE C – Carta de esclarecimentos para obtenção do consentimento livre e esclarecido dos participantes da pesquisa.

Senhor(a):

Eu, Rosangela Fátima de Souza, psicóloga e aluna do Programa de Mestrado em Psicologia, portadora do CPF nº 322.529.431-49, RG 116.231-SSP/MS, pesquisadora na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), situada na Avenida Tamandaré, 6000, em Campo Grande, MS, cujo telefone para contato é (67) 3312-3605, estou desenvolvendo uma pesquisa com o título *Representações sociais de futsal em uma escola de iniciação esportiva em Campo Grande, MS*.

O objetivo deste estudo é identificar a representação social do futsal das famílias e dos filhos matriculados em uma escola de iniciação dessa modalidade, na formação desses jovens em equipe de base, nas categorias Fraldinha (7 a 8 anos), Pré-mirim (9 a 10 anos) e Mirim (11 a 12 anos). Sua participação é totalmente voluntária e não implicará nenhum risco. Esclareço que as entrevistas serão realizadas individualmente.

Informo-lhe que o(a) senhor(a) tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, a qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se quiser fazer alguma consideração ou tiver dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCDB, pelo telefone (67) 3312-3800 ou pelo endereço eletrônico cep@ucdb.br.

Também é garantida a liberdade de retirada de consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo sem qualquer prejuízo. O(a) senhor(a) tem direito a se manter atualizado(a) sobre os resultados parciais da pesquisa e, caso sejam solicitados, darei as informações necessárias.

Não existirão despesas ou compensações pessoais financeiras para o participante em qualquer fase do estudo.

Informo-lhe que seus dados de identificação, assim como os de seus familiares, serão mantidos em sigilo, com acesso somente pela pesquisadora deste Projeto.

Comprometo-me a utilizar os dados coletados somente para a pesquisa e os resultados serão veiculados por meio de artigos científicos e em congressos e encontros científicos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está anexo para ser assinado, caso não tenha dúvida e queira participar da pesquisa.

Rosangela Fátima de Souza
Psicóloga/pesquisadora
Tel. (67) 9609-2152
Endereço eletrônico: psicologadoesporte@hotmail.com

Prof. Dr. Marcio Luís Costa (orientador)

APÊNDICE D – Carta de solicitação de autorização da instituição pesquisada.

Campo Grande, MS, de de 2011.

À Escola de iniciação esportiva – MS

Eu, Rosangela Fátima de Souza, psicóloga e aluna do Programa de Mestrado em Psicologia, portadora do CPF nº 332.529.431-49, RG 116.231-SSP/MS, pesquisadora na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), situada na Avenida Tamandaré, 6000, em Campo Grande, MS, cujo telefone para contato é (67) 3312-3605, estou desenvolvendo uma pesquisa com o título *Representações sociais de futsal em uma escola de iniciação esportiva em Campo Grande, MS*, sob orientação do Prof. Dr. Marcio Luís Costa.

O objetivo deste estudo é identificar a representação social do futsal das famílias e dos filhos matriculados em uma escola de iniciação dessa modalidade, na formação desses jovens em equipe de base, nas categorias Fraldinha (7 a 8 anos), Pré-mirim (9 a 10 anos) e Mirim (11 a 12 anos).

Em função disso, necessita de sua autorização para realizar entrevistas com os pais das crianças ou responsáveis por elas que concordarem em participar deste estudo.

Os resultados serão veiculados por meio de artigos, congressos e demais eventos científicos, bem como à Instituição caso seja de seu interesse.

Por oportuno, ressalto tratar-se de entrevistas cujas informações serão acessíveis apenas à pesquisadora envolvida, sendo mantidos em sigilo os dados de identificação.

A participação é gratuita e não deverá interferir nas atividades profissionais desse estabelecimento.

Atenciosamente,

Rosangela Fátima de Souza
Psicóloga/pesquisadora
Tel. (67) 9609-2152
Endereço eletrônico: psicologadoesporte@hotmail.com

APÊNDICE E – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aplicado na pesquisa.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro participar como voluntário e consentir a participação do meu filho na pesquisa intitulada Representações Social de Futsal para pais e filhos em uma escola de iniciação esportiva em Campo Grande- MS. O objetivo deste estudo é identificar a representação social do futsal para pais e filhos matriculados nesta escola de iniciação dessa modalidade, na formação desses jovens em equipe de base, nas categorias fraldinha (7 a 8 anos), pré-mirim (9 a 10 anos) e mirim (11 a 12 anos). Concordo em conceber entrevistas com a finalidade de estudo científico e a identidade dos participantes mantida em sigilo.

Ao participar deste estudo fui esclarecido(a) e estou ciente de que:

- a) caso não me sinta à vontade para responder qualquer questão, posso deixar de respondê-la, sem que isto implique em prejuízo;
- b) as informações que fornecerei serão acessíveis somente à pesquisadora envolvida e que os resultados serão divulgados em publicações científicas, sendo mantidos em sigilo os meus dados de identificação;
- c) minha participação é inteiramente voluntária, e não fui objeto de nenhum tipo de pressão;
- d) tenho liberdade para desistir de participar, em qualquer momento, do processo de pesquisa;
- e) caso precise entrar em contato com a pesquisadora, estou ciente de que posso fazê-lo por endereço eletrônico abaixo.

Campo Grande, MS, _____ de _____ de 2011.

Assinatura do participante

Documento de identidade

Rosângela Fátima de Souza
Psicóloga/pesquisadora
Tel. (67) 9609-2152
Endereço eletrônico:
psicologadoesporte@hotmail.com

Prof. Dr. Marcio Luís Costa (orientador)

APÊNDICE E – Falas dos participantes.

Categoria Fraldinha (7 a 8 anos) Transcrição de Dados (pais) Mãe (MF) e pai (PF)		
Pergunta 1 – Para você, o que é o esporte?	Indexador	Categoria
Esporte é saúde, disciplina, é ética, mais ou menos por aí.	Saúde, disciplina, ética	Saúde, disciplina, ética.
Esporte é lazer, é extravasar o excesso de atividade, energia. (Então é uma coisa lúdica? Uma brincadeira?) Uma brincadeira. (Socialização?) Socialização.	Esporte e lazer, energia, uma brincadeira, socialização.	Esporte como meio de socialização
Ah, esporte é lazer, é educação, é tudo, é importante fazer esporte.	Esporte e lazer, educação.	Lazer.
Eu acho que o esporte é, além de ser uma atividade saudável né, é uma forma da criança, do próprio adulto interagir com outros seres humanos, saber conviver em grupo, saber dividir, saber perder, aprender a prender, então são lições que o esporte dão que serve pra vida inteira.	Saudável, saber dividir, saber perder, lição pra vida.	Disciplina através do esporte.
Ah, o esporte pra mim, além da saúde, é diversão, é relacionamento, é uma formação de equipe, na minha vida né.	Saúde, diversão, relacionamento.	Saúde, lazer, socialização.
Ah, o esporte é saúde, o esporte faz parte da formação de uma criança, o esporte é vida, vamos dizer assim.	Saúde, faz parte da formação da criança, esporte e vida.	Esporte, saúde.
Pergunta 2 - Qual é a importância da prática esportiva?		
Ah, é pra tudo, é aprender a conviver em grupo, coletivo, é respeitar regras, limites, desde desses pequenos detalhes de horário, uniforme, respeitar os colegas em campo, como agir, saber ganhar, saber perder, é um aprendizado geral.	Conviver, respeitar regras, limites, saber ganhar e perder.	Disciplina
É a saúde, o equilíbrio mental, o emocional.	Saúde, equilíbrio mental.	Corpo e mente.
Desenvolvimento da criança, socialização, amizade, tudo é bom, esporte é muito bom.	Desenvolvimento da criança, socialização, amizade.	Desenvolvimento e socialização.
Primeiro passo, saúde né, saúde, a interação com outras pessoas, saber lidar com o grupo, aprender a respeitar o diferencial do outro né.	Saúde, interação, saber lidar com grupo, aprender a respeitar o diferencial do outro.	Saúde e socialização.
Ah, ela é fundamental, principalmente em questão de... dele, da adaptação com o mundo no qual vivemos, com a sociedade. Então nós cremos que, eu creio que o principal da atividade física é a saúde, além da saúde, é esse relacionamento em sociedade.	Fundamental, adaptação, saúde, relacionamento sociedade.	O esporte como desenvolvimento da estrutura biopsicossocial.
A prática esportiva é desenvolve o atleta, desenvolve a pessoa, uns gostam depois de seguir uma carreira né.	Desenvolver.	Desenvolvimento biopsicossocial.
Pergunta 3 - Já praticou alguma atividade física? Qual?		
Eu? Eu é mais a parte assim de... eu sempre pratiquei, mas é musculação, e bicicleta.	Musculação, bicicleta.	Atividade física.
Eu já. (Qual?) Vôlei.	Vôlei.	Atividade física.
Já. Futebol, já fiz vôlei também.	Futebol, vôlei.	Valorização da atividade física na formação.
Já. (Qual?) Futebol de salão, futebol de campo, muitos anos.	Futebol de salão, campo.	Valorização da atividade física na formação.
Sim. (Qual?) Futsal.	Futsal.	Valorização da atividade física.

Eu já. (Qual?) Eu, eu praticava é basquete, natação e atletismo. (Então o esporte na tua vida sempre foi uma coisa presente?) Ah sim, eu sempre gostei e sempre incentivei também né, os meus filhos. (Então fez parte da sua formação?) Fez parte da minha formação.	Basquete, natação, atletismo, fez parte da formação.	Valorização da atividade física na formação.
Sim. (Qual?) Eu jogava <i>handball</i> , (é?) cheguei até jogar para o Estado.	Sim.	Atividade física na formação.
Pergunta 4 - Qual é a sua participação na escolha esportiva de seu filho?		
Foi o seguinte, ele levava jeito para o esporte né, o futebol, ele gostava e aí ele começou a participar da escola, ele era convidado a participar das escolinhas, foi uma coisa bem natural, foi dele.	Escolha própria.	Estrutura familiar.
Na verdade não foi nenhuma, porque eu queria que ele fizesse natação né, mas aí meu marido gosta de jogar bola e ele automaticamente foi querendo jogar futebol, ele por ele mesmo. (Aí você dá estrutura né, leva?) Incentivo.	Nenhuma, incentivo.	Estrutura, apoio.
Ah, ele me viu jogando bola, foi uma referência, não foi tipo assim, não falei qual esporte, não.	Foi uma referência, não falei qual esporte.	Pai como referência no esporte.
A gente desde pequeno, eu tenho dois filhos né, desde pequeno os dois sempre nasceram com uma vontade de jogar futebol, sempre gostaram de bola, e a gente só deu um passo e ajudou, colocando em escolas, escolinhas, dando incentivo que eles sempre quiseram jogar futebol, assim, então a gente só ajudou a dar um passo na escolha deles.	Desde pequeno, ajudou a dar um passo na escolha deles.	Estrutura, apoio.
Acho que foi ativa. (risadas)	Ativa.	Envolvimento.
A escolha, o país por mais que queira ser neutro ele sempre quer dar uma forcinha né, ele sempre quer dar um empurrãozinho né, o que você gosta né, como 80% dos brasileiros gosta do futebol a gente sempre dá uma forcinha pro futebol.	Forcinha por mais que queira ser neutro.	Direcionamento familiar nas escolhas dos filhos.
Pergunta 5 - Você está de acordo que seu filho pratique futsal? Porque?		
Estou, porque ele demonstra que adora isso, por isso que ele tá aqui.	Porque gosta.	Estrutura familiar.
Sim.	Sim.	
Tô, tô de acordo sim. (Por quê?) É bom, futebol, futsal, é onde ele aprende toda base, onde ele aprende tudo. Depois ele vai aprender o futebol de campo.	Sim, depois ele vai aprender o futebol de campo.	Futsal como caminho para o futebol de campo.
Eu gosto muito, eu acho que o futsal é um esporte de grupo, você aprende a vencer a perder, lidar com pessoas, então a gente, praticar também em escola, em condomínio, então a gente ajuda, a gente apoia assim, gosta do futsal, um esporte muito, muito gostoso como eu joguei também, gosto de ver esses jogos também.	Futsal é um esporte de grupo, aprende a vencer a perder, lidar com pessoas.	Futsal como elemento de socialização.
Sim. (Por quê?) Porque é algo que, primeiro pelo amor, pela paixão que tenho no futsal e depois do bem estar dele, da saúde dele, do estado físico dele.	Futsal, paixão, saúde.	Sentimento, esporte, saúde.
Estou, estou de acordo. (Por quê?) Ah, porque é um esporte que, hoje em dia, é um esporte muito bem remunerado né e a criança gostando ela, ela procura sempre querer sempre jogar em um time bom e chegar na seleção.	Esporte bem remunerado, seleção.	Profissão bem remunerada
Pergunta 6 - O futebol profissional tem influência na escolha desta prática esportiva de seu filho? Por quê?		
Não, não. (Ele não assisti?) Assisti, mas não no sentido que ele está fazendo pensando... (Em ser profissional...) Não, pelo contrário. (Mas ele gosta de ver os jogos?) Gosta, mas é uma coisa normal, normal.	Não.	
Tem, porque ele assisti direto televisão, de segunda a segunda.	Assisti, tem.	Representação social.

Um pouco tem né, toda criança, ele assiste, ele sabe tudo dos jogadores, sabe tudo.	Assiste.	O futebol como parte de nossa cultura.
Ah, toda criança sonha né, com o sonho de ser um profissional, muito deslumbrado, mas a gente põe muito o pé no chão deles, mostra os dois lados do esporte né. (E ele assistiu muito?) Muito pouco, assim, eu até acho uma virtude dele assim, que o garoto não gosta de assistir, gosta de jogar.	Sonho, realidade, orientação.	Estrutura familiar e orientação profissional.
Tem, tem. (Por quê? Ele assistiu?) Ele assistiu, gosta, é apaixonado pelo futebol e têm os seus ídolos no meio do esporte, futebol.	Assisti, ídolos no meio do esporte, futebol.	Cultura, representação social.
Acredito que sim. (Por quê?) Porque a gente, o pai, por exemplo, quando torce pra um time né, você sempre quer que o filho torça pra aquele time e ele torcendo pra aquele time ele sempre se espelha em um jogador famoso. (E ele assistiu os jogos?) Assisti, quando pode assistir.	Sim, espelha jogador famoso.	Crença de profissional bem sucedido.
Pergunta 7 - O que é ser jogador de futebol atualmente?		
Tem um lado que eu acho bacana, que é uma prática, é um esporte brasileiro né, mas ao mesmo tempo tem uma parte que preocupa, que eu acho que às vezes foge totalmente da realidade, mulherada, muito dinheiro, sem estrutura nenhuma psicológica. Então assim, tem um lado que eu também não vejo essa necessidade, não consigo entender o porquê ganhar tanto, eu acho que é um esporte legal, eu sou a favor que têm outras áreas que precisam mais, como saúde, então eu assim, eu acho meio fora da realidade total um jogador de futebol ganhar o que ganha, não é por aí, não desmerecendo. (Não precisa estudar né?) Isso, quando às vezes eu vou exigir estudo, escola, aí ele fala assim: "Mas o Pelé não estudou!" Ele fala isso pra mim. Então, têm os dois lados.	Foge da realidade, sem estrutura psicológica, não consigo entender o porque de tanto dinheiro."mas o pele não estudou".	Talento nato, falta de estrutura psicológica, falta de estímulo intelectual, compensações financeira milionárias.
Profissional? É, eu vejo assim, é que ficou uma área de profissionalização né, profissão de espelhar assim, empenho, persistência, empenho, dedicação, concentração e ter um objetivo foco de vida né, é o que explico pro meu filho. Se quiser ser jogador de futebol, vai ter que se dedicar, é um foco. Eu sou dentista né, eu falo se você quiser ser dentista vai ter que se dedicar. (Ele disse que a segunda opção dele é ser dentista.) É... (Já está influenciando né?) Já tá influenciando.	Profissão, foco.	Profissão e disciplina.
Futebol hoje é fama, é ser famoso, dinheiro, criança gosta e quem não gosta?	Fama, dinheiro.	Status que gira em torno do futebol.
A gente vê assim, uma mídia muito em cima desses jogadores, mas a gente sabe da realidade que é um percentual muito pequeno né, então assim, tem que preparar, é o que eu falo pros meus filhos, preparar eles pra vida, jogar futebol como segundo plano, se eles tiver talento, tiver o dom, mas sempre caminhando no plano B, o plano A estudando, se programando com a vida (Estudo paralelo, né?) Isso, se a gente achar que com 13, 14 anos que ele tem um dom, despertar de algum, não ó esse guri tem talento pra jogar futebol, a gente vai apoiar de qualquer forma.	Mídia em cima desses jogadores, realidade, percentual pequeno, estudo.	Alguns jogadores favorecidos pela mídia.
Além de hoje ser profissão mesmo, porque antigamente não era levado tanto como profissão, hoje tem ficado, tem tirado o lado amador e se tornado mais profissional, no mundo secular.	Profissão.	Profissionalismo.
Hoje, o jogador de futebol, o jogador que é bem sucedido né, o jogador que né, tá colocado num time bom é um jogador famoso, um jogador que, futuramente, tem uma vida estabilizada né.	Jogador bem sucedido, famoso, vida estabilizada.	Status e fama que giram em torno do futebol.

Pergunta 8 - Qual é a sua expectativa com relação à prática esportiva do seu filho?		
Assim, o tempo vai dizer né, o incentivo da minha parte vai ter né, porque eu acho ótimo pra ele, porque ele é o primeiro aluno da escola, da classe, então é tudo só o estudo né, paralelo né, dependendo de nós, estaremos incentivando.	O tempo vai dizer, incentivo.	Consequência.
A gente espera, mas não pode esperar muito, eu converso desde pequeno com ele, o negócio é primeiro o estudo, todinho, se tiver que ser profissional, vai ser sem forçar nada, sem cobrar nada dele.	Estudo, profissional.	Estudo paralelo ao esporte.
Muito boa, cara. Ele gosta, ele se sente assim, motivado, assim, até hoje quando teve a final, ele ontem já tava na ansiedade, ansiedade gostosa. A gente sempre tá frisando pra eles que, aceitar a derrota, respeitar o companheiro do lado de lá, o próprio companheiro do time se não entrar, então, a gente procura lidar com todos esses aspectos né.	Muito boa, motivado, aceitar a derrota.	Auto estima por meio do esporte.
Que ele se apaixone cada dia mais.	Envolvimento.	Profissão.
Olha, eu pretendo que ele continue né, permaneça sempre jogando futebol. (Aí vai ser consequência, né?) Aí vai ser a consequência.	Continue jogando futebol, consequência.	Esporte como consequência de um trabalho.
Pergunta 9 - Como costuma motivar a participação de seu filho nas práticas esportivas?		
Ai dessa parte, desde alimentação, que nem hoje ele queria vir sem comer, aí eu falei que não pode, porque uma alimentação, comeu lá um carboidrato, uma fruta, porque não queria comer nada, então desde a alimentação, desde a maneira correta de colocar a caneleira, explico que tem, que pode se machucar, essa parte de saber ganhar e perder, respeitar o horário, essas partes assim, que eu consigo, eu tento mesclar o esporte, mas com essas outras partes né, pra vida, tentar levar pra vida através do esporte.	Alimentação, respeitar horário, tentar levar para vida através do esporte.	Educação através do esporte.
Trazendo ele aos treinos, hoje é o campeonato, é final, deixei o consultório pra estar aqui, ele se sente bem incentivado. Em casa, é o meu marido que explica pra ele a jogada que errou, que não errou.	Trazendo aos treinos, ele se sente incentivado.	Estrutura, apoio.
Estimulo, estímulo, tem que praticar esporte.	Estimulo, pratica do esporte.	Estrutura e apoio.
Ah eu acho que apoiando né, tando junto, tando perto né, acompanhando eles na medida do possível.	Apoio, acompanhando	Estrutura, apoio.
A atividade física pra ele é um benefício, então primeiro vem o lado família, escola, igreja e depois o esporte. (E você está com ele em todas essas etapas?) Todas as atividades, todas essas etapas, participando.	Família, atividade física, participação.	Integração familiar através do esporte.
Olha, é... motivação? (Isso que você tá fazendo hoje, vindo nos jogos...) Também, a gente acaba como a gente gosta, a gente já... o beabá do futebol, acaba a gente ficando incentivado (Se envolve bem?) Se envolve bem, acaba se envolvendo, venho nos treinos quando posso, assisto algumas partidas dos campeonatos... (E ele gosta da sua participação?) Gosta, ele já levanta cedo, já cobrando: "vamo lá!". Já pede pra mim colocar a chuteira, ele é bem, bem, bem participativo nesse ponto.	Incentivando, envolvimento.	Envolvimento.

Categoria Fraldinha (7 a 8 anos) Transcrição de dados Filhos (FF)		
Pergunta 1 - Para você, o que é Esporte?		
O esporte é uma coisa que ajuda a gente a fortalecer nossos ossos, ajuda nossa... (A socialização, fazer amizade...) Aham. (É uma coisa que você gosta de praticar?) Eu gosto.	Saúde.	Saúde.
É uma coisa boa.	Coisa boa.	Lazer.
Ah... o esporte é tudo. (Você brinca, você se diverte?) É.	É tudo, brincadeira, diversão.	Lazer.
É bom.	É bom.	Lazer.
Lazer.	Lazer.	Lazer.
Pergunta 2 - Qual é a importância da prática esportiva?		
Oh, eu faço muitos amigos no futebol, mas a importância é que isso me dá saúde, muita saúde.	Amizade, saúde.	Socialização e saúde
É porque meu pai me incentivou. (E você gosta quando você está com seu colegas?) Aham.	Incentivo do pai.	Incentivo.
(Você gosta de praticar esporte?) Sim.		
Fortalece os músculos.	Saúde.	Saúde.
Eu não sei. (Pra ter amizade, é pra jogar?) É pra ter amizade.	Amizade.	Amizade.
Pergunta 3 - Com que idade começou a praticar esporte?		
Eu acho que com 5 anos.	5 anos.	5 anos.
Com 5 anos.	5 anos.	5 anos.
Ah... com uns 3 anos.	3 anos.	3 anos.
No futebol foi com 7 anos.	7 anos.	7 anos.
4 anos.	4 anos.	4 anos.
Pergunta 4 - Pratica outras modalidades esportivas? Qual?		
Já. (Qual?) Eu pratico judô e praticava <i>taekwendo</i> .	Judô, <i>taekwendo</i> .	Lazer.
Não.	Não.	Não.
Praticava. (O que você praticava?) Judô.	Judô.	Judô.
Não.		
Não.		
Pergunta 5 - Por que escolheu futsal?		
Ah, porque eu gosto né, meu irmão fazia né, agora ele parou, mas só que ele fazia né eu, eu aprendi a gostar desde quando ele fazia.	Irmão jogava.	Inspirou-se no irmão.
Sim, meu pai veio aqui e perguntou pro Pelezinho se podia jogar, aí ele falou sim.	Sim.	Escolha própria.
Ah, porque eu adorava ver na TV...	Ver na TV.	Assistiu na TV.
Porque meu pai jogava e ele começou no futsal de pois ele foi pro futebol de campo, aí eu futsal primeiro, depois eu vou pro campo.	Referência do pai.	Viu pai jogar.
Porque desde criança eu gostava, eu assistia o Falcão...	Assistia o Falcão.	Ídolo.
Pergunta 6 - Há quanto tempo você pratica futsal?		
Acho que fazem uns 2 anos.	2 anos.	2 anos.
3 anos.	3 anos.	3 anos.
Ah, uns 4 anos.	4 anos.	4 anos.
Há 2 anos.	2 anos.	2 anos.
4 anos.	4 anos.	4 anos.
Pergunta 7 - Qual a participação da sua família na escolha deste esporte?		
Eles me incentivam muito. (Você que escolhe, por exemplo, você que escolheu o judô, o futsal?) É, eu que escolhi fazer.	Incentivo.	Apoio.
Eu escolhi e meu pai me incentivou.	Incentivo do pai.	Incentivo do pai.
Ah, eles sempre iam torcer. (E isso era um incentivo? Você gostava?) Sim.	Incentivo.	Incentivo.
Incentiva.	Incentivo.	Incentivo.

Não, antes eu fazia, mas depois eu queria fazer de novo, aí eu que quis.	Não.	Nenhuma.
Pergunta 8 - O futebol profissional influenciou a sua escolha? Por quê?		
Influenciou. (Você assiste muito?) Assisto.	Influenciou.	Influência.
Aham.	Aham.	
Sim.	Sim.	Representação social.
Sim.	Sim.	Influência.
Sim.	Sim.	Influência.
Pergunta 9 - Em sua opinião, o que é ser jogador de futebol atualmente?		
Oh... (Ganha muito dinheiro?) Ganha, ganhar ganha. (Tem muitos amigos?) Tem. Só que se eu for jogador profissional, assim, jogar em algum time assim, não vou poder ver minha família todas vezes, só de vez em quando. (Então, tem algumas privações?) É.	Algumas privações.	Disciplina.
É uma prática esportiva muito boa. (E eles ganham muito dinheiro?) Sim.	Prática esportiva boa.	Prática esportiva boa.
Ah, é ser um cara divertido que saiba jogar, saiba respeitar.	Cara divertido, respeito.	Alegria respeito.
Famoso? (É ganhar muito dinheiro, ter muita amizade?) É. (Que mais?) Só.	Dinheiro, amizade.	Status.
(Ganha muito dinheiro?) Sim. (Tem muitos amigos?) Tem, faz amigos.	Amizade.	Amizade.
Pergunta 10 - Qual é a sua expectativa com relação à prática esportiva?		
Eu penso, eu quero ser jogador de futebol. (Se você fosse ter outra profissão, você pensou o que seria?) Pensei. (O quê?) Cantor.	Jogador de futebol, cantor.	Jogador de futebol, cantor.
(Você pensa em ser jogador de futebol?) Sim. (Você gosta do que você faz?) Sim.	Sim.	Pensa em ser jogador.
Você quer ser um jogador de futebol? Aham. (Pensou outra profissão?) Não.		
(Você pensa ser jogador de futebol?) Aham. (Se você não for jogador, o que vai ser?) Dentista.	Aham, dentista.	Jogador, dentista.
Quero ser um jogador de futebol. (E se você não for?) Eu quero ser artista.	Jogador de futebol, artista.	Jogador de futebol, artista.

Categoria Pré-Mirim (9 a 10 anos) Transcrição dos dados – Pais Mãe (MPM) e pai (PPM)		
Pergunta 1 - Para você, o que é Esporte?		
“É um... (o que você quiser responder, o que é o esporte para você?) É um trabalho em equipe né, mas... esporte... (é atividade física, é uma profissão?) Também, acredito que a atividade física sim, com certeza, mas é uma profissão. (Hoje você vê mais como uma profissão?) Eu né, até mesmo as crianças né, elas se espelham muito, porque às vezes, os pais não podem dar, através do que ela pode conquistar no esporte, ela pode ter futuramente, então eles se dedicam (Então tá. O esporte hoje, para você, é mais uma profissão?) Também (Também, então, ele ficaria em primeiro ou segundo lugar? O que seria primeiro lugar nesse também? Ou ele primeiro, ou?) A profissão pode ser consequência de um trabalho bem feito, é um esporte, hora da criança estar se divertindo (socialização). A profissão vem depois, a consequência.	Trabalho em equipe, profissão, atividade física, conquistar esporte, socialização, consequência.	Saúde, socialização, profissão.
O esporte é... eu acho que é acima de tudo o.... ambiente que eles convivem no esporte, um ambiente saudável, isso proporciona também boas amizades de uma forma saudável, divertida.	Saudável, boas amizades.	Saúde e socialização.
Saúde.	Saúde.	Saúde.
Vida, saúde, é participação em comunidade, na congregação de amigos, aonde o principal é saúde, esporte.	Saúde.	Saúde.
Pergunta 2 - Qual é a importância da prática esportiva?		
É pra tirar mesmo, assim, meu filho, vou falar dele, pra tirar ele da rua, conviver entre amigos, convívio saudável, para não tá aí na rua, brincando com quem eu não conheço, estar interagindo de uma outra forma, tirar um pouco de casa, de ter aquele convívio com outras pessoas né, não só da escola, mas também do (aumentar o ciclo de amizade?) É...	Tirar da rua, conviver com amigos, convívio saudável.	Direcionamento, saúde, socialização.
Eu acho que esse pergunta é a mesma e responde a outra né, porque eu acho que a importância é isso mesmo, a socialização, um ambiente saudável, é onde ele faz as amizades e que às vezes penduram pro resto da vida e eles mantêm, eles fazem questão de manter essas amizades e a saúde também.	Socialização, ambiente saudável, amizades, saúde.	Socialização, saúde, ambiente saudável. Ref. Positivas.
Socialização.	Socialização.	Socialização.
Além do benefício saudável, pra criança, não só pra criança, pra nós pais também, ele nos traz uma, uma união, uma união entre pessoas, povos. Na verdade seria assim, é um momento de lazer aonde você pode desestressar o seu dia a dia e ao mesmo tempo fazer novas amizades.	União, lazer, novas amizades.	Lazer, socialização.
Pergunta 3 Já praticou alguma atividade física?Qual?		
Sim. (Qual?) Eu jogava <i>handball</i> , (é?) cheguei até jogar para o Estado.	Sim.	Atividade física na formação.
Eu já. (Qual?) Vôlei	Vôlei.	Importância da atividade física.
Pratico. (Qual?) loga e musculação.	loga, musculação.	Valorização da atividade física.
Joguei durante muito tempo futebol.	Futebol.	Futebol.
Pergunta 4 - Qual sua participação na escolha esportiva de seu filho?		
Todas possíveis. Eu levo, eu busco, eu chamo atenção quando é preciso né, que a gente tem que ter humildade acima de tudo, e... ajudo no que for preciso,	Todas possíveis.	Envolvimento, estrutura.

assim, sempre do lado dele. (Ele que escolheu o futebol de salão?) Foi, o futebol em si, ele pretende chegar no campo né, então começou pelo futebol de salão e tal, acredito que para realizar o sonho. (Então você só deu força pra ele para aquilo ele já queria?) É...		
Participação diretamente, nenhuma participação. Nem eu nem meu marido, nós nunca influenciemos, assim, tentamos influenciar de forma direta nenhum, sempre foi a opção dele, foi escolha pessoal dele. (Então, é só estrutura mesmo?) Só, a estrutura familiar, dá força, explicar que se ganha, que se perde, que tem que conviver com os dois lados, tanto o de ganhar como o de perder.	Opção dele, estrutura familiar, ganhar, perder.	Direcionamento familiar nas escolhas dos filhos, valores.
Nenhum. (Só de estrutura né?) É. (Não tem influência?) Não, ele escolheu.	Estrutura.	Estrutura familiar.
Nenhuma, eu só incentivei naquilo que ele falou: Pai, eu quero fazer isso. E nós demos o apoio, amor, carinho (Estrutura né?). Na verdade a estrutura emocional, física e financeira também pra que ele consiga realizar o seu esporte desejado.	Incentivo, amor, carinho.	Direcionamento com afeto.
Pergunta 5 - Você está de acordo que seu filho pratique futsal?		
Gosto, pois é uma coisa que ele gosta e a gente passa a gostar também por ele.	Gosta por ele.	Direcionamento familiar nas escolhas dos filhos.
Estou, plenamente.		Valorização da atividade física.
Estou, porque ele gosta né, é uma atividade que também é a partir da socialização, participa de outras atividades, aprende a perder e a ganhar.		Socialização e disciplina.
Sim, é uma escolha dele, eu oriento ele em casa, têm os professoras na escola também, quando ele tem algum erro, ele sempre me pergunta: "Pai, o quê que eu posso melhorar?" E eu sempre acabo auxiliando ele, e às vezes a gente extrapola um pouquinho, por ser pai.	Orientação	Orientação
Pergunta 6 - O futebol profissional tem influência na escolha dessa prática esportiva do seu filho? Por quê?		
(Você acha que assistindo os jogos profissionais?) Totalmente! (Totalmente?) Ele se espelha, assim, em gerações né, Robinho, agora Neymar, então eles procuram sempre tá, então, acredito que totalmente.	Totalmente, se espelha, gerações.	Representação social, cultura, atualização.
Eu acho que sim, pra ele sim. Porque como todo mundo sabe, o futebol é... faz parte da cultura do brasileiro, isso tá no dia a dia, desde que nasce, a criança já nasce com a família tentando influenciar no time, e enfim, então, já faz parte da cultura e eu acho que isso de certa forma influencia os jovens e além do que esse negócio assim que também acaba influenciando essa parte de financeira que eles vem de pagar milhões e milhares, só que lá em casa o primeiro lugar é o estudo, depois... (É o jogador de hoje, tem que estudar.)	Família, cultura, influência.	Cultura, influência.
Não, ele nem assistiu.	Não.	
Não, ele se identificou muito na época com o jogador Pato, que estava surgindo no Internacional, então ele pegou como referência no jovem e ele nem viu assim, a questão do lado profissional, não viu a questão de ganhos, não viu nada disso. (Mas ele assistia os jogos?) Assistia, no entanto, nas Olimpíadas de... Esqueci agora... 2002... é eu sei que teve uma das olimpíadas que ele fazia a gente armar um tipo um pano no chão pra brincar de judô, porque ele via muito judô nas olimpíadas. Então, assim ele é meu companheiro de esportes, pra assistir jogos, eventos, falou que é jogo da Seleção Brasileira, pode ser até	Jogos, eventos.	Evento esportivo.

palitinho que ele tá lá torcendo pro Brasil.		
Pergunta 7 - O que é ser jogador de futebol atualmente?		
Olha... o jogador é muito complicado, isso né, porque, além de ser um sonho, pois muitos são um sonho mesmo, pessoas que lutam, é como qualquer profissão, de querer ser médico, de querer ser... mas hoje pra mim, assim, a minha visão é, ainda pra ele é... ser um jogador porque gosta, porque ama o que está fazendo, por isso, faz bem feito. Porque se fosse uma coisa que estivesse a gente influenciando alguém não ia se dedicar tanto, não gosta de faltar, não gosta de... entendeu, tem que estar aqui muito cedo, porque vai dar a hora, então assim é bem...	Complicado, sonho, profissão, amar o que faz.	Profissão, sentimento. Disciplina.
Eu acho que é isso, tanto é que existem alguns jogadores de futebol que são inteligentes, inteligentíssimos, são pessoas que estudaram, que você vê que o nível é outro e essas pessoas dificilmente assim, o que eles ganham valorizam e conseguem manter isso daí pra família, e alguns, infelizmente, que por falta até de estrutura familiar, muitas vezes, ganham muito rápido e também, às vezes, perdem muito rápido e às vezes têm muitos aí que acabaram morrendo na miséria né, como todo mundo sabe.	Estudo, valorização, família, estrutura.	Estrutura familiar, estudo.
Eu acho que é muito... dinheiro, ascensão social, sei lá, basicamente é isso.	Dinheiro, ascensão social.	Fama, <i>status</i> .
(Como o Pato, o Ganso, o Neymar, como muitos outros...) Olha, falando assim, do lado de fora muitos jogadores visam o dinheiro, o materialismo... A gente não vê mais aquele amor à camisa, o gostar de futebol, igual vejo nas crianças quando praticam futsal, que jogam por amor, pelo coleguismo, pelo companheirismo. Eles têm aquele negócio que quando um não pode um cobre o outro. Então, assim, você não vê isso no futebol profissional. Você vê assim, grandes empresas de marketing tentando colocar o seu jogador e às vezes, não é tudo aquilo, mas o marketing manda e o dinheiro manda muito.	Dinheiro, materialismo, marketing.	Marketing, <i>status</i> .
Pergunta 8 - Qual sua expectativa com relação à prática esportiva de seu filho?		
Ah... as minhas expectativas são ótimas, eu acredito que o que ele deseja ele vai conseguir alcançar sim, porque a gente só consegue as coisas quando a gente ama o que faz, então, eu acredito que são ótima, pra ele, principalmente.	Ótimas.	Foco, ter objetivo.
A expectativa que a gente tem se for, ele tiver talento e caso ele queira continuar levando em paralelo o estudo, a nossa estrutura, o que ele precisar pra levar ele pra frente, tudo vai ser dado.	Talento, paralelo, estudo.	Estimular Talento e estudo.
É só essa mesma, de ele socializar, ter uma atividade física que ele gosta, tenha prazer, amizade.	Socializar, atividade física, prazer, amizade.	Saúde, esporte, socialização.
Eu quero que ele consiga se evoluir como ser humano, como amigo, como colega, se for do merecimento dele, se Deus tiver algo traçado pra ele no decorrer da juventude, da fase adulta no futebol, nós iremos dar todo apoio como nós estamos dando hoje.	Evolução, merecimento, apoio.	Desenvolver com a pedagogia do esporte, apoio.
Pergunta 9 - Como costuma motivar a participação de seu filho nas práticas esportivas?		
Ah... falo que ele sempre tem que olhar uma meta, se ele tem um desejo de chegar em algum lugar ele tem que por aquilo na frente... Então, sempre falo pra ele: "Filhão, não vai cair do céu" Se você deseja muito um dia ser... você tem que se esforçar, tem que ser	Meta, desejo, esforço, responsabilidade, correr atrás.	Meta e disciplina.

responsável, tem que ter horário pra tudo, tem que, assim, se esforçar o máximo, senão você nunca mais vai conseguir nada. Se você esperar que alguma coisa vai cair do céu, nada vai cair do céu tem que correr atrás, procuro estar orientando dessa forma.		
Dessa forma sempre, sempre mostrando para ele isso, que além de ser coisa saudável, acho que ele tem que aprender a conviver com a perda, perdendo, ganhando, então acho que isso é uma forma de estruturar o lado emocional dele também, sempre procura estruturar esse lado.	Saudável, perder, ganhar, estrutura emocional.	Disciplina, saúde física e mental.
Incentivando ele a participar do esporte, trazendo, acompanhando, mostrando que aqui se perde e se ganha.	Acompanhando.	Envolvimento.
Comentando o lado saudável, comentando que isso vai trazer novas amizades, que ele vai conseguir, às vezes, ficar livre de algumas doenças com a prática esportiva, porque ele vai tá sempre com o organismo ativo, funcionando, então, ele acaba evitando algum tipo de doença e evita o sedentarismo, sedentarismo que nós pais, hoje, temos. Porque a gente não consegue começar algo e terminar no lado esportivo.	Amizades, saúde, evita o sedentarismo.	Saúde, atividade física, socialização.

Categoria Pré-Mirim (9 a 10 anos) Transcrição dos dados Filhos (FPM)		
Pergunta 1 - Para você, o que é Esporte?		
Esporte é... fazer alguma atividade física.	Atividade física.	Atividade física.
Uma brincadeira.	Brincadeira	Lazer.
O esporte é uma coisa onde todo mundo se diverte, e todo mundo gosta disso e faz o que gosta.	Diversão, faz o que gosta.	Lazer.
Pergunta 2 - Com que idade começou a praticar esporte?		
Não sei... Com 6 anos.	6 anos	6 anos
3.	3 anos.	3 anos.
Eu pratico desde os 2 anos.	2 anos.	2 anos.
Pergunta 3 - Qual é a importância da prática esportiva?		
A importância é... não pode ficar muito parado.	Sedentarismo.	Sedentarismo.
Pra mim é ter saúde.	Saúde.	Saúde.
Que a gente aprende muito, a gente aprende a não chorar, a gente aprende a... a gente aprende... Ah, me perdi todo. (Não, não tem importância, aprende a não chorar quer dizer o quê?) A gente aprende a não chorar, a gente aprende a ser guerreiro.	Aprendizado, não chorar, ser guerreiro.	Auto confiança. Força.
Pergunta 4 - Pratica outras modalidades esportivas? Qual?		
Não. (Por quê? Você só gosta do futebol?) É.	Não	Não
Já. (Qual?) Natação.	Natação.	Natação.
Não, não pratico. Praticava. (O quê você praticava?) Eu praticava caratê e vôlei.	Caratê, vôlei.	Caratê, vôlei.
Pergunta 5 - Por que escolheu futsal?		
Por que eu gosto de futsal. (Você já tem um time que você gosta e você gosta de assistir também futsal na televisão?) Sim.	Gosto de futsal.	Identificação.
Porque eu gostava muito e eu queria treinar.	Gostava muito.	Identificação.
Porque é uma coisa muito legal.	Coisa muito legal.	Lazer.
Pergunta 6 - Há quanto tempo você pratica futsal?		
Faz 5 anos.	5 anos.	5 anos.
Mais ou menos uns 5 anos.	5 anos.	5 anos.
Acho que faz uns 5 anos.	5 anos.	5 anos.
Pergunta 7 - Qual a participação da sua família na escolha deste esporte?		
Acho que meu pai.	Pai.	Pai.
Nenhuma. (Só estrutura mesmo né?) Aham.	Estrutura.	Estrutura.
Não, nenhuma, eu que escolhi.	Escolha própria.	Escolha própria.
Pergunta 8 - O futebol profissional influenciou a sua escolha? Por quê?		
Sim. (Qual é o time que você torce?) Santos (Por quê? Por que o Santos te chamou tanta atenção assim?) Porque meu vô disse pra mim torcer pro Santos...	Sim, meu vô disse pra torcer.	Influência do avô.
(Você gosta de assistir jogo pela televisão ou algo mais?) Aham.	Aham.	Sim.
Influenciou. (Como?) Porque o futebol profissional mostra coisa, mostra coisa que no futsal também tem, mostra que é legal.	Influenciou.	Influência.
Pergunta 9 - Em sua opinião, o que é ser jogador de futebol atualmente?		
Pode seguir carreira.	Carreira.	Profissão.
(Jogador profissional mesmo, como o Neymar, como o Ganso...) É meio que uma inspiração.	Inspiração.	Referência.
Alegria e diversão.	Alegria, diversão.	Alegria, diversão.
Pergunta 10 - Qual é a sua expectativa com relação à prática esportiva?		
Penso em ser um jogador de futebol.	Ser jogador de futebol.	Ser jogador.
(Você gostaria de ser um jogador de futebol?) Sim.	Corredor de moto.	Moto velocidade.

(Você tem outra opção?) Tenho. (Qual seria?) É... corredor de moto. (De moto velocidade ou...) motocross.		
(Você quer ser um jogador de futebol?) Eu quero ser um jogador de futebol profissional. (E se você não for jogador, você vai querer ser o quê?) Médico.	Jogador de futebol, médico.	Jogador de futebol, médico.

Categoria Mirim (11 a 12 anos) Transcrição dos dados Pais Mãe (MM) Pai (PM)		
Pergunta 1 - Para você, o que é Esporte?		
Esporte é, é viver, estar bem com a vida, sair do comodismo.	Vida.	Vida.
Ah, pra mim o esporte é uma maneira de integração, principalmente quando é moleque assim, fazendo novas amizades, sair, por exemplo, não ficar na rua, ter uma atividade pra fazer, esse pra mim é o esporte que interessante é isso pra molecada.	Integração, amizade.	Integração, amizade.
O esporte é acho que... o objetivo do esporte é formar cidadãos né, o esporte traz a socialização, traz a saúde, a consciência, o convívio, o respeito com os colegas, com o ser humano né, então o esporte acho que é essencial na vida de qualquer ser humano.	Formar cidadãos, socialização, saúde, respeito.	Formar cidadãos, socialização, saúde.
Pergunta 2 - Qual é a importância da prática esportiva?		
A importância é saúde, bem estar.	Saúde.	Saúde.
Ah, é o desenvolvimento da própria criança, é o desenvolvimento dela, tanto socialmente, como esportivamente.	Desenvolvimento	Desenvolvimento
É... então, repetindo né como eu falei... formar cidadãos, eu acho que a prática esportiva em primeiro lugar, vem trazer o bem estar físico e mental, então eu acho que a tua atividade física tanto nos fatores emocionais né, tanto nos fatores psicológicos quanto nos fatores físicos, então, prazer né, o esporte acalma, o esporte traz é... a consciência tanto corporal e quanto e traz benefícios em inúmeras áreas, eu acho que é... como eu digo... assim, é muito importante que todas as pessoas tenham alguma afinidade com alguma, algum esporte, com uma modalidade, que se sintam bem, trazendo bem estar físico e mental, saúde de um modo geral.	Bem estar físico e mental, prazer, consciência corporal, saúde.	Corpo e mente e consciência corporal, saúde.
Pergunta 3 - Já praticou alguma atividade física? Qual?		
Já. (Qual?) Basquete, <i>handball</i> .	Basquete, <i>Handball</i> .	Valorização da atividade física.
Ah sim, eu sempre joguei bola, sempre gostei de jogar bola, gosto dos outros esportes, mas só mesmo pra assistir, meu forte mesmo foi sempre jogar bola.	Futebol, jogar bola.	Futebol.
Sim. (Qual?) Vários. Eu sou formada em Educação física, comecei minha atividade física com 4 anos de idade, fiz balé até uns 16 anos, entrei na faculdade, comecei a praticar atividade aeróbica, musculação, alongamento. Hoje, sou personal trainer, ministro aulas e pratico musculação, pratico corrida né, competição, pro bem estar também né e faço Pilates.	Vários, formada em educação física, balé, musculação, corrida.	Valorização da atividade física na formação.
Pergunta 4 - Qual é a sua participação na escolha esportiva de seu filho?		
Bom, ele que decidiu ser jogador de futebol, eu só apoio, só apoio.	Apoio.	Apoio.
Olha, a minha participação é sempre incentivar ele naquilo que ele quer, por exemplo, se ele quer futebol, eu apoio ele no futebol, se ele quisesse outro esporte, também com certeza eu iria apoiá-lo.	Incentivo, apoio.	Envolvimento.
É, eu sempre coloquei na mentalidade deles que em primeiro lugar vem a saúde né, as consequências de uma vida esportiva se tornar ou não um atleta, isso é uma consequência, então primeiro é essa questão de auto conhecimento né e a saúde de modo geral pra poder ter isso pro resto da vida, então funciona como seria uma válvula de escape, hoje o mundo tá muito, é	Direcionamento.	Estrutura, direcionamento.

tudo informatizado, é tudo muito mais fácil né, então as pessoas e os relacionamentos, as pessoas não se comunicam, então o fato... eu sempre coloquei isso pros meus filhos, mas nunca obriguei eles a fazerem nada, a gente vê, por ser professora de educação física é, às vezes, algumas pessoas acham assim, seus filhos fazem esporte porque você obrigou, não, eu sempre deixo eles muito à vontade e essa fase mirim dos 12, 13 anos, entrando nessa pré-adolescência, a tendência deles é querer experimentar várias modalidades até se encontrarem em alguma né e a gente não pode obrigar, tem que deixar, porque primeiro pequenininho a gente né coloca atividades mais, natação, o próprio futebol né e agora eles começam a ter mais escolhas também.		
Pergunta 5 - Você está de acordo que seu filho pratique futsal? Porque?		
Sim, pra ele é alegria, pra mim também, eu acho que é um bem estar pra ele. É uma qualidade de vida melhor.	Alegria, qualidade de vida.	Lazer, qualidade de vida.
Ah, sim, sem dúvida. (Por quê?) Porque além de trazer o benefício pro preparo físico também, pro preparo físico pra mente, um preparo físico para o futuro, para o homem que ele vai ser no dia de amanhã.	Referência física e mental.	Referência física e mental.
Sim, muito. (Por quê?) Porque ele, é uma atividade que ele socializa, é uma atividade que ele gosta, o pai gosta muito de futebol também né, e ele interagi, tem um outro irmão também que faz, interagi com os colegas, ele participa é... da escolinha e participa também na escola onde estuda né e ele gosta muito.	Socialização, interação, conhecimento.	Socialização, interação, conhecimento.
Pergunta 6 - O futebol profissional tem influência na escolha desta prática esportiva de seu filho? Por quê?		
Também, hoje ele pensa em ser feliz, em ser bom, um dia chegar ao profissionalismo.	Profissionalismo.	Profissionalismo.
Olha é, por exemplo, se você perguntar pra ele, ele acha que sim, porque ele joga, pratica o esporte sempre pensando em ser um profissional né, mas na verdade, eu acho que esporte pra ele é uma maneira de ele estar se integrando socialmente com uma atividade esportiva com os demais colegas, fazendo novas amizades, esse é o meu pensamento.	Integração, amizade.	Integração, amizade.
Sim. (Por quê?) É... o futebol profissional é... eu acredito assim, que a criança, primeiro, ela tem que ter essa formação na escolinha, ela tem que ter a realidade do estudo, não pode começar uma escolinha e já querer ser, porque hoje a mídia nos traz muito isso de ser atleta, por que é uma ilusão, porque atleta ganha bem, porque, então assim eu acho que tem que ser uma atividade feita com prazer, um hobby, saúde né, hoje as crianças estão num nível de gordura muito alto, colesterol, e aí assim, a formação eu acho que para ser atleta profissional, logicamente poucos se destacam, mas quando a gente entra na escolinha e o técnico percebe que há uma chance, que há, então vamos explorar isso de uma forma prazerosa, bem dosada, sem saturar essa criança, então, o futebol profissional é uma construção né, até chegar lá.	Sim, formação.	A pedagogia do esporte na formação da criança.
Pergunta 7 - O que é ser jogador de futebol atualmente?		
Bom, é satisfazer seu lado pessoal e monetariamente. Eles pensam em ser, crescer e ter, quem não tem pensa em ter.	Monetário, ser, crescer, ter.	Ter objetivo, recompensar financeira e reconhecimento.
Hoje em dia, ser jogador profissional é procurar um bem estar pra sua família né, porque, é uma profissão igual a outra né, a gente cresce, estuda, procura ter uma	Crescer, profissão.	Estabilidade, profissão.

profissão né que é pra poder dar um bem estar pra sua família e o jogador profissional, seja ele no futebol, ou judô ou no vôlei qualquer prática esportiva que se fala que é profissional também ele procura desenvolver também essa tarefa pra dar o melhor pra sua família.		
Dedicação, né, primeiro lugar, eu acho que não é fácil como o pessoal acha: é só jogar, não, tem que ter disciplina, isso se aprende tanto acho que na escola também, ter uma formação de estudo, a gente vê muitos jogadores caindo na desilusão após uma carreira bem sucedida, se entregam às drogas, se entregam a... por causa do dinheiro em excesso, então tem que ter a formação a familiar, tem que ter esse conceito junto, a família junto, colocando estudo, colocando a importância do futebol na saúde e lógico, daremos mérito a alguns jogadores se tornar profissional, mas tem que ter uma base para não cair depois numa frustração, numa depressão, porque tem uma mídia envolvida e após isso, a gente vê muitos jogadores famosos tendo essa decepção após.	Disciplina, profissionalismo.	Disciplina e profissão.
Pergunta 8 - Qual é a sua expectativa com relação à prática esportiva do seu filho?		
Que ele seja sempre o melhor, o melhor dele, que seja sempre bom.		Ser o melhor.
Ah, é das melhores né, porque, depois que ele começou a praticar esporte, com certeza, ele melhorou muito, quando ele tá com preguiça de estudar, então logo o primeiro castigo que a gente pensa em dar pra ele, é tirar do futebol dele se ele não quer estudar, entendeu?!	Estudo.	Estudo.
Primeiro lugar eu acho assim, é... o conceito que eu tenho, primeiro lugar a saúde, eu acho que é uma escolha dele, ele continua os estudos, se ele quiser seguir uma carreira, se ele quiser, isso aí vai muito do andar, da participação dele na escolinha, mas não é... (uma consequência) uma consequência, não é o objetivo, o foco principal, o foco principal é que ele faça um atividade com prazer, não fique só no vídeo game, tenha um convívio com os colegas né, benefício da saúde, nós na família temos antecedentes diabéticos, então assim, é importante, e o estudo junto né e levar isso com prazer. Associado até a outras atividades, como ele gosta, como a natação né, atividades que lhe causem benefícios, bem estar, saúde física e mental.	Saúde, atividade física.	Saúde, atividade física.
Pergunta 9 - Como costuma motivar a participação de seu filho nas práticas esportivas?		
Eu costumo incentivar ele a estudar, é ter responsabilidade, é se esforçar, dar o melhor de si, sempre.	Estudo, responsabilidade.	Estudo, responsabilidade.
Ah sim, sempre né, por exemplo, se tem um jogo estou sempre aplaudindo mesmo que ele jogue mal, mas eu falo que ele foi bem, que o time dele foi bem, tô sempre incentivando dessa maneira. (Traz no treino, assisti até treino...) É, às vezes, eu deixo de fazer coisas pra mim pra vim trazê-lo aqui, então quer dizer eu perco... perder tempo não, eu deixo de fazer coisas pra mim pra fazer pra ele.	Apoio, participação.	Apoio, participação.
Eu participo, venho assistir os jogos, os campeonatos, eu torço bastante, como às vezes eu dou aula confesso que eu não consigo vir em todos os treinos, pois eu também sou professora, e o pai está morando, passou no concurso, está morando longe, mas sempre que pode está aqui presente né, motivando uma boa alimentação né, trazendo as crianças nos treinos e trazendo ele no treino o outro irmão também e	Participação, envolvimento.	Participação, envolvimento.

procurando assim, confesso assim, nem sempre dá pra assistir os treinos, mas sempre conversando com eles, motivando, e falando que o importante não é só ganhar nos jogos, mas sim saber perder, isso é esporte.		
--	--	--

Categoria Mirim (11 a 12 anos) Transcrição dos dados Filhos (FM)		
Pergunta 1 - Para você, o que é Esporte?		
Esporte é alegria pra criança, porque pode ser um sonho pro jogador de futebol.	Alegria, sonho, jogador de futebol.	Lazer, futura profissão.
Esporte é você se divertir, fazer o que você gosta com os amigos, essas coisas.	Diversão, fazer o que gosta, amizade.	Lazer.
A diversão, diversão com seus amigos, um passatempo.	Diversão, amizade, passatempo.	Lazer.
Pra mim o esporte é uma prática de lazer, faz bem a saúde também né.	Lazer, saúde.	Lazer, saúde.
Ah, coisa que você pratica, lazer, essas coisas...	Lazer.	Lazer.
É um lazer que você pratica e é uma coisa que não é cansativa, que você tem prazer em fazer.	Lazer, prazer.	Lazer.
Pergunta 2 - Com que idade começou a praticar esporte?		
Acho que comecei com uns 9. (E qual idade que você está hoje?) Agora tô com 12.	9 anos.	9 anos.
Com 6 anos.	6 anos.	6 anos.
8.	8 anos.	8 anos.
Faz bem a saúde, prática de lazer, um monte de coisa.	Saúde, lazer.	Saúde, lazer.
Desde os 7 anos.	7 anos.	7 anos.
4 anos.	4 anos.	4 anos.
Pergunta 3 - Qual é a importância da prática esportiva?		
Como assim? (Qual a importância de você estar praticando esporte?) Pra mim ser um jogador.	Ser um jogador.	Ser jogador.
É não ficar parado né, é fazer atividade física pra se divertir mesmo.	Atividade física, diversão.	Atividade física e lazer.
A diversão com seus amigos. (A socialização né?) É.	Diversão, socialização.	Diversão, socialização.
Não muito, mas de vez em quando pratico vôlei.	Vôlei.	Vôlei.
Ah, me ajuda bastante nos estudos, essas coisas...	Ajuda nos estudos.	A prática esportiva como estímulo para os estudos.
Que você tem sua saúde mantida, que previne pra você várias doenças. (Que mais?) E também porque é legal, você consegue amigos, coisas boas.	Saúde, prevenção de doenças, amizade.	Saúde e socialização.
Pergunta 4 - Pratica outras modalidades esportivas? Qual?		
De vez em quando vôlei, só.	Vôlei.	Vôlei.
Não praticar mesmo, mas, às vezes, eu nado na academia da minha mãe.	Natação.	Natação.
Não, eu não pratico, mas já fiz, assim. (O que você já fez?) <i>Handball</i> , basquete.	<i>Handball</i> , basquete.	<i>Handball</i> , basquete.
Não muito, mas de vez em quando pratico vôlei.	Vôlei.	Vôlei.
Não. (Nunca praticou?) Não.		
Pratico. (Qual?) <i>Handball</i> e já pratiquei judô e natação.	<i>Handball</i> , judô, natação.	<i>Handball</i> , judô, natação.
Pergunta 5 - Por que escolheu futsal?		
Ah, porque futsal é um... queria ser um jogador, meu sonho é ser um jogador. (Jogador de futebol?) É.	Sonho.	Ser jogador.
Ah, porque eu gosto mais de futebol.	Gosto mais de futebol.	Gosta futebol.
Porque é a que mais me interessou, a que mais me interessou. (Por que mais te interessou?) Porque eu não quero jogar <i>handball</i> , não quero jogar com as mãos.	O que mais interessou.	O que mais interessou.
Porque tipo, foi o esporte que mais interessou.	Interessou mais.	Interessou mais.
Ah, ah é um esporte que eu sempre gostei também né, o futsal, é legal né, eu gosto.		
Porque futsal é minha paixão, é uma coisa que eu gosto	Paixão.	Emoção.

muito de fazer e eu faço bem.		
Pergunta 6 - Há quanto tempo você pratica futsal?		
3 anos.	3 anos.	3 anos.
Acho que com 2 ou 3 anos.	2 ou 3 anos.	2 ou 3 anos.
4 anos, por aí.	4 anos.	4 anos.
Tipo, desde pequeno meu pai queria que eu jogasse futebol, aí eu pedi pra ele me matricular aqui, aí ele matriculou. (Seu pai queria, você não queria?) Meu pai queria, eu, mas, mas eu queria mais vôlei, ele quis futebol. (E você tá gostando de praticar futsal?) Tô.	Não foi própria escolha, queria jogar vôlei.	Não foi própria escolha, queria jogar vôlei.
1 ano.	1 ano.	1 ano.
Há 8 anos.	8 anos.	8 anos.
Pergunta 7 - Qual a participação da sua família na escolha deste esporte?		
(Foi você que escolheu ou foi influência de alguém?) Não, eu que escolhi mesmo, eu conversei com meus pais, meus pais gostaram, aí eles deixaram eu jogar.	Escolha própria.	Escolha própria.
(Foi você que escolheu, ou seu pai, sua mãe?) Não, a gente veio aqui viu como funcionava, daí minha mãe me matriculou aqui. (Mas foi por que você pediu?) Aham, eu que pedi.	Escolha própria.	Própria escolha.
Nenhuma, eu que tipo escolhi, eu que escolhi, gostei, pedi pro meu pai e ele veio e me matriculou.	Escolha própria.	Própria escolha.
Influenciou. (Por quê? Você assistiu muito?) Eu assisto muito, vejo os caras jogando. (Você quer ser um deles?) Aham.	Influenciou.	Influenciou.
Ah, sempre me incentivou bastante. (Mas, foi você que escolheu?) Foi.	Incentivo.	Incentivo.
Eles sempre estão me apoiando e me levando em jogos e tudo, independente se podem ou não, dão um jeito de me levar. (Mas, foi você que escolheu?) Sim.	Apoio.	Apoio.
Pergunta 8 - O futebol profissional influenciou a sua escolha? Por quê?		
(Assim, você assistiu muito?) Ah, assisto. (Isso influenciou pra que você gostasse de futebol?) Ah, sim.	Sim.	Sim.
(Você gosta de assistir?) Sim, gosto.	Sim.	Sim.
Sim. (Por quê?) Por causa que tipo, eu comecei a ver os jogos e comecei a gostar, assim, querer jogar futebol.	Sim.	Sim.
Ser jogador é tipo... jogar em um time grande, ganhar dinheiro.	Time grande, dinheiro.	Status.
Sim. (Por quê?) Ah, é muito legal vê eles jogando, ah... legal.	Sim.	Influência.
Sim, pois eu assisto muito e gosto de praticar.	Sim.	Sim.
Pergunta 9 - Em sua opinião, o que é ser jogador de futebol atualmente?		
Ser uma celebridade.	Celebridade	Celebridade
Ai, jogador de futebol? (É, jogador de futebol profissional...) Na minha opinião, jogador profissional? (Isso, como o Neymar, Robinho, Pato...) É uma profissão, coisa que ele gosta de fazer, gostou, sei lá, não sei... mínima ideia.	Profissão.	Profissão.
Não tenho a mínima ideia. (Você acha que o jogador de futebol ganha muito dinheiro?) Sim.	Não tenho a mínima ideia.	Não tenho a mínima ideia.
Um exemplo de alguém. (Você acha uma profissão bacana?) Sim.	Exemplo.	Ser referência.
É você saber jogar futebol e ter responsabilidades e saber fazer suas escolhas.	Responsabilidade, escolha.	Responsabilidade, disciplina.
Pergunta 10 - Qual é a sua expectativa com relação à prática esportiva?		
Como assim? (Você falou que quer ser um jogador de futebol...) É... (Então você pretende ser um jogador de futebol?) Sim. (Mas você tem outra pretensão, por exemplo, assim, se você não for um jogador de futebol,	Servir o exército, bombeiro	Jogador de futebol. Servir o exército, bombeiro.

o que você gostaria de ser?) Servir o exército ou bombeiro.		
(Você gostaria de ser jogador de futebol?) Eu gostaria. (E se você não for jogador de futebol, o que você gostaria de ser?) Não faço a mínima ideia. (Por enquanto você só tem opção de ser jogador de futebol?) Qualquer coisa.	Ser jogador, não tem uma definição, qualquer coisa.	Jogador de futebol.
(Você pretende ser um jogador de futebol?) Sim. (E se você não for, o que você gostaria de ser?) Qualquer coisa.	Qualquer coisa.	Qualquer coisa.
(Você quer ser jogador de futebol?) Sim. (E se você não for, quer ser o que?) Médico.	Ser jogador de futebol, médico.	Ser jogador de futebol, médico.
(Você quer ser um jogador de futebol?) Sim. (E se você não for?) Ah, eu vou estudar muito pra ser um advogado.	Ser jogador de futebol, advogado.	Jogador e advogado.
Que praticar esporte faz bem e que você, muitas vezes, você sai do mundo das drogas, o mundo ruim, você começa a praticar esporte, você muda sua vida. (Você gostaria de ser um jogador de futebol?) Sim. (E se você não for, o que você gostaria de ser?) Estudar, estudar pra ser alguém na vida.	Muda a vida, estudo.	O esporte como agente de saúde e valores, o futebol lazer, o estudo profissão.